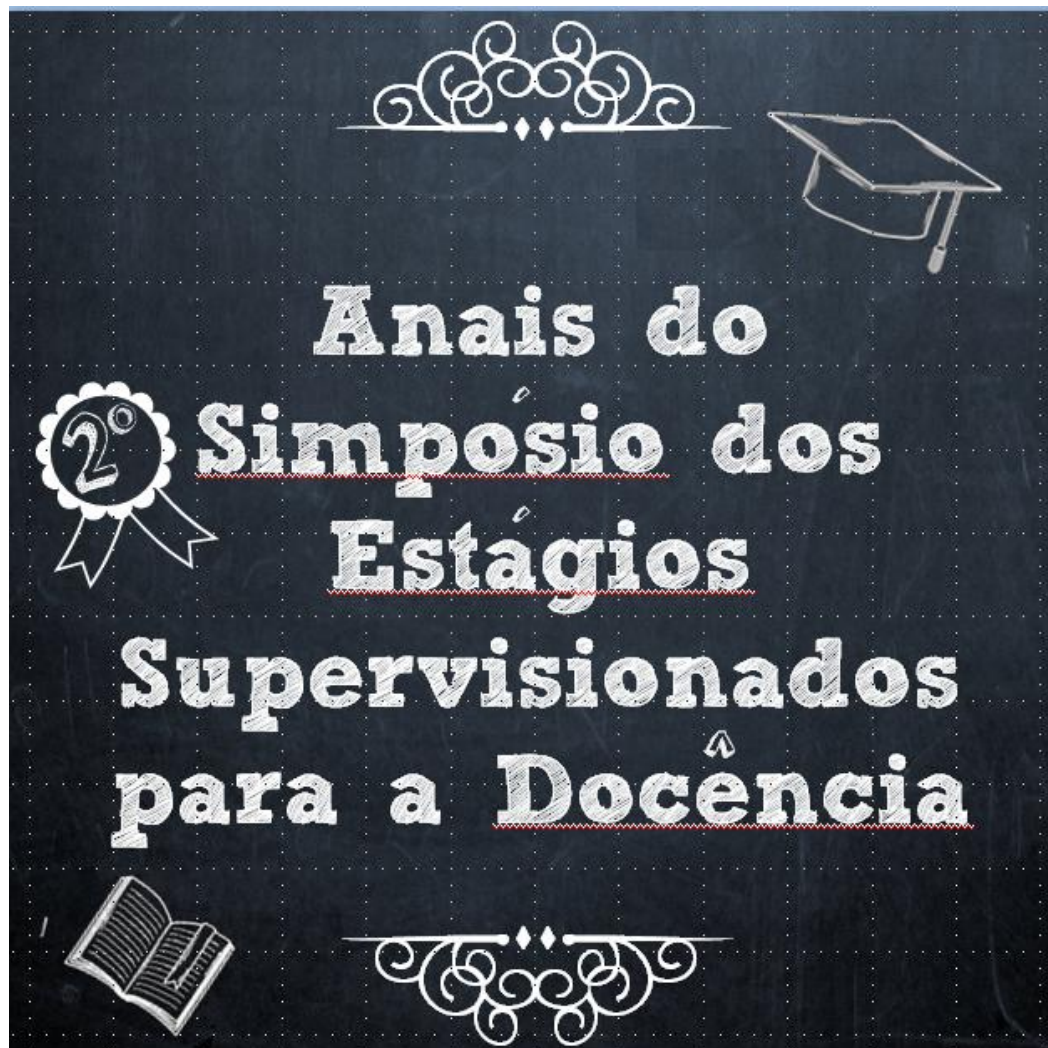


Grupo de Pesquisa em Educação em Ciências na Amazônia

Pesquisa na escola: o professor produtor de saber



**João Victor Figueiredo Cardoso Rodrigues, Saulo César Seiffert Santos
(Org.)**

Manaus 2017



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – SEDDOC

Universidade Federal do Amazonas

Anais do 2º SEDDOC

Coordenador Geral: Prof. Dr. João Victor F. C. Rodrigues.

Vice Coordenador: Prof. M. Sc. Saulo César Seiffert Santos.

Comissão Organizadora:

Ana Claudia Maquiné

Irlane Maia de Oliveira

Jardel Claudino Pereira dos Santos

Lizandra Vieira dos Santos

Thierry Ray Jehlen Gasnier

Welton Yudi Oda

Comissão Editorial:

Coordenadora: Irlane Maia de Oliveira



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDDOC (EDUCIAMA/UFAM)
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



S612 Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência (2.: 2016: Manaus, AM)

Anais do 2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência, 22 e 23 de março, Manaus, AM, Brasil.

ISBN: 978-85-7401-922-2

Disponível em: <http://2sesdoc.weebly.com/>

Tema: Pesquisa na escola: o professor produtor de saber

1. Ensino Superior 2. Educação Básica 3. Estudantes de Licenciaturas I. Rodrigues, João Victor F. C., Coord. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

CDU (1976): 37.02



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



APRESENTAÇÃO

O Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – SEDDOC é um evento científico anual, idealizado pelos professores e alunos do Grupo de Pesquisa em Educação em Ciências na Amazônia (EDUCIAMA), vinculado aos cursos de licenciatura do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Amazonas

Nesta segunda edição do evento, contamos com uma ampla participação de outros cursos de licenciatura da UFAM e de outras Universidades, permitindo complexas discussões de estágio supervisionado para a docência em um cenário multidisciplinar.

O SEDDOC se diferencia de outros simpósios por ter uma natureza de ser um evento construído pelos alunos de licenciatura, para os alunos de licenciatura. Deste modo, o evento contou somente uma palestra principal realizada pelo professor Prof. Danilo Seithi Kato – UFTM com o título: O estágio de Docência em Espaços formais e não-formais e ensino: O estudo do conceito de Biodiversidade para o formação de professores de Ciências e Biologia. Todas as outras atividades resultaram dos trabalhos dos alunos e das discussões temáticas promovidas por eles.

O II SEDDOC incorporou atividades do Fórum das Licenciaturas da UFAM com o tema: Os desafios para a implementação de 10% de créditos curriculares de extensão nos Projetos Políticos dos Cursos - PPC preconizado no Plano Nacional de Educação – PNE; promovendo ampla discussão entre alunos e professores.

A comissão organizadora desses eventos objetivou constituir um espaço privilegiado de intercâmbio de experiências e de aprofundamento de estudos e reflexões sobre o estágio supervisionado para docências e suas práticas inovadoras, fortalecendo o intercâmbio de experiências entre professores, estudantes e pesquisadores da área da Educação

O evento contou com 140 participantes e nele ocorreram: 12 apresentações de trabalhos completos; 1 Palestra Temática; 2 Mesas Redondas; 4 Grupo de Trabalho para discussão das atividades de estágio para docência reunidas em oito eixos temáticos; 4 Minicursos e 1 apresentação cultural coletiva de encerramento.

Os 12 trabalhos completos submetidos e aprovados para comunicação oral compõem esses anais que estão disponibilizados por meio desta interface digital. Essas produções científicas foram avaliadas às cegas e referendadas por dois pesquisadores em Educação. Esse material foi organizado nesses anais de acordo com os grupos de trabalhos do evento: didática; formação de professores; espaços não formais; e políticas educacionais e tecnologias de informação e comunicação.

Fica aqui a memória do evento e o convite à leitura esse material que aponta desafios e possibilidades para a formação dos profissionais da educação no cenário Amazonense.



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



Por fim, é possível afirmar que o SEDDOC, desde sua primeira edição, se consolida como o espaço privilegiado para o intercâmbio de experiências pedagógicas entre professores do Ensino Superior, da Educação Básica, Estudantes de Licenciaturas e demais interessados.

João Victor Figueiredo Cardoso Rodrigues

Universidade Federal do Amazonas

Coordenador Geral do II SEDDOC



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



SUMÁRIO

<i>Títulos</i>	<i>Pág.</i>
Apresentação	4
Grupo de Trabalho 1: Didática	
1 A vivência escolar na rede estadual de ensino do Amazonas em escola da região central de Manaus com alunos do 8º ano <i>Thais Azevedo Brito & Saulo César Seiffert Santos</i>	9
2 Docência, uma motivação no ser professor <i>Tássia Patrícia Silva do Nascimento & Ioná Pereira Magalhães</i>	14
3 A importância da distinção entre calor e temperatura em uma turma do ensino fundamental <i>Winnie Isadora Mendonça & Saulo Cezar Seiffert Santos</i>	19
4 Criação de paródias musicais com a utilização de <i>smartphone's</i> a partir de temas básicos de genética abordados em sala de aula <i>Leonardo Manuel da Silva Neto & Saulo Cezar Seiffert Santos</i>	26
Grupo de Trabalho 2: Formação de Professores	
5 Da observação à docência: formação do/a professor/a de educação infantil no Estágio Supervisionado I <i>Aucimara Souza do Nascimento & Maria do Perpétuo Socorro Marques</i>	35
6 Práticas de ensino do Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Música da UFAM <i>Edna Soares & Lucyanne de Melo Afonso</i>	42
Grupo de Trabalho 3: Espaços Não Formais	
7 Uso de espaços não formais na disciplina de educação física aplicada ao ensino tecnológico como melhoria na qualidade de vida e condição física em alunos do IFAM – Campus Presidente Figueiredo <i>Paulino Pinheiro Gaia, Lana Barros de Matos & Lucilene da Silva Paes</i>	50
Grupo de Trabalho 4: Políticas Educacionais e Tecnologias de Informação e Comunicação	
8 Evasão escolar no CEJA: motivos e dificuldades enfrentadas pelos alunos <i>Thais Santiago do Amaral, Kayla Brasil & Welton Yudi Oda</i>	59
9 A utilização de aparelhos eletrônicos por discentes do ensino médio nas aulas de biologia <i>Rodrigo Augusto M. Pereira</i>	67
10 O estágio docência em espaços formais e não-formais de ensino: o estudo do conceito de biodiversidade para a formação professores de ciências e biologia <i>Danilo Kato, Dayse Silva & Rubia Guimarães</i>	76
11 Análise metodológica adotada no ensino de biologia na Escola Ângelo Ramazzotti <i>Alex Ferreira, Welton Yudi Oda & Maria Nazaré Silva</i>	86



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SESDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



12 Formação inicial de professores no ensino tecnológico: aplicações da pedagogia de projetos e aprender investigando na disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica 1	91
<i>Luciani Andrade & Amarildo Gonzaga</i>	
 Carta aberta SESDOC	 99



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



GT-1

Didática



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



**A VIVENCIA ESCOLAR NA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO
AMAZONAS EM ESCOLA DA REGIÃO CENTRAL DE MANAUS COM
ALUNOS DO 8º ANO**

Thais Azevedo de Brito¹

Saulo César Seiffert dos Santos²

RESUMO

O presente trabalho apresenta a experiência do estágio supervisionado I por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, onde se oportunizou a vivencia escolar na leitura do PPP, observação do cotidiano escolar, identificação dos processos de ensino-aprendizagem utilizados pelo professor de ciências. Dessa forma ensinou o conhecimento da estrutura da escola, vivendo juntamente com o professor os problemas cotidianos durante as aulas, dessa forma o estágio foi uma experiência enriquecedora ao passo de ser ter vivenciado a escola como uma futura profissional da área, analisando e observando as problemáticas encontradas dentro do ensino de ciências, bem como, contextualizar o cenário junto com o professor na universidade observando as literaturas dentro do contexto do estágio e as demandas do aluno/estagiário enquanto inserido na escola.

Palavras-chave: Vivencia; Ciências; Escola.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO RELATO

Instituto de Educação do Amazonas – IEA, turmas do 8º ano. Ao ler o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola encontramos alguns pontos que caracterizam a mesma como uma escola tradicional, porém, livre ao criativo do professor e do aluno, dessa forma vemos que o amplo espaço físico da escola a direciona para esse sistema, onde o professor tem a flexibilidade de expor suas aulas de forma livre e o aluno pode compor esse cenário trazendo ideias inovadoras para o contexto das aulas e do ambiente escolar. Dessa forma foram desenvolvidas na escola atividades de caráter experimental-descritivo com os alunos da turma citada anteriormente, contudo houve seus contrapontos ligados a todos os atores desse cenário escolar.

2 DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

2.1 Vivendo a Escola

Ressalto que o presente estágio foi realizado dentro do programa PIBID, o qual como consta no PPP do curso de Licenciatura Plena em Ciências Naturais da Universidade Federal do Amazonas pode ser aproveitado para o Estágio Supervisionado I com a ressalva do aluno solicitante ter o mínimo de um ano do programa.

¹ Licenciando em Ciências Naturais. Universidade Federal do Amazonas. E-mail: thaisbrito21@gmail.com

² Professor Mestre em Ensino de Ciências na Amazônia. Universidade Federal do Amazonas. E-mail: Saulo.seiffert.at@gmail.com



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



Ao adentrar na escola e vivenciá-la pude experimentar o processo de ensino-aprendizagem do outro lado da história, e esse lado foi o do professor, pois até então me encontrava na condição de aluna. E pude entender muitos dos “bordões” ditos por meus professores enquanto estava na escola e mesmo por alguns que encontro ao longo da graduação, como, “Aprender é um papel essencialmente seu (aluno), o meu é o de conduzi-lo ao conhecimento (professor)”. Muitos pesquisadores da área de ensino dizem que o aprendizado do aluno está nas mãos do professor, porém enquanto vivenciava o estágio passou-se a perceber o quanto está teoria pode ser errônea, onde muitos professores tanto se empenharam para que esse processo se desse de forma eficiente para o aluno e o mesmo não se faz participante desse processo ou mesmo se faz disposto a aprender os conteúdos previstos no PCN, da mesma forma não havia a participação da família quando solicitada a se fazer presente diante das demandas no processo de aprendizagem do aluno apresentadas pelo professor ou pedagogo da escola.

Ao encontramos essa realidade vemos o quanto o sistema público não reflete a verdadeira realidade, pois antes de adentrar a realidade escolar temos um primeiro contato com o “papel” (PPP) onde se tem os dados da escola, “papel” (PPP) esse que se faz caracterizar uma “fantasia”, fato tal que no PPP vemos que o índice de reprovações são muito baixos fato que se mostra contraditório ao se ouvir a fala da professora de Ciências “Precisamos realizar diversas atividades extras para que eles não reprovem, pois somente com as atividades previstas no planejamento eles reprovariam”, tal cenário escolar direcionasse a incapacidade de solucionar as mazelas do aluno, não conseguindo trazê-lo para dentro do processo onde o mesmo faz-se necessário.

É muito comum o aluno em estágio ser caracterizado dentro da escola como alguém que está adentrando a escola para apontar as falhas ou como uma forma de “quebra galho” na ausência do professor da disciplina (isso vemos no cotidiano, e mesmo em relatos de estágio e em literaturas sobre) que está estagiando e em alguns casos até de outras disciplinas como pude presenciar dentro do processo participante.

Ao se discutir com o professor o contexto encontrado na escola é possível constatar que a realidade destoava do apresentado no teórico, dessa forma discutiu-se onde pode ser mudado esse contexto. Um dos cenários encontrados no PPP e que não fazia jus a realidade foram as saídas para excursões e passeios escolares, quando nos dados obtidos constava-se que essas saídas eram uma constante para que as aulas tivessem relação com a vivenciada na sala de aula e/ou no laboratório de ciência, a realidade encontrada baseada nos relatos do professor da disciplina era que as saídas são difíceis de serem realizadas por problemas de logística na Secretaria de Educação que não disponibilizava os ônibus, com o discurso que não há quantidade suficiente para atender a todas as solicitações das Escolas Estaduais. Outro problema relatado pelo professor era a falta de equipamentos para as aulas práticas de ciências, segundo relatado havia uma quantidade inferior para a demanda das turmas, o que foi constatado durante as aulas no laboratório em que os alunos se amontoavam para tentar visualizar o que estava sendo trabalhado.

Ao iniciar o estágio na escola nos foi proporcionado abertura da escola para que participássemos do cotidiano escolar, porém como dito anteriormente vemos que culturalmente, o estagiário é visto como alguém intruso que não faz parte da escola. Dentro desse contexto o estagiário está dentro de duas visões: 1. O professor e direção, que uma visão



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



do estagiário como alguém que não faz parte do contexto escolar e que pode atrapalhar a escola com suas observações vistas geralmente como críticas negativas, ou em outro cenário visto como alguém que pode substituir o professor na sua ausência na escola; 2. Pelo aluno que o vê como uma “atração” na sala de aula, em que o estagiário é diferente do professor e por muitas vezes os alunos fazem comparações entre os estagiários e o professor, causando conflitos em que o professor parecer perder a atenção dos alunos em vista do estagiário ser uma novidade e que sempre traz novidades para a sala de aula.

2.2 Intervindo no Processo de Ensino-Aprendizagem

Ao vivenciar o Estágio Supervisionado I por meio do PIBID, foi possibilitado a criação de um projeto de intervenção dentro da necessidade encontrada durante as aulas de ciências e dentro dos diálogos com o professor de ciências. Dessa forma foi construído um projeto dentro do ensino de fisiologia do sistema digestivo, tudo dentro do que o PCN (BRASIL, 1998) abrange para o tema dentro do terceiro ciclo, trazendo para a prática escolar experiências dentro do tema, dessa forma foi estudado como trabalhar a fisiologia dentro de práticas laboratoriais.

Depois do projeto elaborado passou-se a fase de execução, porém nessa fase esbarrou-se no problema citado acima em que o estagiário passa a ser um “quebra galho”, isso se deu porque o professor de ciências precisou se ausentar da escola ao passo disso se deu que a aula programa dentro do projeto se deu somente pelo estagiário sem a presença do professor ou mesmo com alguém que pudesse auxiliar o estagiário durante a aula.

Então temos o Estágio Supervisionado como um processo da formação do discente em sua construção da identidade profissional, mas para isso é necessário que a universidade intervenha nesse processo para que o mesmo seja legítimo em seu processo e passe a não participar dessas mazelas em que o estagiário deixa de ter o seu momento de reflexão entre a realidade escolar e o lido dentro da universidade. “Nos cursos de graduação o estágio supervisionado de licenciaturas, oferecem uma importante oportunidade para que o acadêmico vivencie a realidade, aprofunde habilidades e conhecimentos em sua área de estudo, além de conhecer o futuro ambiente profissional” (CARDOSO, et al, 2011). Dentro da fala de Cardoso temos que o estágio traz a realidade escolar para a vida do estagiário.

Sendo assim o estágio procura gerar a interação entre a prática e o conhecimento teórico adquirido, e esse processo se dá através de sua aplicação, debate, reflexão e reelaboração do processo. “Sendo que, muitas vezes é na prática de ensino que o licenciado em ciências biológicas terá o primeiro contato real e contínuo com a escola como espaço de produção e de conhecimento” (MENDES, MUNFORD, 2005). Mas para tal é necessário que a escola não seja vivida somente como uma extensão do estágio, mas como sendo o espaço do mesmo.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

Dentro do processo do estágio podemos identificar diversas falhas, tais quais foram citadas anteriormente, dentro dessa realidade podemos fazer uma reavaliação do mesmo para que essas problemáticas deixem de ser culturalmente executadas pelos professores e demais



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



funcionários dentro da escola e mesmo aceitas pelos alunos dentro do processo do estágio. Dessa forma vemos que o estágio como componente curricular traz consigo algumas demandas que necessitam ser sanadas para que durante esse processo o graduando seja oportunizado a discutir a realidade encontrada ao adentrar a escola, sendo ela pela primeira vez ou não como um futuro profissional da educação.

No ensino brasileiro o estágio supervisionado atual, a configuração do currículo escolar dos ensinos médios e fundamental devem ser debatidos, para que a escola possa desenvolver adequadamente seu papel na formação de cidadãos, neste processo a biologia pode ser uma das disciplinas mais relevantes e merecedoras da atenção dos alunos, dependendo do eu for ensinado e da maneira que isso for feito (KRASILCHICK, 2008).

É necessário se pensar no estágio como o campo onde identificamos, debatemos e buscamos novos caminhos e soluções para os problemas dentro do ensino e dentro da escola como conjunto que forma cidadãos que irão compor uma sociedade que anseia por pessoas formadoras de opinião e capazes de propor soluções diante dos problemas sociais, políticos e morais. Sendo assim esbarramos na necessidade de se discutir o Estágio Supervisionado dentro da universidade, pois vê-se como necessária a mudança do professor na escola e esse comportamento deve ser trabalhado durante o estágio.

Não se pode ter uma visão unilateral do estágio, visando-o como o momento em que o aluno adentra a escola como um futuro profissional da área somente para cumprir uma carga horária obrigatória para que se finde o seu processo de formação, mas é necessário que se tenha o estágio como o momento em que podemos observar e também ver a escola como o objeto de pesquisa para o estagiário, onde ele irá não somente cumprir uma carga horária mas sim investigar e propor soluções para os problemas da escola e mesmo saiba como lidar com os mesmos em sua futura vida profissional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do cenário encontrado no Estágio I compreende-se que é necessário que seja feito um aperfeiçoamento para o que mesmo cumpra sua função diante a formação do professor, formando um profissional crítico que leve os conhecimentos adquiridos na academia para o contexto escolar, procurando a melhoria no processo do ensino. Formando assim não somente um docente mas também um pesquisador que se empenhe em estudar os problemas da educação a fim de trazer mudanças positivas diante de um sistema que exige um profissional capaz de inovar e revolucionar o ensino, mesmo que esse mesmo sistema nem sempre se faça presente nessa mudança.

Para que assim tenhamos profissionais capazes de abraçar o desafio da educação, bem como, eficiente em diagnosticar os desafios diante de uma sociedade cada vez mais exigente, englobando assim as mudanças que a educação pode trazer para o mundo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



CARDOSO et al. **Estágio Supervisionado em Unidades de Produção Agrícola**. Editora da UFRGS. Porto Alegre/RS, 2011. 100p.

KRASILCHICK, M. **Tendências do Ensino de Biologia no Brasil**. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo/SP, 2008. 195p.

MENDES, R; MUNFORD, D. Dialogando saberes- Pesquisa e Prática de Ensino na formação de Professores de Ciências e Biologia. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**. UFMG, v.7, n;3, 2005.



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



DOCÊNCIA, UMA MOTIVAÇÃO NO SER PROFESSOR

Tássia Patricia, Nascimento¹ Ioná Magalhães²

RESUMO

O Plano de Intervenção de Filosofia da Educação & Cultura tem como objetivo evidenciar as várias iniciativas e o relato de experiência do estágio curricular e o papel desempenhado pelo professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM Campus Centro) onde foi realizada a análise e relato de experiência com os alunos do curso de filosofia do primeiro ano do ensino médio, onde foi relatada sobre a análise do papel desempenhado pelos estagiários da disciplina com o interesse em evidenciar a importância de explicar para os alunos sobre o papel que a filosofia tem em nossa vida de uma forma lúdica e avaliado o desempenho de todos os alunos de acordo com seu entendimento cultural. O estudo traz uma revisão bibliográfica acerca dos conceitos de do estágio curricular na formação pedagógica de professores licenciatura em filosofia na avaliação por desempenho, competências, plano de estágio, além da descrição de todas as fases do estágio curricular.

Palavras-chave: Estágio supervisionado, docência, alunos, Plano de Intervenção.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO RELATO

Segundo Mafuani (2011), a experiência do estágio é essencial para a formação integral do aluno, considerando que cada vez mais são requisitados profissionais com habilidades e bem preparados. Ao chegar à universidade o aluno se depara com o conhecimento teórico, porém muitas vezes, é difícil relacionar teoria e prática se o estudante não vivenciar momentos reais em que será preciso analisar o cotidiano. Desta forma, essa etapa do estágio supervisionado em filosofia, objetivou a inserção do estagiário na escola, buscando entender o seu funcionamento e coletando dados e, principalmente, a observação de aulas na disciplina filosofia das turmas do primeiro ano do ensino médio.

Segundo Bianchi et al. (2005), essa etapa lhe proporciona uma oportunidade para perceber se a sua escolha profissional corresponde com sua aptidão técnica. Esta atividade é oferecida nos cursos de licenciatura a partir da segunda metade dos mesmos, quando o graduando já se encontra inserido nas discussões acadêmicas para a formação docente e ela é apenas temporária.

No sentido de compreender o estágio como via fundamental na formação do professor, é essencial considerar que o mesmo possibilita a relação teoria-prática, conhecimentos do campo de trabalho, conhecimentos pedagógicos, administrativos, como também conhecimentos da organização do ambiente escolar, entre outros fatores. Dessa forma, o objetivo central do estágio é a aproximação da realidade escolar, para que o aluno possa

¹ Graduanda em Filosofia. Instituto Federal do Amazonas/IFAM. E-mail: tassiapatricia.tp@gmail.com

² Pós Graduanda em Docência em Filosofia. Instituto Federal do Amazonas/IFAM. E-mail: ionapmagg@gmail.com



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



perceber os desafios que a carreira lhe oferecerá, refletindo sobre a profissão que exercerá, integrando - o saber fazer – obtendo (in) formações e trocas de experiências. Borssoi, (2008).

De acordo com Barreiro e Gebran (2006, p. 20) “o estágio [...] pode se construir no lócus de reflexão e formação da identidade ao propiciar embates no decorrer das ações vivenciadas pelos alunos, desenvolvidas numa perspectiva reflexiva e crítica, desde que efetivado com essa finalidade”. Pimenta e Gonçalves (apud PIMENTA; LIMA, 2004, p. 45) “consideram que a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará” [...] as autoras defendem “uma nova postura, uma redefinição do estágio, que deve caminhar para a reflexão, a partir da realidade”.

O presente trabalho tem por objetivo relatar as atividades desenvolvidas durante o Estágio Curricular Supervisionado I, II do curso de Licenciatura em Filosofia. Neste relatório está inserido todo o trajeto durante as etapas de cada estágio. O Estágio Curricular Supervisionado I e II foi realizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (Ifam Campus Manaus Centro), no período de 25 de Março a 03 de Dezembro de 2015.

2 DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

A primeira fase do estágio supervisionado II foi a implementação do projeto de intervenção e inserção do discente na instituição do estágio, elaboração do plano individual de estágio (PIE) conforme modelo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (Ifam), e um relatório parcial de estágio, sob as orientações e reuniões com a coordenadora e o professor de estágio.

Nesta primeira fase conhecemos o funcionamento da instituição, dentro da nossa área de atuação, tendo acesso ao plano de atuação do professor de filosofia, assim como as atividades, projetos e programas devolvidos pelo professor de filosofia.

Nas primeiras atividades foram utilizados objetos de estudo no campo de atuação do professor de filosofia, como debates palestras nas aulas e etc. que ocasionou um ambiente favorável para a troca de experiência entre estudantes e profissionais promovendo também diálogo, entre supervisores de ensino e supervisores de campo através das visitas realizadas no local da implementação do projeto de intervenção.

Na segunda fase as nossas atividades passaram a ser diretamente ligadas aos procedimentos da implementação do projeto de intervenção como a participação na elaboração do relatório e documentos específicos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas- Ifam Campus Manaus Centro, no Estado do Amazonas. As práticas pretendem auxiliar o aluno do Ensino Médio do Primeiro ano, do curso de Filosofia, a perceberem a importância da filosofia em nossa contemporaneidade com a participação da supervisora de campo e do estágio. II O relatório da ação realizada no dia 02 de junho de 2015 no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas- Ifam Campus Manaus Centro para implementação do projeto de intervenção e ação planejada e programada pela acadêmica do curso de formação Pedagógica em Filosofia juntamente com o professor Jordan Lima Perdigão, como objetivo de realizar um dia de lazer e informações para os alunos do Ensino Médio do Primeiro ano do curso de Filosofia, que contou com o apoio do professor de filosofia e além de outros parceiros da própria instituição.



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



Nos dias anteriores ao evento foram selecionados os materiais utilizados na elaboração do plano de intervenção, com intuito de mostrar a importância da disciplina de filosofia para entendermos como funciona a nossa vida.

Assim, abordando os conteúdos planejados, realizamos o estágio de regência de aulas em uma turma do 1º ano do ensino médio, utilizando duas Unidades Temáticas, cujo tema foi Conhece - te a ti mesmo, Mito da caverna, com o objetivo de favorecer a construção de uma correlação entre a forma mitológica de entender o mundo (Mito) e a maneira de explicar como e porque, no passado, presente e futuro as coisas são como são (Filosofia).

Participaram do evento 80 alunos com idade entre 15 e 18 anos de idade, no dia da ação os alunos foram recepcionados pelas acadêmicas de filosofia Tássia Patricia Silva do Nascimento e Ioná Pereira Magalhães, e pelo professor Jordan Perdigão. No primeiro momento aconteceu a apresentação e abertura das atividades para os alunos do primeiro ano do ensino médio, os alunos foram divididos em dois grupos na sala de aula para a construção da paródia com base em música a partir de situações-problemas envolvendo a filosofia. Aplicação de atividades desenvolvidas com base em textos de filmes com temas filosóficos e ao longo desse mês as atividades foram apresentadas e desenvolvidas de acordo com o cronograma tendo diariamente duas aulas de Filosofia.

Segundo Cortella (2009, p. 21), vale salientar sobre a necessidade da Filosofia: “A sua necessidade manifesta-se na contínua e processual colocação da pergunta pelo sentido das coisas do mundo, do humano, do conhecimento”.

Os alunos precisam compreender que a Filosofia tem um grande papel a desempenhar, pois se, por um lado, a realidade, a educação e a Filosofia são determinadas, por outro lado, também são determinantes sociais. A Filosofia deve instigar a todos à transformação da sociedade pelo contínuo questionamento da realidade existente.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

Considerações críticas da experiência.

Nesta perspectiva, faz-se necessário uma carga horária adequada, levando a Filosofia a cumprir este papel, pois uma (1) hora/aula semanal é muito pouco para o processo de ensino e aprendizagem.

Vale ressaltar que a pouca carga horária da disciplina me impediu, por algumas vezes, de seguir à risca o plano de Unidade Temática que visava dinamizar as aulas e levar os alunos a mergulhar intensamente nas reflexões filosóficas.

Vale ressaltar que a nossa falta de maturidade em sala de aula foi à grande dificuldade, encontrada, pois não somos professoras o que nos fez refletir sobre as aulas que lecionamos, nos fazendo refletir sobre a teoria e a prática da ação educativa. Assim, destacamos que a turma do 1º ano foi a mais fácil de trabalhar. A escola está localizada no centro da cidade numa região de alunos de classe média. Sendo assim, alguns alunos desta turma trazem características de estrutura familiar boa e poucos alunos demonstram falta de interesse pela disciplina de Filosofia, chegando, por diversas vezes, a atrapalhar as aulas.

O plano de intervenção foi muito gratificante, pois nos possibilitou fazer uma busca nos conteúdos para elaboração junto aos alunos do primeiro ano do ensino médio, onde



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



podemos utilizar a filosofia para a turma que veio ao encontro dos interesses e indagações dos alunos do primeiro ano do ensino médio, mas que, suscite nele um desejo e a curiosidade de aprender a pensar de forma crítica e reflexiva sobre questões do nosso cotidiano de uma forma mais dinâmica.

Inicialmente, sentimos um clima hostil quando começamos a ministrar as aulas para aplicar o plano de intervenção. Algo como uma indiferença dos alunos ao conteúdo. Mas aos poucos fomos sentindo que o clima da sala estava melhorando. Como tínhamos pouco tempo de aula a aula tinha duração de 40 minutos, mas acabava durando em média 30 minutos devido ao atraso dos alunos, raramente tínhamos conversas informais que fugissem aos temas abordados em aula. Sempre que eles iniciavam alguma conversa fora do contexto de aula, imediatamente buscávamos retomar as discussões que se relacionavam com o conteúdo que estava passando.

Vale ressaltar que a pouca carga horária da disciplina nos impediu por algumas vezes, de seguir o plano de Unidade Temática que visava dinamizar as aulas e levar os alunos a mergulhar intensamente nas reflexões filosóficas.

O tempo em que permanecemos nas salas, procuramos participar ativamente das atividades pontualmente e assiduamente desenvolvidas na escola, auxiliando o professor com os alunos, ajudando nas explicações dos assuntos, mantendo a ordem em sala de aula, e atender individualmente os alunos enquanto realizavam as atividades propostas de iniciativa. Acreditamos que a experiência foi muito gratificante e de grande valia para nossa vivência como professoras. As atividades realizadas foram bastante proveitosas para os alunos e dessa forma iram olhar a disciplina de filosofia de outra forma, terão o desejo e a curiosidade de aprender a pensar de forma crítica e reflexiva sobre questões do nosso cotidiano de uma forma mais dinâmica.

Porém, alguns pontos positivos da turma mencionada devem ser salientados: os recursos não-filosóficos prenderam a atenção de alguns alunos, ou seja, o Plano de Unidade Temática foi de grande valia, embora nem sempre tenha sido cumprido, por motivos que já citamos anteriormente.

Citamos um exemplo: em uma de nossas aulas, utilizamos o plano de intervenção, uma música da cantora Pitty relacionado ao mito da caverna, mostrando a relação entre a música e o mito de Platão que expressa que as escolhas que fazemos podem estar corrompidas pelo consumismo contemporâneo, expressa que fazemos escolhas influenciadas por falsas necessidades, por interesses exteriores a nós mesmos. Mostrando que precisamos nos libertar da caverna imposta em nossa sociedade, isto é, a comparação feita pela música, entre nós e os robôs, retrata justamente o modo como somos “programados” a realizar escolhas que beneficiam interesses que não são necessariamente os nossos, a escolher coisas que não precisamos, a fazer coisas que podem até estar contrárias a nossos interesses. Que garantiu uma boa participação dos alunos, levando-os a refletir sobre o mundo e despertando em nós certa motivação neste processo de formação para a prática da docência.

No último dia refletimos sobre a turma e o que o plano de intervenção deixou para os alunos do curso do primeiro ano. Muitos deles terão a partir de agora um pensamento questionador, uma capacidade de analisar, compreender e criticar textos filosóficos, pensamos que conseguir isso com auxílio do projeto de intervenção e a ajuda do professor Jordan Lima Perdigão contribuiu para um enriquecimento intelectual desses alunos.



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As etapas que visaram atender os parâmetros exigidos dos componentes curriculares Estágio Supervisionado em Filosofia 1, 2, tais como: a coleta de dados no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas- Ifam Campus Manaus Centro; a entrevista com o professor de filosofia; a etapa de observações feitas em sala de aula; e a regência de aulas, despertou-nos um olhar crítico-reflexivo acerca do processo de ensino-aprendizagem, cumprindo seu papel na formação de um futuro docente da disciplina em questão.

Por fim, reconhecemos que o Estágio Supervisionado cumpriu sua finalidade de ser um período de valorização da relação entre teoria e prática do futuro professor, agregando ao estagiário um momento oportuno de construção do conhecimento, habilitando-o para o exercício da formação pedagógica ao menciona a disciplina. Desta forma, a experiência do estágio de regência nos fez admirar ainda mais a “educação”, mesmo diante da triste realidade em que ela se encontra e, conseqüentemente, abrirá caminhos para futuras pesquisas que venham a se realizar a partir do estágio III.

Diante dessa ação planejada e executada por todos que estavam envolvidos agradecemos aos alunos do primeiro ano do ensino médio e, aos colaboradores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas Ifam – CMC. Principalmente ao professor Jordan Perdigão, por me avaliar de forma justa e por nos confiar sua turma para que conseguíssemos realizar o estágio aplicando os planos de intervenção

REFERÊNCIAS

CORTELLA, Mario Sergio. **Filosofia e ensino médio**: certos porquês, alguns senões, uma proposta. RJ: Vozes, 2009. p. 17-26.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 33-57. (Coleção docência em formação; Série Saberes Pedagógicos).



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



A IMPORTÂNCIA DA DISTINÇÃO ENTRE CALOR E TEMPERATURA EM UMA TURMA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Winnie Isadora Costa Mendonça¹
Saulo Cezar Seiffert Santos²

RESUMO

É importante que o aluno saiba claramente distinguir o conceito e a aplicação de calor e temperatura no ensino fundamental evitando que futuramente aprendam conceitos mais avançados, sem uma base, com isto o presente projeto buscou proporcionar aos alunos uma aprendizagem significativa, por meio da montagem de um recurso didático: simulador de efeito estufa, com a finalidade de identificar a propagação de calor e a variação de temperatura, analisando a diferença de um e de outro, relacionadas às suas concepções cotidianas.

Palavras-chave: Aprendizagem significativa; Simulador de Efeito Estufa; Atividade Experimental.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO RELATO

Calor e temperatura não têm o mesmo significado e isso tem causado dificuldade no ensino de ciências, os alunos possuem somente seus conhecimentos prévios, trazidos da construção de seu repertório de palavras usadas pela sociedade. É importante que o aluno saiba claramente distinguir o conceito e a aplicação de calor e temperatura no ensino fundamental, pois dependem da concepção de ambos expressos na linguagem do cotidiano além de evitar que os estudantes futuramente aprendam conceitos mais avançados, sem uma base.

O presente projeto teve por objetivo proporcionar aos alunos uma aprendizagem significativa, por meio da montagem de um recurso didático: simulador de efeito estufa, com a finalidade de identificar a propagação de calor e a variação de temperatura, analisando a diferença de um e de outro, relacionadas às suas concepções cotidianas.

O projeto foi aplicado a uma turma do 9º ano do ensino fundamental no turno matutino da Escola Estadual Tiradentes, localizada no município de Manaus com aproximadamente 33 alunos ao total. O projeto durou três semanas entre o tempo de aplicação do questionário, desenvolvimento das aulas e montagem do simulador (CIÊNCIA A MÃO, 2016). Realizado como parte de Projeto de Pesquisa para o PIBID Ciências³.

2 DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

¹ Licenciando em CIÊNCIAS NATURAIS. UFAM. E-mail: winnieisadora2@gmail.com

² Mestre em Ensino de Ciências. Departamento de Biologia. ICB-UFAM. E-mail: saulo.seiffert.at@gmail.com

³ PIBID - Programa Institucional de Bolsa de iniciação a Docência - Ciências Naturais - ICB - UFAM



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



O projeto teve como base a teoria de David Ausubel, em que, ensinar sem levar em conta o que a criança já sabe é um aprendizado vazio, pois, o novo conhecimento não terá onde se ancorar. Foram discutidas as principais características das concepções cotidianas de calor e temperatura, de forma a não extinguir as teorias dos alunos, estabelecendo assim, uma relação entre o conhecimento prévio e as novas informações.

2.1 O projeto foi dividido em cinco aulas

1ª Aula - Aplicação de um questionário prévio;

Sem qualquer introdução de conteúdo referente à temática, foi aplicado à turma o pré-teste, com questões de múltipla escolha. O teste serviu para avaliar o que os alunos traziam consigo de conhecimento prévio.

- 2ª Aula - Aula dialogada com Mapa Conceitual;

Na segunda aula utilizou-se da técnica de aprendizagem significativa: mapas conceituais. Em que os alunos foram instigados a discutir e responder os seguintes questionamentos “Qual a diferença de calor e temperatura?” e “O que tem de comum entre os dois?” ao longo da discussão foi construído no quadro um mapa conceitual, com o que foi dito pelos alunos, distinguindo calor de temperatura. Após isso foi realizada uma exposição dialogada dos conceitos de temperatura e calor apresentando em PowerPoint por esquema de animação, assim realizou-se uma comparação com o que foi dito pelos alunos na construção do mapa conceitual.

- 3ª Aula - Prática Demonstrativa;

Essa aula foi realizada no laboratório. Com o objetivo de demonstrar aos alunos na prática dois dos três tipos de propagação do calor, condução e convecção.

A demonstração iniciou-se primeiramente com a condução, em que se usou como material um arame, vaselina e uma vela. Ao longo do arame foi pingado vaselina líquida que logo depois voltou a seu estado natural, sólido, em seguida a ponta do arame foi levada ao fogo e os alunos puderam observar que em quanto a ponta do arame se aquecia a vaselina derretia, concluindo-se a propagação do calor ao longo do arame.

A segunda demonstração usou-se como material, um bquer, bico de bunsen, tela de amianto, tripé e corante. Dentro do bquer foi despejado um pouco de água e, com uma seringa depositado no fundo algumas gotas de corante foi levado ao fogo, com o passar do tempo os alunos observaram que a água que estava em cima desceu para o fundo e o corante que estava em baixo subiu para a superfície, acontecendo a propagação por meio da convecção.

- 4ª Aula - Montagem do simulador de efeito estufa;

Os alunos se dividiram em grupos de seis e trouxeram os materiais de baixo custo que foram solicitados para a montagem, sendo eles:

- Copo de vidro (de preferência extrato de tomate);
- Papel laminado;
- Caixa de sapato;
- Tesoura;



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



- Filme plástico;

2.2 Procedimento

As equipes forraram a caixa com o papel laminado, pôs o 1º copo com água dentro e envolveram com filme plástico, em seguida a caixa foi colocada sob a luz de uma lâmpada e ao lado o 2º copo com a mesma quantidade de água. Foram aguardados 10 minutos e as equipes fizeram a medição da temperatura com a ponta do dedo para comparação da água que estava dentro da caixa com a que estava fora. A turma discutiu e realizou anotações da comparação, do tipo de propagação de calor e a variação de temperatura. Observe as figuras (Figura de 01 a 05).



Figura 01: Forrando a caixa com papel alumínio.



Figura 02: Forrando a caixa com papel alumínio.



Figura 03: Envolvendo com plástico filme.



Figura 04: Exposição à luz por 10 minutos.



Figura 05: Medindo a temperatura com a ponta do dedo.

- 5º Aula - Questionário posterior;



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



O pós-teste foi para constatar se houve aprendizagem significativa por parte dos alunos.

As questões lançadas no pré-teste foram de nível fácil, com o intuito de somente sondar o que os alunos possuíam de conhecimento prévio. No resultado a porcentagem da margem de acerto foi superior à de erro, isso mostra que os alunos têm um bom conteúdo cognitivo voltado para a temática.

A construção do mapa conceitual foi usada para esclarecer e descrever as ideias que os alunos tinham sobre a temática, abrindo suas mentes, indo além da sua percepção, agregando o saber do colega e construindo um novo conceito. Pois à medida que o conhecimento prévio serve de base para a atribuição de significados à nova informação ele também se modifica, ou seja, o que se sabe vai adquirindo novos significados, se tornando mais diferenciado e crítico. A estrutura cognitiva está constantemente se reestruturando durante a aprendizagem significativa.

Para Penin e Vasconcellos (1994; 1995 apud DEMO, 2011, p.9) “a aula que apenas repassa conhecimento, ou a escola que somente se define como socializadora do conhecimento, não sai do ponto de partida, e, na prática, atrapalha o aluno, porque o deixa como objeto de ensino e instrução. Vira treinamento”. Para isso o aluno precisa ser transformado em sujeito da ação possibilitando a aprendizagem significativa.

Para a construção do simulador a equipe toda se envolveu e explicaram posteriormente os resultados, como o “porque” da água que estava dentro do copo esta com maior temperatura, a explicação dada foi que o ar que estava dentro da caixa se aqueceu, aquecendo a água do copo. No processo os alunos tiveram a oportunidade de discutir resultados, manipular materiais, serem desafiados a observar e interpretar resultados alcançando as conclusões de modo natural e prazeroso.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

Etapas	1 Sem	2 Sem	3 Sem
Questionário pré-teste	x		
Aula dialogada com Mapa Conceitual	x		
Prática Demonstrativa		x	
Montagem do Simulador de Efeito estufa		x	
Questionário pós-teste			x

Quadro 01: Cronograma das atividades.

Houve duas aulas em cada semana, com um intervalo médio de dois dias entre cada uma.

3.1. Análise dos Questionários Pré-teste

A maioria dos alunos mostrou saber as respostas frente ao resultado do teste, mas quando indagados sobre suas respostas não souberam responder de forma clara demonstrando dúvidas quanto ao assunto. Deixando evidente que traziam somente palavras e conceitos



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



usados pela sociedade sem saber o aprofundamento destas. O Pré-teste foi aplicado na primeira aula de cinco aulas. Veja as tabelas (Tabelas 01 a 03).

Quanto a propagação de calor, é melhor cozinhar com uma colher de:

RESPOSTAS	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
a) Madeira	25	78,13%
b) Metal	7	21,88%
TOTAL	32	100%

Tabela 01: Relação do material da colher e a colher.

Em Manaus a temperatura chegou a 40°, podemos afirmar que neste dia:

RESPOSTAS	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
a) Estava Quente	17	53,13%
b) Estava Calor	15	46,88%
TOTAL	32	100%

Tabela 02: Relação da sensação térmica e a temperatura.

“Transferência de energia de um corpo a outro devido a diferença de temperatura entre eles”. Esta é a definição de:

RESPOSTAS	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
a) Calor	17	53,13%
b) Temperatura	15	46,88%
TOTAL	32	100%

Tabela 03: Compreensão sobre transferência de energia térmica.

3.2. Análise dos Questionários Pós-teste.

No questionário pós-teste algumas perguntas foram repetidas e outras formuladas voltadas diretamente para a atividade realizada como a primeira, que veio de forma a extrair dos alunos seus conhecimentos adquiridos sobre a propagação do calor na atividade prática e demonstrativa.

Quais as três formas de propagação do calor?

RESPOSTAS	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
a) Condução, convecção e propagação;	31	96,88%
b) Submissão, condução e convecção;	1	3,13%
TOTAL	32	100%

Tabela 04: Formas de propagação de calor.

“Transferência de energia de um corpo a outro devido a diferença de temperatura entre eles”. Esta é a definição de:

RESPOSTAS	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
-----------	------------	-------------



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



a) Calor	29	90,63%
b) Temperatura	3	9,38%
TOTAL	32	100%

Tabela 05: Compreensão sobre transferência de energia térmica.

Em Manaus a temperatura chegou a 40°, podemos afirmar que neste dia:

RESPOSTAS	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
a) Estava Quente	27	84,38%
b) Estava Calor	5	15,63%
TOTAL	32	100%

Tabela 06: Relação da sensação térmica e a temperatura.

Frente aos resultados a construção do mapa conceitual mostrou-se de total contribuição para que os alunos pudessem enxergar de forma ampla a real linha de separação entre calor e temperatura, pois ao longo da sua construção um aluno citou que “calor e temperatura se mede”. Ao término do mapa construído com suas palavras e o conteúdo apresentado em PowerPoint os alunos estabeleceram uma relação sistematizada entre o conteúdo apresentado com o conhecimento assimilado. Tornando mais significativa a aprendizagem aos estudantes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos dados apresentados conclui-se que houve aprendizagem significativa, pois foram atribuídos significados e conceitos previamente construídos para a distinção entre calor e temperatura.

Os dados foram coletados parcialmente por meio de questionários, diários de bordo e fotos, analisados por meio de discussões. A maioria demonstrou conhecimentos referentes a temática sem sabê-lo explicar na discussão do Pré-teste, progredindo conforme o conteúdo foi avançando, mostrando maior domínio sobre o assunto no Pós-teste. Pode-se então dizer que diante dos resultados apresentados a principal consideração a ser feita é que o tema calor e temperatura devem ser ensinados favorecendo o conhecimento já existente, agregando novos valores.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Parâmetros curriculares nacionais: Ciências Naturais. Brasília: MEC/ SEF, 1998.



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



CIÊNCIA A MÃO. **Objetos de Aprendizagem.** Disponível em: http://www.cienciamao.usp.br/tudo/exibir.php?mídia=lc&cod=_geocienciassimuladordoef
Acessado em 01 jan 2016. MARTINS, J.S. (2009). Situações Práticas de Ensino e Aprendizagem Significativa. Campinas

MOREIRA, M.A. **Mapas conceituais no ensino de Física.** [s.n:s.l.], 1993.

TEIXEIRA, O. P. B. **Desenvolvimento do conceito de calor e temperatura: a mudança conceitual e o ensino construtivista.** 1992. Tese (Doutorado em Didática) - Faculdade de Educação, USP, São Paulo.



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



**CRIAÇÃO DE PARÓDIAS MUSICAIS COM A UTILIZAÇÃO DE
SMARTPHONES A PARTIR DE TEMAS BÁSICOS DE GENÉTICA
ABORDADOS EM SALA DE AULA**

Leonardo Manuel da Silva Neto¹
Saulo César Seiffert Santos²

RESUMO

Considera-se que a música é uma das heranças culturais deixadas pela humanidade ao longo dos séculos, traz alegria, reúne as pessoas e grava na mente destas que ouvem suas melodias informações importantíssimas a respeito do passado, do presente e o que o povo espera do futuro, sendo possível sua utilização no Ensino de Ciências e aprendizado cotidiano. Tendo em vista que crianças e adolescentes utilizam seus celulares a todo o momento, buscou-se neste trabalho envolver o ensino da genética com a utilização de *smartphones* para a criação de paródias musicais produzidas pelos próprios alunos dentro da sala de aula orientados pelo bolsista do PIBID e pela professora supervisora. Temas como núcleo celular, cromossomos, hereditariedade, genes e alelos foram alguns dos assuntos estudados pelos alunos do 8º ano do ensino fundamental na disciplina de ciências durante as aulas de genética.

Palavras chaves: Genética; Ensino de Ciências; PIBID; Mídias; Aprendizado.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO RELATO

Sabendo que muitos docentes e discentes a consideram a disciplina de ciências pouco estimulante e com processos complicados. O presente trabalho buscou envolver os alunos, durante as aulas de genética, das turmas dos 8º ano da Escola Municipal Padre Puga, utilizando mídias como *smartphones*, dos próprios alunos para a criação de paródias musicais com o tema central a genética. Pois os mesmos podem ser potencializadores para o ensino de genética (BIOLOGIA DO TERCEIRÃO, 2012 – on-line).

Temas como núcleo celular, cromossomos, hereditariedade, genes e alelos foram alguns dos assuntos estudados pelos alunos do 8º ano do ensino fundamental na disciplina de ciências durante as aulas de genética.

Tendo em vista que dificuldades como a nomenclatura e a interpretação de conceitos dos temas relacionados com o estudo da genética não são comuns no dia a dia dos estudantes do ensino fundamental, buscou-se a utilização de um recurso significativo na vida diária dos alunos, a utilização de *smartphones* na sala de aula, pois os mesmos passavam grande parte de seus momentos de lazer utilizando seus *smartphones*.

2 DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

Os procedimentos metodológicos se dividiram em cinco etapas, no qual envolveu todas as turmas do 8º ano do ensino fundamental do turno vespertino. Foram alcançados os

¹ Licenciando em CIÊNCIAS NATURAIS. UFAM. E-mail: netont21@gmail.com

² Mestre em Ensino de Ciências. Departamento de Biologia. ICB-UFAM. E-mail: saulo.seiffert.at@gmail.com



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



objetivos esperados com a aplicação do projeto tendo em vista que os alunos abordaram músicas que estavam acostumados a ouvirem, de estilos variados como Funk, Rap e Rock, às quais foram utilizadas como paródia incluindo os temas estudados em aula. (Barros, Marcelo Diniz Monteiro. Zanella, Priscilla Guimarães. Araújo-Jorge, Tania Cremonini. A MÚSICA PODE SER UMA ESTRATÉGIA PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS? ANALISANDO CONCEPÇÕES DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA. *Revista Ensaio*, Belo Horizonte v.15n. 01p. 81-94jan-abr2013 página 81).

O pré teste esta incluso na primeira etapa do projeto, pois ele visava compreender o conhecimento prévio dos alunos sobre o tema “Genética”.

2.1 A primeira etapa

Pré-Teste

O pré-teste foi elaborado objetivando-se compreender até quanto os alunos conheciam sobre o tema “Genética”, foi feito uma abordagem inicial com perguntas que suscitasse a respeito do tema genética logo na primeira etapa do projeto segue abaixo as perguntas e respostas de alguns dos alunos.

A primeira etapa foi à noção do que os alunos entendiam por genética, assim todas as turmas do 8º ano A, B e C no dia da aula com o tema genética foram questionados a respeito do assunto, seus relatos foram anotados e alguns seguem abaixo:

“Genética é aquilo que ta na frutas, as doenças que passam pra elas e agente acaba pegando” (Aluno A).

“Genética é aquilo que ta em nosso cabelo, unha na pele” (Aluno B).

Houve um aluno que foi mais preciso e disse:

“Genética é o que nossos pais passam pra gente, através das células” (Aluno C)

A primeira etapa da aplicação do projeto foi durante a primeira aula de genética no qual se deu início a obtenção de dados indispensáveis para este trabalho, também vale ressaltar que as aulas sobre genética deram início ao 3º bimestre da Escola Municipal Padre Pulga nas turmas do 8º ano.

Após o professor averiguar o quanto os alunos entendiam sobre genética ficou em evidência a falta de clareza por parte dos alunos sobre o tema. Já de antemão sabendo dessa falta de entendimento, logo após os relatos dos alunos o professor ministrou uma aula expositiva, utilizando o recurso slides com o data show disponível da escola, com o título: Princípios Básicos da Genética, utilizando assim todos os 45 minutos de aula disponíveis.

Na **segunda etapa** do projeto foram apresentados vídeos no laboratório de ciências, através do data show: Festa no Apê do Latino; Legião Urbana Tempo Perdido; Valesca Popozuda Beijinho No Ombro.(BRIBEIRO, 2013 ON LINE)

Após cada vídeo o professor apresentava uma paródia extraída da internet com base na música apresentada anteriormente: Latino “Assolan”, Peixinho No Ombro (Paródia



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SESDOC (EDUCIAMA/UFAM)
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



Valesca Popozuda “Beijinho No Ombro”) e a paródia Tempo Perdido da banda de rock Legião Urbana.

Os alunos foram questionados se teriam alguma dúvida do que fosse uma paródia musical, e em seguida receberam a proposta de fazerem uma paródia envolvendo temas comuns da genética com seus conceitos presentes também na música.

Para tanto o professor orientou a turma em se agrupar em equipes de cinco componentes e escolhessem o nome da equipe, e a letra da música de que eles iriam fazer a paródia. Os alunos ficaram livres para utilizarem seus *smartphones* no qual continha as músicas que a equipe achou relevante verificar se poderia trabalhar com ela.

Também poderiam gravar suas fozes ou um vídeo, se preferissem não se apresentarem no dia das amostras das paródias, através de seus *smartphones*, podendo editar o vídeo ou a gravação do áudio com o adição de imagens se a equipe desejasse.

Na segunda etapa os alunos foram informados que deveriam além de produzir a paródia com o tema “Genética”, deveriam entregar a letra da música no formato em documento de texto digitalizado em *pen drive* ou cd.

Na **terceira etapa**, se percebeu que os alunos apresentaram certa lentidão para finalizar a paródia, o que levou a uma intervenção e adequação da proposta prolongando o tempo previsto para a execução do projeto. Isso levou a inclusão de mais duas etapas.

Vale ressaltar que os alunos foram estimulados também, através de nota, para o 3º bimestre, pois ficou em acordo que o trabalho da paródia valeria de zero à dez pontos. E também que a apresentação das paródias feitas pelos alunos iria ocorrer no dia da gincana de ciências da escola envolvendo assim todas as turmas do 8º ano.

A **quarta etapa** ocorreu no auditório da escola com todas as turmas do 8ª ano. Primeiro antes do início da gincana foi cantado o hino nacional brasileiro e logo após foi explicado às regras da gincana para os alunos:

- A cada três perguntas a equipe irá revezar com a sua turma de sala de aula.
- A equipe terá o tempo de 45 segundos disponíveis para a resposta.
- O aluno da platéia que soprar a resposta, irá automaticamente perder dois pontos de sua turma.

Foram feitas 24 perguntas para as equipes das 32 previstas, pois ocorreram pequenos atrasos e a professora orientadora aconselhou a encerrar a fase de perguntas e avançar logo para a apresentação das parodias.

No momento da apresentação das paródias somente quatro equipes apresentarão, pois foi alegado por parte dos alunos que se esqueceram de trazer o vídeo que fizeram sobre a música, e não saberiam cantar naquele momento no auditório perante seus colegas e avaliadores. Após esse desfecho foi prolongado por sua ultima vez, mas uma etapa.

A **quinta etapa** ocorreu na sala de aula somente com os alunos da sala, a professora orientadora e o bolsista dessa vez com um menor público os alunos se desinibiram e se puseram a cantar as parodias para seus colegas à primeira turma foi a do 8ª ano C, que



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



continha o menor número de alunos, formando três equipes, mas mesmo assim todas as equipes cantaram as paródias.

A turma do 8ª ano B das seis equipes somente quatro apresentou a paródia, os alunos que não fizeram a paródia demonstraram falta de zelo e responsabilidade perante a atividade solicitada.

E por fim a turma 8ª ano A que foi a vencedora da gincana, somente uma equipe apresentou o trabalho as outras cinco equipes restantes quando questionadas por não terem feito a apresentação da parte digitada e cantada da paródia alegaram que perderam a atividade feita, houve uma equipe que alegou que não apresentaria, pois “já estavam passados de ano”.

A paródia da turma do 8ª ano B selecionada como uma das mais analisadas por ter um conteúdo rico em detalhes a respeito do tema “Genética”, encontra se em anexo.

2.2 Pós-teste

Neste pós-teste buscou se analisar as dificuldades que ainda restavam da compreensão dos temas básicos da genética pelos alunos. Foi feito pós-teste em todas as turmas do 8ª ano A, B e C. Sendo que a turma escolhida para demonstrar seus resultados foi o 8ªb, pois foi a turma que mais apresentou as paródias na sala de aula em relação a as outras turmas.

Turma: 8ª B

Número de Alunos: 29

1. O que é um cromossomo?

Resposta dos alunos	Número de respostas
São células hereditárias humanas	20
É o lugar onde se encontra a molécula de DNA	3
Não responderam	5

Quadro 01: Compreensão do conceito de cromossomos.

2. Quantos cromossomos as células humanas contêm?

Resposta dos alunos	Número de respostas
46 cromossomos	20
23 cromossomos	2
28 cromossomos	2
Entre 2 a 72 cromossomos	4
Muitos cromossomos	1

Quadro 02: Compreensão a quantidade de cromossomos humanos.

3. Ovócitos e espermatozoides são células?

Resposta dos alunos	Número de respostas
Homólogas	5
Diploides	13
Haploides	11



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



Quadro 03: Compreensão da proporcionalidade de cromossomos.

4. A meiose é o processo que leva à produção de:

Resposta dos alunos	Número de respostas
Gêmeos univitelinos ou monozigóticos	14
Fazer o sangue circular por todo o organismo	2
Eliminação, pelo organismo, de substâncias nitrogenadas tóxicas.	3
Células haplóides	8

Quadro 04: Compreensão do processo de meiose.

5. Quem foi Gregor Mendel?

Resposta dos alunos	Número de respostas
Foi um cientista que cruzou as ervilhas e descobriu as características dominantes e recessivas	15
Um homem que fez experiências com as ervilhas é considerado o pai da genética	10
Foi o responsável por estudar as ervilhas	2
Foi um monge que descobriu a genética	1
Não responderam	1

Quadro 05: Compreensão do papel de Mendel na Genética.

6. Como se representa o gene de caráter dominante e o de caráter recessivo?

Resposta dos alunos	Número de respostas
Dominante é quando se consegue dobrar a língua, recessiva é quando não se consegue.	12
Por letras maiúsculas para características dominantes, e minúsculas para recessivos.	8
Quem tem orelha separada é recessivo, e o que tem o lóbulo da orelha pregado é dominante.	4
Não responderam ou não souberam responder.	5

Quadro 06: Compreensão da representação do gene dominante.

7. Defina o que é genótipo e fenótipo?

Resposta dos alunos	Número de respostas
São as características que herdamos da nossa mãe e nosso pai.	14
Não responderam	15

Quadro 07: Compreensão sobre genótipo e fenótipo.

8. A herança de uma característica humana pode ser representada em um heredograma ou genealogia, logo:

Os homens são representados por um _____ e as mulheres por um _____. Os casamentos são indicados por uma _____ horizontal ligando



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



um _____ a um _____. Os indivíduos afetados ou que manifestam determinada característica são indicados com _____ ou _____ cheios, independentemente de ser o caráter _____ ou _____.

Resposta dos alunos	Número de respostas
Não responderam ou não souberam responder	23
Completaram adequadamente as lacunas	6

Quadro 08: Preenchimento das repostas da sentença de completar.

9. O que é genética?

Resposta dos alunos	Número de respostas
São as características que passam dos pais para os filhos	12
Ramo da ciência	6
O cruzamento de células	1
Experimentos que os cientistas faziam	1
Não responderam	9

Quadro 09: Compreensão do conceito de Genética.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

Comparando o pré-teste, que ocorreu num intervalo de quatro semanas, obteve-se uma melhora não tão acentuada, visto que a realização do pós-teste demonstrou que alguns conceitos sobre: fenótipo e genótipo, por exemplo, não era demonstrada com clareza nas respostas do pós-teste.

Após análise do pós-teste, foi observado que os resultados foram medianamente satisfatórios, pois se detectou uma sequência de erros nas repostas de múltiplas escolhas e de grande parte também nas respostas discursivas.

Os critérios para se avaliar satisfatoriamente os alunos no pós-teste foram com base no número de erros e acertos nas questões de múltipla escolha e nas questões discursivas por eles solucionadas, no pós-teste.

A música elaborada pelos alunos facilitou o aprendizado dos mesmos, pois eles além de pesquisarem sobre os conceitos básicos da genética tiveram contato diversas vezes nos ensaios em suas casas ou durante os tempos vagos das aulas e do recreio inclusive para que tivessem uma boa apresentação para seus colegas.

Os resultados mais significativos foram nas perguntas: *O que é um cromossomo? Quantos cromossomos as células humanas contêm? Quem foi Gregor Mendel? O que é genética?* Pois o número de respostas com um número satisfatório foi muito maior.

Os resultados finais obtidos foram considerados satisfatórios, pois se comparando com os outros de professores e alunos acadêmicos as parodias foram ricas em conteúdo dos conceitos exigidos para a produção das parodias.

Segue abaixo dois trabalhos desenvolvidos pelas discentes de graduação do 7º período do Centro Universitário do Norte/Uninorte. Da disciplina de Práticas Pedagógicas em



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



Genética e Bioquímica, lecionada pela Prof. Lucivana Prata de Souza. Os mesmos trabalhos podem ser vistos no blog das discentes (INDUBITAVELMENTE..., 2011-on-line).

Paródias das discentes para aprender genética com a música: O Balancê dos Genes (na melodia de O Balancê, de Gal Costa). A Herança (na melodia de A Banda, de Chico Buarque) (INDUBITAVELMENTE..., 2011-on-line).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou maximizar melhores resultados no ensino de ciências durante as aulas de genética das turmas de ensino fundamental do 8º ano. E com significativa aceitação das partes dos alunos este projeto pode caminhar a passos longos durante sua realização.

Tendo em vista que se trata de um trabalho realizado por um bolsista do PIBID no seu primeiro ano, esperasse melhorar as sequências didáticas feitas e que possa ser utilizado efetivamente nas salas de aula, adaptado conforme a realidade dos alunos.

Mais que uma forma divertida de ensinar buscou-se melhorar a participação dos alunos no entendimento das disciplinas e facilitar o entrosamento dos mesmos com o bolsista do PIBID que se encontrava no seu primeiro projeto de PIBID na escola como professor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço também o trabalho do autor Marcelo Barros: A Música Pode Ser Uma Estratégia Para O Ensino De Ciências Naturais? Analisando Concepções De Professores Da Educação Básica. Pois foi de extrema importância para dar uma base para o meu trabalho.

REFERÊNCIAS

BARROS, Marcelo Diniz Monteiro. ZANELLA, Priscilla Guimarães. ARAÚJO-JORGE, Tania Cremonini. A música pode ser uma estratégia para o ensino de ciências naturais? Analisando concepções de professores da educação básica. **Ensaio**, Belo Horizonte, v.15, n. 01, p. 81-94, jan-abr, 2013.

BIOLOGIA DO TERCEIRÃO. **Paródia**. Publicado em 31 de agosto de 2012. Disponível em: <<http://genetbiologia.blogspot.com.br/2012/08/parodia.html>>. Acessado em: 02 mar. 2016.

BRIBEIRO, Thalle V. **Paródia**. Publicado em junho de 2013. Disponível em: <<https://biologianapratica.wordpress.com/2013/06/11/parodia-interessante-sobre-a-1a-lei-de-mendel/>> Acessado em: 02 mar. 2016.

INDUBITAVELMENTE GENÉTICA. 2011. Disponível em: <http://indubitavelmentegenetica.blogspot.com.br/2011/05/quem-somos_15.html>. Acessado em: 02 mar. 2016.

ANEXO

ANEXO 1: Paródia criada pelos alunos da Escola Municipal Padre Puga.

Equipe: Os Intocáveis

Turma: 8º ano B



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SESDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



Alunas: Adriele Lima, Jemima Castro, Natacha Alves, Victória Ramos, Vitoria Kamille

*Os cromossomos são encontrados no núcleo e nas células, e são estruturas basicamente de DNA
Associadas a proteínas e nele também estão os genes que são as unidades hereditárias*

Háháháháháhá

*Agente vai crescendo, vamos nós desenvolvendo
Um monge chamado Gregor Mendel nos ajudou com sua inteligência.
Eu só quero saber por que os seres humanos têm 46 cromossomos
É por que um cromossomo é denominado por células haplóides, que são os espermatozóides.*

*Tudo isso por que durante a meiose ocorrem duas divisões nucleares
E o número de células mãe
O que agente têm que saber, é que os óvulos e os espermatozóides
São células haplóides*

*O que a gente tem que saber sobre genes é que dois tipos existem:
O dominante e o recessivo aquele que predomina em suas características
Então o dominante será
Pois este é o que condiciona
Por isso é o que, mas aparecerá*

*Dessa mistura genética
Por que a lei de segregação dos fatores
Conhecida como a primeira lei de Mendel
Mas respeitado dos senhores.*



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



GT2

Formação de Professores



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



**DA OBSERVAÇÃO À DOCÊNCIA: FORMAÇÃO DO(A)
PROFESSOR(A) DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO I**

Aucimara Souza do Nascimento¹

Maria do Perpétuo Socorro Duarte Marques²

RESUMO

O trabalho apresenta reflexões acerca da vivência em um Centro Municipal de Educação Infantil-CMEI, localizado na Zona Sul da cidade de Manaus, a partir da disciplina Estágio Supervisionado I, que tem como objetivo geral: desenvolver a articulação do processo de orientação teórico-metodológica com o eixo da prática pedagógica e sua intervenção crítica e criadora no sistema público de ensino na Educação Infantil. Contudo, para além da obrigatoriedade curricular, o estágio se constitui num aparato de experiências das quais o(a) professor(a) em formação enriquece seu repertório de aprendizagens diante desse campo tão diversificado, a escola. Será partilhado aqui um recorte da realidade a partir da observação e exercício da docência com crianças de cinco anos. Foi utilizado o caderno de campo como instrumento de acompanhamento, servindo de base para as reflexões contidas no relatório final. Os resultados da experiência são bastantes positivos e qualitativos, pois ampliam as perspectivas teóricas e práticas da formação docente.

Palavras-chave: estágio; formação do(a) professor(a); docência; educação infantil; criança.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO RELATO

A educação nacional está organizada, conforme a Lei nº 9.394 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 20 de dezembro de 1996 – LDBEN 9.394/96, partindo da responsabilidade da União, estados, Distrito Federal e dos municípios, cabendo a cada uma dessas instâncias o bom funcionamento da educação escolar, que corresponde tanto à Educação Básica – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio –, quanto à Educação Superior. Nesse sentido, sabendo que a Educação Infantil é a primeira etapa do ensino formal, entende-se sua grande importância no sistema educacional brasileiro, cabendo a sociedade a responsabilidade de executá-la com compromisso e qualidade. A Educação Infantil, dever do Estado, passou de um direito apenas da mãe para um direito da criança, ou seja, promovendo o pleno desenvolvimento dos aspectos físico, psicológico, intelectual e social, conforme explicitado na LDBEN de 9.394/96 (BRASIL, 1996).

Aliando-se à legislação vigente tem-se o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil-RCNEI (BRASIL, 1998) que se constitui num instrumento para nortear a prática de educadores(as) e garantir o ensino/aprendizagem pertinentes a esse nível escolar

¹ Acadêmica de Pedagogia. Faculdade de Educação/FACED – Universidade Federal do Amazonas/UFAM. E-mail: aucimarasn-p12@hotmail.com.

² Professora Doutora – Adjunta. Departamento de Métodos e Técnicas da Faculdade de Educação/FACED – Universidade Federal do Amazonas/UFAM. E-mail: mps.marques@hotmail.com.



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



que teve um grande avanço no final do século XX. O RCNEI propõe como objetivos gerais para a Educação Infantil a capacidade da criança de se descobrir, se desenvolver, se conhecer, fazendo-a explorar o ambiente, ampliar suas relações e ser sujeito de direito e não uma tábula rasa, erroneamente classificada no passado por alguns teóricos. Vale salientar que a concepção da escola em questão é sociointeracionista, visando a importância das relações com o meio, conforme apresentado no Projeto Político-Pedagógico do CMEI.

Diariamente, numa realidade de escola de educação infantil, é possível observar essa criança ativa que interage, se impõe e que produz cultura a partir de suas interações e descobertas, seja na sala de aula ou fora dela. As crianças são dinâmicas e isso requer um planejamento bastante elaborado, porém, somado a isso, a experiência do(a) professor(a) da turma é primordial. São quatro horas que passam depressa e o relógio é veloz, ou você domina sua prática ou o tempo será seu inimigo. É essencial que se conheça cada criança. É essencial que se estabeleçam acordos. E principalmente, é essencial que haja dedicação e comprometimento com o trabalho docente.

São situações novas para cada estagiário, no entanto, cada um carrega consigo sua bagagem de conhecimento, tanto de mundo quanto teórica, adquirida ao longo da graduação. Dessa forma, o estágio é vivenciado a partir das perspectivas, de modo autêntico, autônomo e, na maioria das vezes, desafiador. Encarar a docência é por si só desafiante. Nem sempre se tem a certeza desse ofício. A formação, nesse sentido, é contínua, um processo inacabável e constante. É compromisso do(a) professor(a) conhecer seu campo de trabalho, perceber os contrastes, o jogo político, o contexto social e tudo mais que envolve o “ser docente”.

O estágio supervisionado é, quase sempre, o primeiro contato de alguns “candidatos” a professor(a). Daí a importância dessa disciplina tão rica, que é um verdadeiro rito de iniciação ao palco do ensino. Reconhecer tal importância é perceber-se diante do processo, é encontrar-se – ou não – na sua própria escolha. Cabe, portanto, a cada “aprendiz de professor(a)” fazer o seu caminho na docência.

2 DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

Não se deve tentar definir o estágio, visto que para ele há diversas atribuições. Bissoli et al (2014, p. 251) nos diz que “o estágio é, em si mesmo, uma atividade que possibilita a metacognição – a reflexão sobre o próprio processo de construção de conhecimentos – e a construção de novas práticas”, ou seja, a prática construída para cada um dos sujeitos que se debruçam sobre a experiência de atuar no campo de estágio. No entanto, toda a gama de experiências e aprendizagens não se esgota no estagiário apenas, pois

entram em cena os saberes das crianças, os saberes dos estagiários, os saberes dos professores, das crianças e dos professores orientadores do estágio. Professores e estagiários, como atores desse processo formativo, estão todos envolvidos na observação, no registro e na reflexão crítica acerca das crianças, aprendendo sobre e com elas. (BISSOLI, 2014, p. 256)

Dessa forma, a autora nos faz perceber que podemos nos tornar pessoas e professores melhores. Entende-se que estagiar na educação infantil é um processo de tornar-se professor(a), nos sensibilizando e conscientizando frente à docência que será algo intrínseco em nossas vidas.



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SESDOC (EDUCIAMA/UFAM)
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



2.1 A docência

Pelos termos da lei e da literatura consultada “a formação profissional do professor é determinante para a qualidade do processo educacional” (MANAUS, 2013, p. 29), nesse sentido a Educação Infantil tem ganhado ao longo dos anos, com muita luta, o espaço e reconhecimento necessário. Os professores precisam compreender a infância, as teorias, o melhor caminho de promover uma educação de qualidade. Partindo desses princípios o Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas dedica um eixo de formação específica em Educação Infantil. O conhecimento se inicia nos fundamentos acerca da Educação Infantil e vai até o Estágio I, que ocorre no âmbito de um Centro Municipal de Educação Infantil. Com a prática do estágio o professor em formação adentra o campo de atuação e (con)vive com profissionais já atuantes a experiência da docência.

A princípio a observação é o ponto chave, não para copiar o que está sendo feito, mas para ser motivo de reflexão perante as teorias estudadas e o contato com a realidade. Aos poucos o estagiário vai se sentindo parte daquele processo. Vai desde colocar os cadernos na mesa das crianças, recolher a agenda, auxiliar na saída e entrada, até a regência, que se constitui no ápice da docência no período estagiado. Estar no estágio é acompanhar todos os meandros da prática docente, a dinâmica escolar, as atividades realizadas na escola e reconhecer aquilo como algo pertencente a si mesmo enquanto profissional.

2.2 Criança, infância e educação infantil

Compreender a concepção de infância é o primeiro passo para se adentrar no universo da educação infantil, reconhecendo seus direitos e peculiaridades. Conforme a Resolução CNE/CEB de 5/2009 faz-se imprescindível reconhecer, a priori, que a criança é

centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL 2009, p. 1)

Assim, percebe-se que a criança é um ser ativo e, como afirma Camargo (2013), é na Educação Infantil que se deve promover um espaço de atividades favorecendo as múltiplas expressões. A criança carece de um ambiente seguro, autônomo e que a perceba como ser em formação, capaz de diversas aprendizagens por meio da interação entre seus pares. As crianças da atualidade são aquelas que manuseiam equipamentos eletrônicos sem maiores dificuldades, estão cercadas de informações e passam boa parte do tempo em frente à TV. Esses aspectos por si só já são desafiantes.

Lopes et al (2006, p. 28) salientam que “não estamos educando crianças que vivem no século passado nem crianças que vivem num mundo ideal, sem desigualdades sociais, sem violência, onde não há consumismo e onde homem e natureza se harmonizam plenamente”, ou seja, são crianças inseridas nos conflitos sociais, que vivenciam e compreendem um pouco do drama da contemporaneidade desde cedo, descobrindo que a natureza não dura para sempre, que devemos economizar água, etc. Em relação à violência, muitas presenciam em casa atos cruéis, seja com a mãe, irmãos, ou com elas mesmas.



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



Dessa forma, o(a) professor(a) da educação infantil deve ser sensível a esses fatores, trabalhando com a perspectiva da realidade de cada uma das crianças, mas sem utilizar do sentimento de pena de modo negativo, tratando a criança como alguém frágil. Deve ser dada igual oportunidade à todas, fazendo-as potencializarem o que há de melhor dentro de cada uma delas, daí a importância de se ter uma prática múltipla, interdisciplinar, envolvendo as diversas linguagens, que faça as 12 experiências¹ das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/DCNEI algo presente na sala de aula.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

Para desenvolver as atribuições de estágio foi elaborado um quadro norteador – Plano de Estágio – pela Professora Orientadora que auxiliou na execução de cada ação durante os trinta dias, favorecendo o bom planejamento de cada atividade. Tendo o caderno de campo como ferramenta de registro e sistematização para posterior análise, no decorrer do estágio foi possível obter tantas informações de cunho técnico quanto subjetivas.

Várias foram as atividades realizadas, como identificação geográfica da localização da escola e os aspectos históricos culturais da comunidade; levantamento do diagnóstico escolar; conhecimento da história da escola; realização de levantamento da turma de estágio, informações sobre a professora e os alunos; a rotina pedagógica; arrumação da sala de aula; organização do trabalho pedagógico; plano de ensino.

Realizadas de forma simultânea, as ações integradas com as dos demais estagiários tendem a somar-se, sendo um produto de conversas e debates sobre a realidade escolar, partindo daí surgiu a necessidade e interesse pela execução das atividades escolares que levou à identificação de uma problemática a ser trabalhada na escola, dessa forma decidiu-se produzir e planejar uma peça teatral que se constituiu em um projeto de intervenção.

Houve ainda o planejamento das sequências didáticas, confecção de material e recursos de avaliação, bem como elaboração do Plano de Ensino para então executar a regência/docência que não é o ponto principal, mas é a culminância, essencial para a avaliação do professor(a) em formação, servindo também como autoavaliação para os estagiários frente à prática docente.

Por fim, compreende-se que o estágio não é apenas ir às aulas e observar o(a) professor(a), as crianças, o ambiente, mas exige planejamento, intervenção e compromisso com cada etapa proposta. Após cada fase cumprida é necessário realizar a reflexão do processo como um todo e registrar de forma sistemática em relatório, conforme as orientações e acompanhamentos durante estágio pela professora da disciplina, resultando assim no documento final, comprobatório da realidade experienciada no CMEI.

3.1 As marcas do estágio para uma quase professora

A comunidade vai à escola

¹ No DCNEI (2010) há um tópico destacando que as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e brincadeiras, bem com a garantia das doze experiências no planejamento e ação das escolas, favorecendo assim um ensino-aprendizagem mais significativo e de qualidade às crianças pequenas.



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SESDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



Um momento em especial me fez questionar sobre a profissão. Foi com a feira de ciências – III Feira de Ciências, Tecnologia e Educação Ambiental na Educação Infantil. A preparação do evento iniciou vários dias antes. Um ponto positivo foi a presença dos pais/mães na escola, ajudando na ornamentação e organização de cenários e figurinos. No entanto, os ensaios se tornaram algo maçante, se repetindo por vários dias. Quando ocorreu a apresentação todos estavam eufóricos e sem dúvidas havia estresse até por parte das crianças que já não queriam mais repetir as encenações.

Essa foi uma das ocasiões desafiadoras. Observar e participar da preparação das crianças, mantê-las calmas, receber a comunidade, desenvolver durante a manhã, além da rotina comum, a interação entre diversos indivíduos não é algo tão simples quanto parece, pois requer dedicação mais do que o normal, requer paciência e compromisso ao extremo. As crianças fazem acontecer, mas é a professora que intermedia e favorece esse campo de possibilidade. É um momento de profunda reflexão e decisão diante do futuro enquanto docente.

A regência/docência

Pensar na ação da regência/docência foi um momento significativo que partiu da ideia de promover o conhecimento de alimentos saudáveis. Muitas foram as lacunas observadas e como não se pode resolver tudo, optou-se por falar de alimentação devido a observação de que as crianças não levavam lanches saudáveis para a merenda diária. Elas tendem a rejeitar o que é oferecido pela escola – refeição, mingau ou café com pão – para ingerir produtos industrializados.

Essa problemática, contudo, não é algo isolado da sociedade. Percebemos que atualmente o consumo de industrializados está cada vez mais frequente na vida de crianças bem pequenas, fato decorrente de vários fatores, do econômico ao cultural, pois a mídia tem bastante influência acerca dessa temática. Assim, precisamos pensar na população do amanhã, pois “a educação, preferencialmente desde a infância, é uma das melhores formas de preparar as pessoas para o envelhecimento saudável, evitando enfermidades que deixam os idosos incapazes e infelizes” (SILVA, 2015, p. 24).

Daí a relevância do tema escolhido, que pretendeu não apenas se limitar ao ensino e obrigatoriedade da regência, mas de fato favorecer um impacto positivo, envolvendo crianças, professora e pais/responsáveis – foram distribuídos folders informativos – considerando que “os tutores das crianças que consomem estes alimentos são responsáveis, algumas vezes, pela compra do produto e, portanto, devem estar esclarecidos sobre os parâmetros de uma alimentação adequada” (VIVARTA, 2009, p. 57).

O tema intitulado “A importância das frutas para uma alimentação saudável” contou com os seguintes objetivos: estimular e valorizar a importância da ingestão de frutas para o bom funcionamento do corpo humano; desenvolver a capacidade de relacionar as informações sobre as vitaminas encontradas em cada fruta trabalhada; proporcionar às crianças autonomia, curiosidade, cooperação e socialização; oportunizar e ampliar as possibilidades de interação das crianças com a cultura escrita de forma lúdica e reflexiva; incentivar a contagem, o cálculo mental e o cálculo estimativo por meio da brincadeira da feira. Vale ressaltar que as vivências propostas garantiram a execução das experiências 4, 5, 6 e 8, respectivamente destacadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/DCNEI (2010).



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



Um ponto a ser destacado é a interdisciplinaridade trabalhada no plano, pois envolveu as noções de matemática financeira na proposta de construir uma feira para a compra e venda de frutas. A sequência favoreceu que as crianças vivenciassem não apenas a explicação da importância das frutas, mas foram protagonistas em cada etapa.

Para a regência da aula foi normalmente seguida a rotina que a professora costumava executar com a turma – rodinha, leitura, conversa, cantigas, etc. Uma prática essencial na rotina de Educação Infantil é mostrar às crianças o cronograma do que será realizado durante o dia, pois assim as mesmas compreendem o processo do qual estarão inseridas. Quando as crianças retornaram do lanche foi aplicado o bingo das frutas – uma cartela com imagens de frutas com seus respectivos nomes, para já envolver os pequenos no universo da escrita sem fazer com que seja o foco. Eles se divertiram bastante e puderam exercitar o raciocínio lógico por meio da atividade do bingo.

No segundo dia foi a vez do piquenique e o contato com as frutas e sucos. Um painel com frutas foi montado para que as crianças aprendessem de forma lúdica. Bem como foi anexado registros da aula anterior. Houve crianças que perguntaram se haveria novamente a brincadeira da feira, demonstrando assim o quão importante foi aquela vivência. Os pequenos demonstraram bastante entusiasmo em ambas atividades, avaliando-as em sua maioria de forma positiva.

Assim, vale destacar que os objetivos propostos foram alcançados, mas que houve também alguns contratempos, principalmente ligados a questão de estar sendo avaliada e isso favorece um nível de tensão que de alguma forma tende a atrapalhar a boa fluidez da docência. Os desafios foram muitos, desde a confecção dos materiais necessários aos minutos finais, pois há sempre aquela dúvida se as crianças estão envolvidas, se de fato o tema pensado agradou à todos, se a postura foi a ideal, sabendo que somos passíveis ao erro quando nos lançamos ao trabalho de algo novo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar no estágio vai além de descrever os trinta dias de observação no CMEI, é mergulhar numa reflexão sobre a minha formação, que, indispensavelmente, diz respeito àquilo que eu agreguei de conhecimentos ao longo da graduação, servindo de base para minha atuação no âmbito profissional. Quando estamos frente a frente à realidade é possível afirmar que surgem inúmeras indagações – estou de fato preparada para atuar como educadora, disseminadora do saber? A realidade e o contexto social, político, cultural que permeia a profissão é realmente o que eu quero?

O mais interessante disso tudo é que não possuímos as respostas, pois nossa trajetória se constrói a partir das dúvidas, de cada momento agregado a outro, e assim por diante. O estágio tem a função de um degrau que nos permite avançar em nossa jornada profissional. Para além dos termos técnicos, conceitos e teorias, a escola é um local de convivência humana. Indiscutivelmente ser professor(a) é aceitar o desafio diário de encarar uma turma de sujeitos em formação, necessitados da competência docente da qual nos propomos a exercer.

Portanto, pode-se afirmar que os resultados do Estágio Supervisionado I são bastantes positivos e qualitativos, ampliando as perspectivas teóricas e práticas da formação docente. Mesmo com as dificuldades diárias de acesso e outros contratempos vivenciados a



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDDOC (EDUCIAMA/UFAM)
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



experiência não deixou de ser significativa. O período estagiado foi uma amostra daquilo que estamos nos preparando para fazer, enfrentando os obstáculos sociais, que por sua vez não são poucos. Escolher a docência não é apenas aceitar uma profissão, é o compromisso de contribuir para a disseminação do conhecimento, apostando em cada pessoa, acreditando na Educação como agente de transformação social.

REFERÊNCIAS

BISSOLI, M. F.; NOGUEIRA, A. A.; BOTH, I. I. **Estágio Supervisionado em Educação Infantil: a experiência da Universidade Federal do Amazonas**. Ensino em Revista, v. 21, p. 249-259, 2014.

BRASIL. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – 6. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Ed. Câmara, 2011.

_____. MEC/SEF. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Vol. 1. Brasília. 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

CAMARGO, Raiolanda Magalhães Pereira de. **O letramento com letras na Educação Infantil: contar, cantar, brincar e encantar**. Mimeo, 2013.

LOPES, Karina Rizek; MENDES, Roseana Pereira; FARIA, Vitória Líbia Barreto de; (org). **Coleção PROINFANTIL** Livro de estudo: Vol. 2. Módulo III – Unidade 4. Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2006.

MANAUS. **Proposta Pedagógico-Curricular de Educação Infantil**. Secretaria Municipal de Educação/SEMED. Divisão de Educação Infantil. Manaus-AM, 2013.

SILVA, Terezinha Lima. **Homo Urbanus**: Relatório da Pesquisa “Marcadores Sociais de Envelhecimento Qualidade de Vida do idoso futuro, da Zona Urbana de Manaus (AM)”. Manaus: Publit, 2015.

VIVARTA, Veet. (Coord). **Infância e Consumo: estudos no campo da comunicação**. Brasília, DF: ANDI; Instituto Alana, 2009.



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



PRÁTICAS DE ENSINO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA DA UFAM

Edna Soares¹
Lucyanne de Melo Afonso²

RESUMO:

Este relato de experiência apresenta as práticas pedagógicas do Estágio Supervisionado do Curso de Música da Universidade Federal do Amazonas, abordando a distribuição da carga, as atividades realizadas tanto pedagógicas quanto artísticas, do ensino na educação básica ao ensino de música com instrumentos e projetos de intervenção. O estágio em música proporciona uma vivência nos diferentes segmentos da educação formal e não-formal e nas práticas musicais da educação musical para um bom desempenho profissional no ensino da música.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Licenciatura em Música; Ensino Superior.

1 CONTEXTO DO RELATO

A arte na escola sempre foi julgada como um componente curricular sem necessidade para a formação integral e o conhecimento dos alunos. Pela arte podemos aprender a história do mundo, as sonoridades de cada sociedade e suas dimensões políticas, econômicas, geográficas e linguísticas, são muitos conhecimentos envolvidos e desconhecidos da Arte, que lhe concedem o poder da imagem, do som, da percepção e de atuar sobre o imaginário.

A arte na escola já foi considerada matéria, disciplina, atividade, mas sempre mantida à margem das áreas curriculares tidas como mais “nobres”. Esse lugar menos privilegiado corresponde ao desconhecimento, em termos pedagógicos, de como se trabalhar o poder da imagem, do som, do movimento e da percepção estética como fontes de conhecimento. (PCN, 1998, p.26)

O professor do componente curricular Artes, por essas questões de desconhecimento da administração escolar, acaba não sendo o profissional adequado para seu ensino, tendo em vista, que a formação deste profissional requer orientações didáticas específicas, práticas pedagógicas, além de vivências e experiências na estética e na prática artística.

Apesar destas questões, a própria formação do aluno de licenciatura, seja em música ou em artes visuais, requer um conhecimento das subáreas da arte (música, dança, artes visuais e teatro), logo, na grade curricular de ensino, encontramos disciplinas que

¹ Mestre em Arts of Music pela Campbellsville University, Professora do Curso de Música, Departamento de Artes-UFAM, musicedna@gmail.com

² Doutoranda e Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pelo programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura da UFAM, Professora do Curso de Música, Departamento de Artes-UFAM, lucyanneafonso@hotmail.com



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



correspondem a estas práticas como Oficinas Pedagógicas, História da Arte, Estética e Filosofia, Fundamentos da Arte Educação.

O licenciado do Curso de Música, na educação básica, tem vários segmentos para atuar: tanto na disciplina Artes quanto na educação infantil ou na educação não-formal. Atualmente, o cenário da educação musical no Brasil está cada vez mais se consolidando e tendo novas perspectivas de ensino, pesquisa e extensão.

Podemos observar que com a aprovação da LEI Nº 11.769, de 18 de agosto de 2008, a expectativa do licenciado em música aumentou, visto que, agora todos podem lecionar a música de maneira legal nas escolas de todo o Brasil. Devemos levar em consideração que esta lei diz respeito ao ensino da música nas escolas independente da disciplina Artes com seus parâmetros curriculares.

Desta forma, o licenciado em música atua em diversos segmentos da educação, sendo assim, o Estágio Supervisionado em Música deve atender a estas especificidades do ensino em música, desde a educação básica ao ensino da música em escolas especializadas. Pois ensinar música é fazer o aluno perceber as dimensões do sentir, expressar, pensar, imaginar, comunicar e compreender.

Aprender a sentir, expressar e pensar a realidade sonora ao redor do ser humano, que constantemente se modifica nessa rede em que se encontra, auxilia o jovem e o adulto em fase de escolarização básica a desenvolver capacidades, habilidades e competências em música. Construindo sua competência artística nessa linguagem, sabendo comunicar-se e expressar-se musicalmente, o aluno poderá, ao conectar o imaginário e a fantasia aos processos de criação, interpretação e fruição, desenvolver o poético, a dimensão sensível que a música traz ao ser humano. (PCN, 1998, p.80)

O Estágio Supervisionado do Curso de Música da UFAM compreende dois períodos: Estágio Supervisionado I, no 7º período e Estágio Supervisionado II, no 8º período, cada período 200h, totalizando 400h de prática de ensino. No momento, estamos em processo de reforma curricular para melhor distribuir a carga horária que fica bastante intensa nos últimos períodos.

O Estágio em música compreende a observação em escolas de educação básica, da prática docente em instrumento musical e projeto de intervenção em instituições diversas que necessitam de um profissional em música.

As atividades do estágio serão apresentadas a seguir, abordando a divisão de carga horária e como as atividades foram organizadas e distribuídas.

2 DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

Vamos apresentar, neste relato de experiência, a divisão da carga horária do Estágio Supervisionado em Música II, estágio em docência. Este estágio ocorre no 8º período da graduação em Licenciatura em Música e compreende a experiência na docência, refletindo sobre a relação teoria e prática através do desenvolvimento de atividades docentes na educação básica (Ensino infantil, fundamental e médio) e práticas em docência no ensino de instrumento e projeto de intervenção.

Assim, dividimos a prática de ensino em música nas seguintes modalidades:



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



- a) Docência no ensino médio/fundamental
- b) Docência na educação infantil
- c) Docência no Programa Escola de Artes da UFAM
- d) Projeto de Intervenção em música em Instituição

a) Docência no ensino médio/fundamental

Nesta atividade do estágio, o estagiário realiza aulas em escolas de ensino médio e fundamental, na Escola Estadual Angelo Ramazzotti, sob a supervisão do professor orientador da disciplina e do professor responsável pela disciplina Artes.

Nesta etapa temos que direcionar as aulas para o conteúdo que o professor esteja ministrando que é organizado por bimestre, sendo cada bimestre uma subárea da Arte.

A escola já estava no 3º bimestre e a subárea a ser ministrada era literatura. Então como conciliar a formação do aluno, sua formação na graduação e o conteúdo da disciplina Artes. Neste caso, acordamos com o professor que tínhamos uma interdisciplinaridade entre música e literatura. Os planos de aula compreenderam conteúdos de poesia, cinema, ópera a história da literatura, levando em consideração que a literatura faz parte da música como as operetas e as letras de poemas de canções populares da nossa música brasileira.

A ansiedade em estar na sala de aula dos alunos é visível, mas temos que mantê-los tranquilos para desenvolverem com tranquilidade sua aula. Outro aspecto é o comportamento dos alunos da sala de aula que é reflexo de uma sociedade complexa.

Estar na escola, vivenciar as situações escolares e seus personagens é levar o estagiário a compreender a educação e seu sistema, compreender a profissão, suas dificuldades, principalmente, que educar é amar o próximo e compreender as relações existentes no ato de educar.

b) Docência na educação infantil

O Estágio em educação infantil foi realizado no CEMEI Nossa Senhora das Graças, nesta etapa, em duplas, fazendo planejamento para três turmas de educação infantil compreendendo a idade de 4 a 6 anos. Os conteúdos programados pela professora de música da escola foram as cantigas de roda.

Os planos de aula contemplariam a exploração das canções infantis através dos cantos, das brincadeiras e dos movimentos rítmicos, permeando o conteúdo da educação musical.

A docência na educação infantil é bastante significativa, tendo em vista que o universo infantil nos possibilita muitas ações na prática musical, principalmente a improvisação.

A improvisação musical faz a criatividade conceber o espaço musical e também averiguar como o estagiário se organizará inserindo a improvisação dentro de seu plano de aula.



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



c) Regências de aulas na Escola de Artes da UFAM

As intervenções dos alunos de estágio supervisionado foram realizadas no Programa Escola de Arte - PIBEX / MEC / SESU - UFAM, que funciona no DEPARTES desde 2010. A escola oferece diversos cursos na área de Música e Artes Visuais.

O estágio supervisionado na categoria de intervenção ocorreu na Escola de Arte no período de setembro de 2015 a janeiro de 2016. As atividades de música aconteceram de acordo com as habilidades dos alunos. Assim, eles escolheram os cursos que iriam trabalhar mediante o que era oferecido pela escola. Os cursos nos quais foram realizadas as intervenções foram: técnica vocal, violão I, canto coral, clarineta, percussão, violino, flauta doce e piano, com carga horária de em média 60 horas.

O formato das aulas atendeu as propostas e objetivos preestabelecidos pelos professores e alunos. Em cada aula, de modo geral e mediante a especificidade do curso, realizávamos atividades em que se apreciava uma atuação de iniciação musical tendo como base: **execução, apreciação e criação**; tripé do ensino e aprendizagem em música, considerando a questão rítmica, melódica, instrumental, vocal e corporal, onde a música galga ser vivenciada de diversas maneiras, envolvendo e possibilitando o conhecimento no aluno a partir da sua própria ação, como coloca SWANWICK (2003). Pois, diferentes atividades proporcionam diferentes tipos de possibilidades musicais.

Neste contexto, cada curso teve, em certo momento, um desenvolvimento específico. Na técnica vocal, onde se valoriza a voz, cuja habilidade está no cantar, o aluno é musicalizado cantando, aprendendo as notas musicais, ou tendo o direcionamento melódico na atividade de canto, semelhantemente acontece no trabalho com instrumentos, importando, no entanto, que a iniciação musical ocorra mediante o tripé mencionado acima, **execução, apreciação e criação**, cuja relação é tocar ou cantar, ouvir e compor, consecutivamente. Esses elementos são necessários para uma aprendizagem significativa na área da música, pois o aluno desenvolve os sentidos e a criatividade.

A prática docente e os métodos do ensino são elos que ligam o processo de aprendizagem do discente, para além da sala de aula. O processo é a chave, onde o aluno pode criar o seu próprio método, a partir das experiências vividas nesse espaço. É o que diz uma das estagiárias G. "Ensinar música é prazeroso, é sempre um momento proveitoso. Também aprendemos quando saímos do papel de aluno e nos colocamos diante de pessoas para ensinar. Nos tornamos alunos de novo da vida. É uma mudança de hábito bastante significativa que nos leva a experiência que na condição de aluno de sala de aula apenas nos dá a margem do que poderemos encontrar alguns anos mais tarde a nossa frente".

O estágio supervisionado como espaço de vivências pedagógicas é o ambiente em que o aluno percebe e compreende ações da docência. Ele tem colaborado sobremaneira para o desenvolvimento acadêmico e para um grande crescimento musical e profissional do aluno. Observar e acompanhar as suas evoluções, é crescer junto com eles.

d) Projeto de intervenção



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SESDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



Esta atividade é a prática de ensino em outros setores que não fazem parte da educação básica. Então os estagiários são direcionados a instituições que precisam de atividades musicais voltadas para um sentido de motivação, elevar a auto-estima, melhorar a qualidade de vida e isso a música é capaz de proporcionar. Podendo também ser um projeto diferenciado que o estagiário já participa.

As Instituições que receberam os estagiários foram:

*GACC

*Casa Vida

*Parque Municipal do Idoso

*Igreja Evangélica

*Igreja Católica

Cada instituição tem a sua especificidade e filosofia. A escolha da instituição pelo estagiário também tem relação com sua formação profissional e pessoal.

Nesta atividade há muito crescimento, há muito amadurecimento enquanto pessoa e profissional, é nesta etapa que o estagiário percebe o quanto somos necessários um ao outro, o quanto precisamos ensinar e aprender ao mesmo tempo. No Gacc, os estagiários sentiram determinação, na Casa Vida foram os valores, no Parque do Idoso a alegria, nas igrejas o respeito. São palavras que devem estar presentes no ensino-aprendizagem sempre: determinação, valores, alegria e respeito.

A intervenção inicia no primeiro estágio e finaliza na socialização da prática no final do segundo estágio. Na socialização, cada estagiário prepara sua apresentação e expõe suas experiências e, após a apresentação, há um momento de interação entre todos. Todos participam fazendo perguntas, dando outros depoimentos, é um momento em que percebemos o crescimento pedagógico de cada um.

Assim, o projeto de intervenção possibilita mudanças na forma de ensinar, em perceber o outro como um ser com aspirações, medos, emoções, e que ensinar música não está é somente na sala de aula ou ensinando um instrumento musical, mas a música está presente em todas as pessoas, sendo em todos, todos os espaços ela está presente seja para ouvir, escutar, motivar, acalmar, divertir, pensar, conhecer: o ensinar música perfaz os caminhos do ser humano.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

Tensão, ansiedade, nervosismo, medo e outras emoções rondam o estagiário de música no primeiro dia de encontro da disciplina, às vezes no quinto período já começam as perguntas sobre estágio. Mas porque estas situações acontecem? Porque toda esta ansiedade?

É simples de responder: é o momento mais importante de sua formação como futuro profissional, é o momento de culminância de todo aprendizado que teve na música tanto na prática instrumental quanto nas práticas pedagógicas, é o momento que irá desenvolver como profissional, saber que professor irá se constituir, seu perfil, enfim, o profissional se constrói.



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



É na prática docente que os estagiários de música buscam sua autocrítica, conhecem suas deficiências, que áreas tem mais habilidades, refletem sobre suas limitações e como irão melhorar para desempenhar seu papel de futuro professor de música.

A seguir, apresentaremos alguns depoimentos da conclusão da disciplina pelos estagiários de Música deste semestre 2015/2:

“Não somente há um crescimento profissional, mas também pessoal”. (JB)

“Precisamos ter uma postura efetiva de um profissional que se preocupa verdadeiramente com o aprendizado, que deve exercer o papel de um mediador entre a sociedade e a particularidade do educando.” (JV)

“Após o estágio em prática docente levo uma carga de experiências e conhecimentos na bagagem para o próximo desafio que está por vir; e um olhar mais amplo acerca do que é ser um professor e a consciência de que o professor de artes deve estar aberto a novos conceitos e promover a inclusão para que o processo de ensino e aprendizagem seja democrático e tolerante.” (DA)

“A cada nova fase do estágio aprendemos não só a nos comportarmos como alunos, mas principalmente a nos comportar como profissionais. Os problemas e dificuldades encontradas nesta disciplina são importantíssimos para nossa formação”. (RR)

“Esta experiência proporcionada pelo estágio amplia o significado da estruturação de um profissional da área da educação, complementa a formação acadêmica e resulta para uma atuação efetivamente transformadora e democrática”. (MO)

“É claro que a disciplina de estágio não nos deixará especialistas em sala de aula, porém nos tira as vendas dos olhos e nos permite enxergar o que realmente se trabalha em atividades práticas e teóricas, o que é real e refletir sobre as aulas a serem dadas e os alunos e, a partir de então, dar início a uma nova caminhada na nossa vida profissional na área da educação musical.”. (TA)

“A docência é um estado muito mutável, a rapidez com que você deve se reciclar e criar métodos alternativos é tão rápido que nem percebemos que foi dedicado uma vida. O aspecto particular de uma boa docência é a entrega, por isso concluo descrevendo o que representa a docência ao meu ver: uma entrega de vida”. (SP)

Percebemos o crescimento profissional e pessoal a partir das palavras dos discentes, o quanto o estágio contribui para uma mudança de postura e de formação profissional sobre a educação, especificamente sobre o ensino da música.

Ensinar música não é tão fácil assim, as múltiplas formas de seu ensino se entrelaçam às múltiplas experiências que ela nos provoca. O estagiário percebe que habilidades ele tem, qual faixa etária tem uma linguagem diferenciada e sua personalidade musical algumas vezes são apresentadas a outras realidades musicais desconhecidas. Vemos isso muito na educação infantil em que estagiários acham que não tem capacidade, mas na prática do estágio conhecem um mundo de musicalidade e superação. É importante conhecer o que não gosta ou o que desconhece, a percepção de seus erros é importante para o crescimento.

No decorrer da prática de ensino, percebemos que os estagiários vão mudando: a autoconfiança aflora, faz ele pensar na sua capacidade e se colocar como profissional no



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



mercado. E os medos, as tensões, as angústias, as ansiedades e nervosismos vão passando lentamente, pois vão compreendendo as ansiedades, os nervosismos e as tensões de seus próprios alunos.

Este espírito confiante lhe traduz capacidade de aprendizagem de trabalho em grupo, que profissional em música será, que sonhos tem para realizar na música, ter espírito de liderança pois será o espelho para muitos alunos, muita responsabilidade, comprometimento e identidade própria, a sua marca musical de professor.

Assim, o registro das experiências pedagógicas no ensino de música ocorre não somente num relatório final, mas registra-se na memória para toda a vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oportunizar a reflexão sobre a relação teoria e prática através do desenvolvimento de atividades docentes nas atividades apresentadas possibilita que o estagiário tenha um espírito de responsabilidade com o ensino, pois ensinar não é brincadeira e muito menos diversão. Ensinar é possibilitar mudanças de comportamentos, adquirir conhecimento, transformar pessoas e tempos.

O Estágio Supervisionado em música da UFAM compreende a reflexão sobre as principais correntes teóricas da educação musical com vistas a fundamentação das propostas de docência no Estágio Supervisionado, vivenciar situações de planejamento e execução das atividades docentes no âmbito do ensino de música, seja na educação básica ou em projetos de intervenção.

Refletir sobre as questões da docência em música com vistas à preparação do acadêmico para a atuação profissional é fazer com que o discente passe a ter disciplina, organização, condutas de responsabilidade e compromisso com a educação.

O que percebemos quando acompanhamos um grupo durante os dois semestres são as mudanças de posturas e amadurecimento. A prática do ensino é transformadora para o estagiário, é neste momento que ele demonstra capacidade reflexiva e conhecer a área que irá atuar para administrar com responsabilidade, organização e dinâmica seu espaço de trabalho.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC / SEF, 1998.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente**. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



GT-3

Espaços não formais



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



**USO DE ESPAÇOS NÃO FORMAIS NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO
FÍSICA APLICADA AO ENSINO TECNOLÓGICO COMO MELHORIA
NA QUALIDADE DE VIDA E CONDIÇÃO FÍSICA EM ALUNOS DO
IFAM – CAMPUS PRESIDENTE FIGUEIREDO**

Paulino Pinheiro Gaia¹
Lana Barros de Matos²
Lucilene da Silva Paes³

RESUMO

Atualmente os espaços não formais ganham cada vez mais destaque, pois as características presentes nesses locais despertam curiosidades e emoções favorecendo o ensino aprendizagem. Por meio das aulas de Educação Física desenvolvidas em Espaços Não-Formais (ENF) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM – Campus Presidente Figueiredo, buscou-se inserir dentro das aulas atividades práticas com bola adequadas em ENF. O objetivo central visa melhorar/adequar o condicionamento físico, a capacidade cognitiva e a socialização/integração dos alunos do Ensino Médio Integrado dos cursos de Mecânica e Eletrotécnica do IFAM-PF. A metodologia será aplicada em 4 etapas: Questionário de Anamnese; Atividades com Bola; Coleta de dados; Tabulação dos dados.

Palavras-chave: Espaços Não Formais. Educação Física. Esportes com Bola.

1 INTRODUÇÃO

A aproximação com a biodiversidade pode auxiliar a compreender a base em que formamos nossos valores possibilitando a busca para os problemas de Conservação das espécies (PIVELLI, 2006). Estabelecer esse contato direto com a beleza e riqueza da biodiversidade Amazônica deve ser o meio mais eficaz de aumentar o conhecimento e sensibilizar a comunidade em geral e profissionais da área que brevemente atuarão como formadores de opinião na busca da religação do ser humano com seu meio natural.

Ao servir de palco para um aprendizado diferenciado, instituições como: museus, zoológicos, jardins botânicos e aquários, expõem parte da biodiversidade e despertam no ser humano o interesse por questões ambientais e de conservação que estimulem uma postura ética (WILSON, 2003). Essas instituições que interagem como a comunidade e tem como uma de suas metas o educar constituem-se em espaços educacionais não-formais e que normalmente atendem públicos presentes em grandes centros urbanos, repassando

¹ Professor Especialista do IFAM – Campus: Presidente Figueiredo - Mestrando em Ensino Profissional e Tecnológico no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. E-mail: paulinogaia@hotmail.com / paulino.gaia@ifam.edu.br

² Mestranda em Ensino Tecnológico no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. E-mail: matoslana4@gmail.com

³ Professora Dra. do Mestrado em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - lusilvapaes@gmail.com

GT 3 - Espaços não formais



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



conhecimentos e oferecendo oportunidades de vivenciar experiências diretas com o mundo natural e sua diversidade.

A educação não formal é aquela que se aprende no cotidiano, na relação com diferentes pessoas, pela experiência e em espaços fora da escola, em locais informais onde há processos de interação e intencionalidade na ação, na participação, na aprendizagem e na transmissão troca de saberes. A educação em espaços não formais abre possibilidades de conhecimento sobre o mundo que rodeia os indivíduos e suas relações sociais, determinados objetivos fora da instituição escolar. Para Jacobucci (2008),

“espaço não formal é todo aquele espaço onde pode ocorrer uma prática educativa. Existem dois tipos de espaços não formais: os espaços institucionalizados, que dispõe de planejamento, estrutura física e monitores qualificados para a prática educativa dentro deste espaço; e os espaços não institucionalizados que não dispõe de uma estrutura preparada para este fim, contudo, bem planejado e utilizado, poderá se tornar um espaço educativo de construção científica”.

Atividades desta natureza caracterizam-se na educação não formal, onde proporciona a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em espaços como museus, centros de ciências, ou qualquer outro em que as atividades sejam desenvolvidas de forma bem direcionada, com um objetivo definido.

Alguns estudos têm sido realizados que exploram espaços não formais para o ensino de Ciências dentro das grandes cidades, Maciel et al., (2012) retrata o uso da ponte sobre o Rio Negro como sendo um local que pode ser utilizado por professores na cidade de Manaus-AM. Souza et al., (2014) explora o Bosque da Ciência na capital do Amazonas como sendo outra localidade para a exploração do aprendizado no ensino. Leal et al., (2014) explora o Jardim Botânico Adolpho Ducke como sendo outra localidade dentro da cidade de Manaus que possui possibilidades pedagógicas para ensinar Ciências na Amazônia. Em outro estudo, Rodriguez e Filho (2013) realizaram uma investigação no interior do Amazonas, na cidade de Parintins, no qual utilizaram o matadouro e a lixeira pública como sendo uma boa oportunidade para o emprego do processo ensino-aprendizado no uso desses espaços não formais.

Tratando-se da disciplina de Educação Física aplicada ao ensino tecnológico no município de Presidente Figueiredo, ainda não existem relatos da associação desta disciplina utilizando os espaços não formais na região, especialmente nas áreas de proteção ambiental ou em unidades de conservação. Pouco a pouco o uso de espaços não formais concretiza-se como um método pedagógico eficaz, pois ao mesmo tempo em que se promove a atividade física pode-se aproveitar a oportuniza desenvolvendo a conscientização e o senso da conservação da biodiversidade na Amazônia, KITAMURA (2001).

Em virtude do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Amazonas – IFAM – Campus Presidente Figueiredo não possuir ambientes propícios para práticas desportivas buscou-se no trabalho em tela, inserir dentro das aulas curricular de Educação Física no ano letivo de 2015, atividades físicas de adequação dos esportes de bola em ENF para os alunos do ensino médio integrado dos cursos de Mecânica e Eletrotécnica, visando melhorar/adequar o condicionamento físico, capacidade cognitiva e a socialização/integração dos alunos do Ensino Médio Integrado dos cursos de Mecânica e Eletrotécnica do IFAM-PF.



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



É importante salientar que a Educação Física é parte integrante do sistema educacional brasileiro e sendo a “Plenitude da Educação Física condição indispensável para a Plenitude da Educação” ROMERO BREST, 1977). A afirmativa expressa que o processo educativo é parte do contexto de formação do homem para a sua realização total, justificando-se, portanto, a preocupação de nossas autoridades educacionais na manutenção da Educação Física como disciplina obrigatória nos diversos graus e ramos de escolaridade. Por isto, todas as reformas de ensino devem abranger esta modalidade, passando a fazer parte da estrutura curricular escolar, incluindo-se, também, o ensino tecnológico.

2 MÉTODOS

O presente estudo caracterizou-se como uma pesquisa de campo, descritiva com levantamento e análise estatísticas. Este trabalho foi realizado em 4 etapas:

1º etapa – Questionário de anamnese. Antes de iniciar as atividades com bola propriamente dita foi enviado aos pais dos estudantes, o referido questionário, buscando obter informações dos alunos sobre saúde geral e estado clínico; atividades esportivas; afetivo social; educacional e nutricionais. A ficha individual constou com os dados dos estudantes nos seguintes aspectos:

- Hábitos sociais (fumar, beber, comer, etc.);
- Informações de histórico pessoal e familiar de doenças;
- Exames clínicos recentes? (até 6 meses);
- Níveis de prática física e inatividade;
- Participação em atividades desportivas atuais ou em período escolar;
- Afinidade com desporto ou exercícios físicos;
- Idade que praticou exercícios pela primeira vez;
- Motivos da adesão à prática física;
- O tipo de exercício que o incomoda; os horários, entre outros.

2º etapa – Proposta de Atividades com Bola. No ano letivo de 2015, no qual foi oportunizado vivências práticas nas aulas de educação física, por meio de atividades com bolas tais como: Futebol/Futsal; Voleibol; Basquetebol; Handebol, todas desenvolvidas em ENF’S, além dos treinamentos para os Jogos Escolares do Amazonas – JEA’S e para os Jogos das Instituições Federais - JIFAM.

3º etapa – Coleta de dados – Compreendeu-se em coletar dados de cinantropometria, que serão as medidas da massa corporal e estatura utilizando uma balança; em seguida com uma fita métrica mensuraremos a envergadura, perímetros e circunferências do corpo; posteriormente o Índice de Massa Corporal - IMC - (Organização Mundial da Saúde- OMS, 1994); Consumo Máximo de Oxigênio (VO₂ MAX) (COOPER, 1982); Teste de Flexibilidade, por meio de sentar e alçar (Banco de Wells) (ACMS, 1996); Teste de Resistência Abdominal e Teste de Flexão e Extensão dos Cotovelos/Peitorais, segundo metodologia descrita por POLLOCK, M. L. & WILMORE J. H., (1993).



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



4º etapa – Tabulação dos dados. Os resultados das análises obtidos serviram para diagnosticar de acordo com os protocolos já mencionados, os níveis de condicionamento físico dos estudantes do Ensino Médio do IFAM-PF. Os estudantes foram submetidos aos esportes de bola, tais como o futebol (Figura1) no qual desenvolve a capacidade aeróbica/anaeróbica e a capacidade física voltada para o aspecto da força muscular e o voleibol (Figura 2) que desenvolve a capacidade coordenativa e motora além do aspecto aeróbico/anaeróbico.



Figura 1: Atividades com Bola – Futebol
Fonte:Autor (2015).



Figura 2: Atividades com Bola - Voleibol
Fonte:Autor (2015).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O universo amostral pertencente à pesquisa foi de 87 alunos do Ensino Médio Técnico Integrado dos cursos de Eletrotécnica (45 alunos) e Administração (42 alunos) do IFAM – Campus Presidente Figueiredo. Os resultados obtidos quanto ao questionário de anamnese, constataram a ausência de alunos fumantes e usuários de bebidas alcoólicas, outro aspecto



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



constatado foi que os estudantes não apresentaram problemas clínicos e ósseo articular. Na sua grande maioria 90% praticam atividades físicas apenas na escola com aulas da estrutura curricular (duas aulas por semana), e os que fazem partes das seleções participantes dos jogos escolares acrescentam-se mais 2 horas semanais de treinamentos específicos por modalidades esportivas.

O Índice de Massa Corporal – IMC, foi obtido pela divisão do peso (Kg) pela altura² (Cm), onde nos mostra resultados a níveis de nutrição dos estudantes, como mostra a figura 3, identificou-se que na maioria dos discentes com 49,1%, encontram-se na zona aceitável e 0% na zona de obesidade severa, além de 31% estão na zona baixo o que significa que se encontram abaixo da normalidade, tais fatores ligados a má alimentação e/ou crescimento e desenvolvimento, além de 14% na zona de obesidade leve e 5,2% em obesidade moderada, que ficam acima da normalidade.

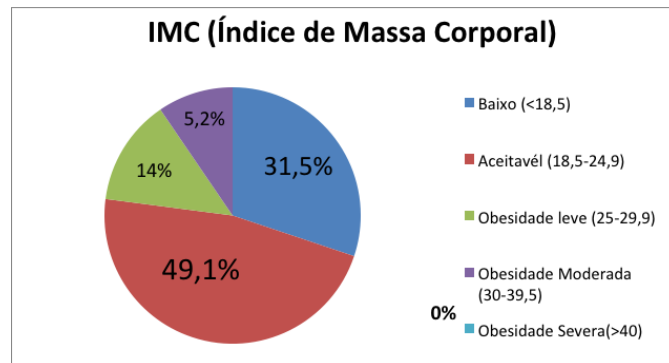
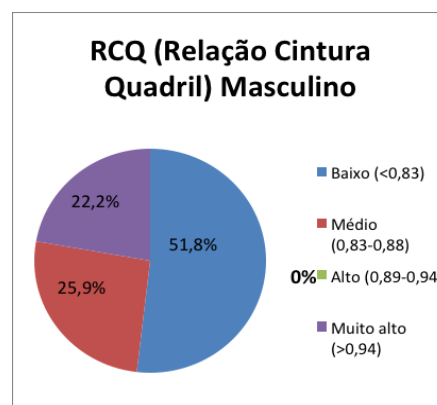
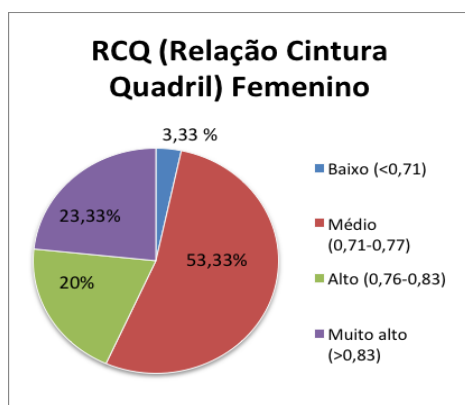


Figura 3. Resultados do Índice de Massa Corporal.
Fonte: Autor (2015).

Em se tratando da probabilidade de se adquirir futuramente doenças coronárias a figura 4 apresentam resultados do teste do Índice Relação Cintura Quadril – RCQ, que é a divisão da cintura / quadril. Com relação às meninas identificou-se que apenas 3,33% na zona baixo, que significa que estão com leves chances de futuramente terem doenças coronárias, entretanto na sua maioria com 53,33%, encontram-se na zona médio, que fica acima da normalidade, e no tocante de fator de perigo são que 20% estão na zona alto e outros 23,33% na zona muito alto de probabilidade de doenças do coração.

Já nos meninos um dado alarmante são que, 22,2% dos mesmos encontram-se na zona muito alto e constituem em grandes possibilidades de futuramente adquirirem doenças coronárias, entretanto 0% estão na zona alto, outros 25,9% na zona médio e na grande maioria com 51,8% encontram-se na zona leve.





2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



Figura 4. Resultados do Teste de Relação Cintura Quadril – RCQ.
Fonte:Autor (2015).

A figura 5 mostram o resultado da Resistência Abdominal, o teste consiste no executor realizar o maior número de abdominais em um minuto, os resultados apresentados nas meninas indicam que a grande maioria está na zona fraco com 55,5%, com 18,5% na zona abaixo da média e 3,7% na zona média; os melhores resultados encontrados foram os 18,5% na zona acima da média e 3,7% na zona excelente. Nos meninos também na sua maioria com 33,33% apresentou um fraco índice de resistência abdominal e apenas 11,11% com um índice excelente.

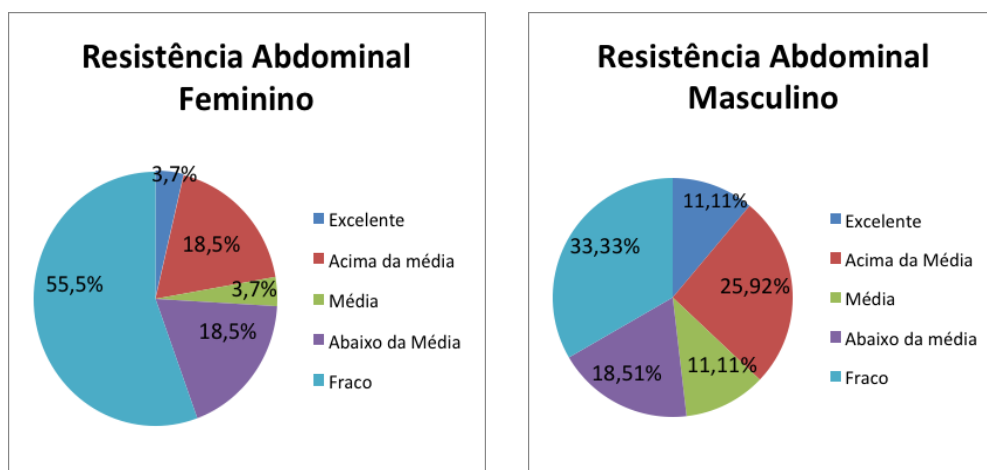
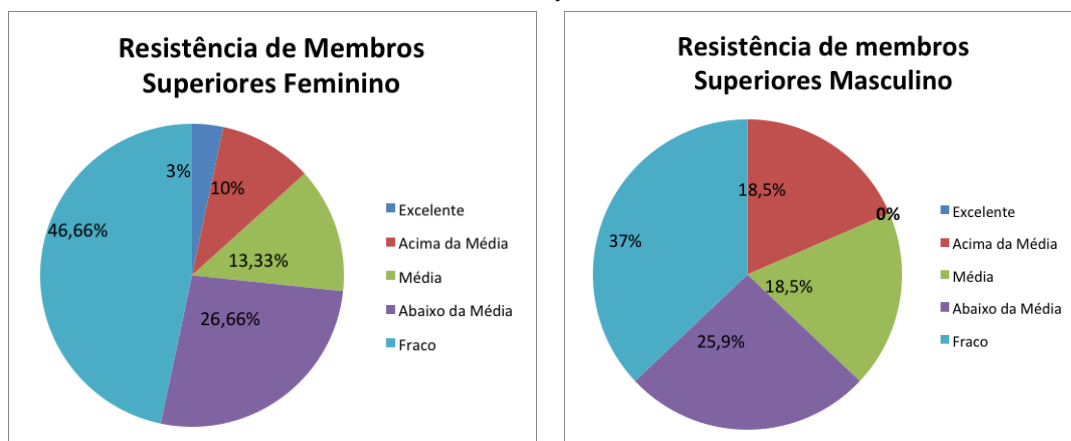


Figura 5. Resultados do Teste da Resistência Abdominal Feminino e Masculino.
Fonte:Autor (2015).

Os resultados do teste de Resistência de Membros Superiores feminino e masculino, como apresentam a figura 6 respectivamente. Mostra que 46,66% das alunas apresentaram um fraco índice de Resistência de Membros Superiores e apenas 3% em um nível excelente da resistência. Já nos meninos, assim como nas meninas, sua maioria com 37% possuem uma fraca Resistência de Membros Superiores, e outros 63% dividem-se em, Abaixo da Média, Média e Acima da Média. A realização do teste consiste em o executor realizar o maior número de flexões de braços corretas em um minuto.





2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



Figura 6. Resultado do Teste de Resistência de Membros Superiores. Feminino e Masculino
Fonte: Autor (2015).

O nível de Resistência Aeróbica é obtido pelo Teste de Cooper, que consiste no aluno realizar uma corrida ou caminhada por 12 minutos, ao final do tempo, observa-se a distância percorrida em metros e verifica-se em que nível o mesmo se encontra segundo COOPER, (1982). A figura 7 mostra que no feminino, a grande maioria 66,6%, apresentou um índice Muito Ruim de Resistência Aeróbica, e somente 6,6% apresentou um índice Excelente. Já no masculino apresenta uma semelhança, que a grande maioria com os mesmos 66,6% possuem um índice Muito Ruim de Resistência Aeróbica, e somente 3,7% possuem um índice Excelente.

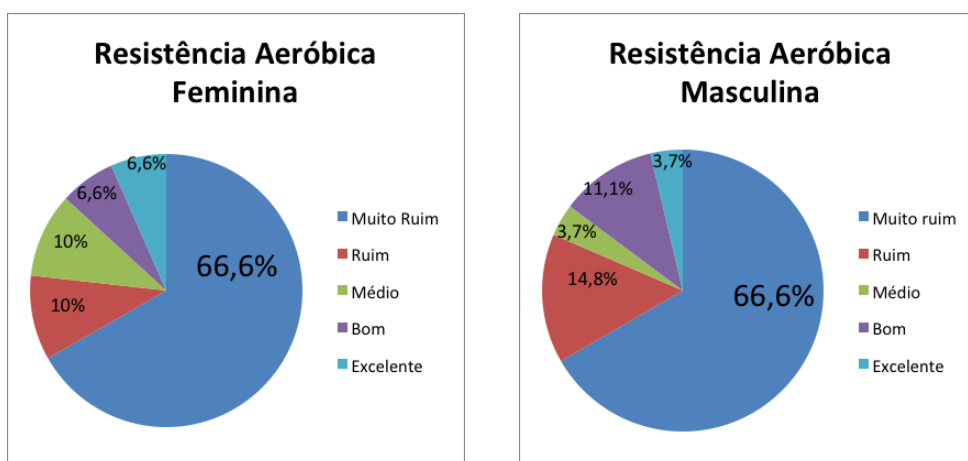


Figura 7. Resultado do Teste de Resistência de Aeróbica Feminino e Masculino.
Fonte: Autor (2015).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com que foi observado constatou-se a importância de se desenvolver práticas de curriculares de Educação Física em Espaços Não-Formais (ENF) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM – Campus Presidente Figueiredo, pois estas atividades constituem alternativas para ajudar a melhorar e condicionar o estado físico e mental dos estudantes e consequentemente podem contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos alunos.

REFERÊNCIAS

COLÉGIO AMERICANO DE MEDICINA DESPORTIVA; **Manual para Teste de Esforço e Prescrição de Exercício**, Rio de Janeiro: Ed. Revinter, 1996.

COOPER, K; **Exercício Aeróbico para o Bem-Estar Total**, Rio de Janeiro: Ed. Nórdica. 1982.



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDDOC (EDUCIAMA/UFAM)
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



JACOBUECCI, D. F. C. Contribuição dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Revista em Expansão**. Uberlândia, v. 7, p. 57-66, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/issue/view/898>>. Acessado em 01 dez. 2015.

KITAMURA, P. C. **Biodiversidade na Amazônia: por uma abordagem regional das unidades de conservação**. In: GARAY, I; DIAS, B. Conservação da biodiversidade em ecossistemas tropicais: avanços, conceitos e revisões de normas e metodologias de avaliação e monitoramento. Petrópolis, Vozes, 102-111, 2001.

LEAL, G.K.S. Jardim Botânico de Manaus Adolpho Ducke: possibilidades pedagógicas para ensinar Ciências na Amazônia. **Areté**, v. 7, n. 13, p. 204-211, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Professor/Downloads/528-1729-1-SM.pdf>>. Acessado em 15 dez. 2015.

LAZZOLI. JOSE KAWAZOE. **Manual de Teste de Esforço e Prescrição de Exercícios**. 4. ed. [s.n]: Ed. Revinter, 1996.

MACIEL, H.M.; CASCAIS, M.G.A.; TERÁN, A.F. Ponte sobre o Rio Negro: um novo espaço educativo não formal em Manaus, AM, Brasil. **Areté**, v. 5, n. 8, p. 108-116, 2012.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD - ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. LAS CONDICIONES DE SALUD EN LAS AMERICAS [OMS]. **Washington**, v.1, n. 549, p.336-342, 1994.

PIVELLI, R.S.P. **Análise do potencial pedagógico de espaços não-formais de ensino para o desenvolvimento da temática da biodiversidade e sua conservação**. 2006. 165 f. Dissertação (Mestrado) em Educação. Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2006.

POLLOCK, M.L., WILMORE, J.H. **Exercícios na Saúde e na Doença: Avaliação e Prescrição**. MEDSI Editora Médica e Científica Ltda., 233-362, 1993.

RODRIGUES, A.A.; FILHO, J.D.M.A. Espaços não formais na disciplina Química Ambiental: estudo de caso em Parintins/AM. **Areté**, v. 6, n. 11, p. 195-207, 2013.

ROMERO BREST, E. C. Anteprojeto de pesquisa sobre o plano de ação para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da educação física. **Bol. FIEP**, Belo Horizonte: v. 47, n. 1, p. 17-27, 1977.

SOUZA, D.; BRANCO, A.K.A.C.; TERÁN, A.F. **O Bosque da Ciência: Ambiente de aprendizado para o ensino de Ciências**. **Areté**, v. 7, n. 14, p 198-206, 2014.

WILSON, J. **Educação ambiental em jardins botânicos: diretrizes para o desenvolvimento de estratégias individuais**. Rio de Janeiro: Rede Brasileira de Jardins Botânicos, 201 p, 2003.



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



GT-4

Políticas Educacionais e Tecnologias de Informação e Comunicação



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



EVASÃO ESCOLAR NO CEJA: MOTIVOS E DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS ALUNOS

Thaís Santiago Amaral¹

Kayla Brasil²

Welton Yudi Oda³

Resumo

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem a finalidade de fornecer a educação básica a todos àqueles que não podem mais cursar o Ensino Regular e buscam concluir os estudos. O presente estudo foi realizado no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) Professor Agenor Ferreira Lima, localizado no bairro Aleixo, em Manaus, tendo o objetivo de investigar a evasão escolar, analisando duas turmas de biologia, tendo foco nas dificuldades e barreiras que são enfrentadas por essas pessoas. Foram aplicados questionários com os alunos que finalizaram a disciplina, e com cinco professores da escola, buscando conhecer e entender os motivos das desistências e dificuldades enfrentadas por esses alunos.

Palavras-chave: Evasão escolar; CEJA; Dificuldades.

1 INTRODUÇÃO

O Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) é destinado a pessoas que desejam concluir seus estudos e que não o fizeram no período normal a partir da educação regular. O EJA diferencia-se também quanto à disposição das disciplinas que são ministradas individualmente em módulos. O perfil dos alunos desta modalidade é constituído por pessoas que tem experiência de vida e em sua maioria auxiliam no sustento da família, mas acabaram desistindo ou até mesmo não tiveram oportunidade de cursar o ensino regular.

Segundo a Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1988) existem alguns princípios que estabelecem algumas teorias que envolvem a educação geral e específica ao EJA, sendo estes:

1º Princípio: O princípio surge da constatação de que os jovens e adultos que não concluíram a educação básica em sua faixa etária regular têm tido pouco acesso a essas redes.

2º Princípio: Consiste na inserção orgânica da modalidade EJA integrada à educação profissional nos sistemas educacionais públicos.

¹ Acadêmica de Ciências Biológicas. Universidade Federal do Amazonas. E-mail: thais_amaral13@hotmail.com

² Graduada em Ciências Biológicas e Especializada em PROEJA. Ceja Professor Agenor Ferreira Lima e Escola Municipal Antonina Borges de Sá. E-mail: kaylabrasil@hotmail.com

³ Licenciado em Ciências Biológicas, Mestrado em Ecologia e Doutorado em Educação Científica e Tecnológica. Universidade Federal do Amazonas. E-mail: yudioda@yahoo.com.br



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



3º Princípio: Constitui a ampliação do direito à educação básica, pela universalização do Ensino Médio.

4º Princípio: Compreende o trabalho como princípio educativo.

5º Princípio: Define a pesquisa como fundamento da formação do sujeito contemplado nessa política, por compreendê-la como modo de produzir conhecimentos e fazer avançar a compreensão da realidade, além de contribuir para a construção da autonomia intelectual desses sujeitos/educandos.

6º Princípio: Considera as condições geracionais, de gênero, de relações étnico-raciais como fundantes da formação humana e dos modos como se produzem as identidades sociais.

Sendo assim, é de grande importância que se tenha a implantação da política educacional corretamente dentro da formação desenvolvida na EJA, para que se obtenha sucesso na educação dos alunos do programa.

Ainda de acordo com a Constituição Federal (BRASIL, 1988), o termo de igualdade nas condições de acesso escolar e permanência evidenciam que tem se tornado uma situação de discussão quando analisados os resultados mediante o desempenho dos alunos matriculados, constatando os elevados índices de reprovação e de abandono das escolas.

Partindo disso, tem-se a reflexão de que a maioria dos alunos que evadem tem seus empregos e auxiliam no sustento da família. Tendo então os questionamentos: O que realmente está levando os alunos à desistência? A escola é adequada a atender essas pessoas? O tempo dentro e fora da sala de aula influencia? e outros argumentos que aparecem ao longo de quando se estuda a evasão escolar.

Segundo as Diretrizes do EJA (BRASIL, 2007), a questão do tempo também seria uma dificuldade, pois os jovens e adultos tem que saber conciliar o tempo para trabalhar, auxiliar e cuidar da família, ir à igreja, ir à escola, entre outros. Deste modo, estes estudantes precisam fazer uma organização do tempo escolar, para tentar se enquadrar com o tempo que as pessoas teriam mais disponibilidade de se dedicar aos seus estudos, correspondendo ao Ensino Fundamental 3.200 horas e ao Ensino Médio, 1.200 horas, sendo definido na diretriz que compõe o sistema do EJA.

Portanto, a pesquisa teve o objetivo de investigar as causas das inúmeras desistências de alunos do CEJA Professor Agenor Ferreira Lima, que ocorreram em duas turmas da disciplina de Biologia, tendo foco nas dificuldades e barreiras enfrentadas no dia a dia de cada aluno, analisando quais motivos reais não permitem que estes se dediquem mais aos seus estudos, buscando um futuro melhor, além de verificar se os professores compreendem as reais dificuldades de seus alunos.

Durante a investigação, puderam ser verificados alguns relatos de professores a respeito do número de alunos que desistem ao longo do período, comparando o número de alunos que são matriculados e a quantidade de alunos que conseguem se formar e passar de nível. Vale ressaltar que as disciplinas são ministradas em módulos, que duram três meses, tendo dois dias de aula (de 2h cada) por semana.

2 METODOLOGIA

O estudo foi realizado no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) Professor Agenor Ferreira Lima, localizado na Avenida André Araújo, bairro Aleixo, zona centro-sul de



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



Manaus, com duas turmas de biologia do período vespertino, contendo ao todo 61 alunos, que frequentavam aulas duas vezes por semana, durante o período de três meses.

Primeiramente, foi realizada uma fase de observação, que compreendeu uma investigação visual a respeito das turmas e alunos, seus comportamentos e participação em sala de aula. Nesta fase ainda, verificou-se a quantidade de alunos presentes nas aulas.

Na fase seguinte, foi aplicado um questionário com 35 alunos, sendo que 11 destes alunos são do sexo masculino e 24 pertencem ao sexo feminino, e outro questionário com a professora responsável pela turma e quatro outros professores da escola que se disponibilizaram em responder, sendo que um deles é professor do ensino fundamental. Estes questionários tiveram a finalidade de investigar de acordo com a visão dos docentes, a respeito dos possíveis motivos da evasão escolar, para averiguar se os professores compreendem de fato estes aspectos da realidade dos seus alunos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a aplicação dos questionários, foram realizadas as análises das respostas oferecidas tanto pelos alunos, como pelos professores, nas quais se verificou inclusive eventuais correlações entre as respostas de docentes e estudantes.

Primeiramente, fez-se o levantamento da quantidade de alunos que iniciaram, quantos desistiram e quantos chegaram até o fim da disciplina de biologia, ressaltando-se que os resultados não evidenciam se os finalistas foram aprovados ou não, mas apenas se prosseguiram até o final do módulo (Tabela 1). Além disso, os dados foram categorizados por gênero, diferenciando-se homens e mulheres presentes na turma.

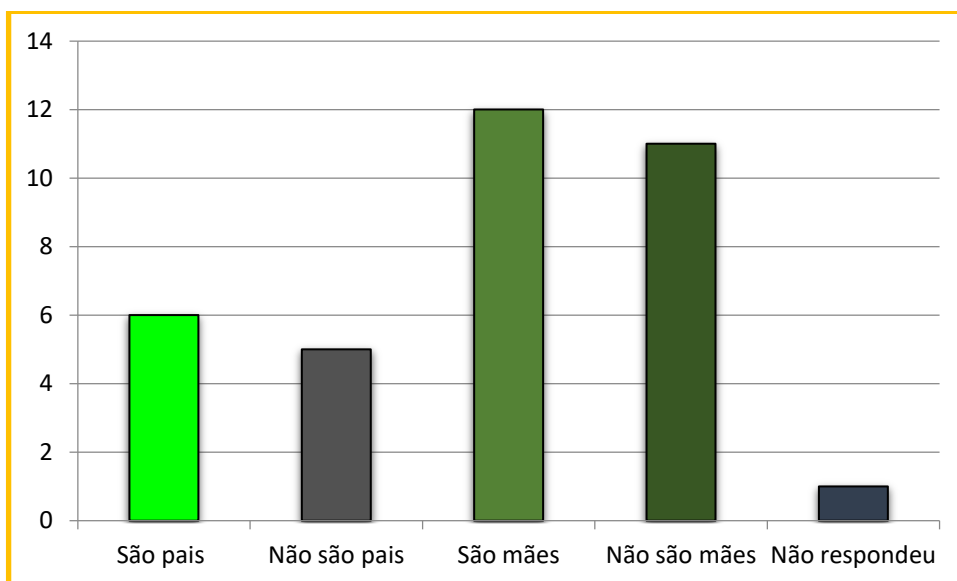
	MATRICULADOS	DESISTENTES	FINALIZARAM
TOTAL	61	23	38
HOMENS	17	4	13
MULHERES	44	19	25

Tabela 1: Número de alunos matriculados, desistentes e que finalizaram a disciplina de Biologia pertencente ao módulo do ano de 2015.

Analizou-se ainda a quantidade, entre homens e mulheres, que já são pais e mães, motivo bastante apontado pelos professores para a evasão escolar. O gráfico 1, a seguir, mostra a quantidade de homens e mulheres que possuem filhos.



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)
 Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
 Manaus, 24 e 25 de março de 2016

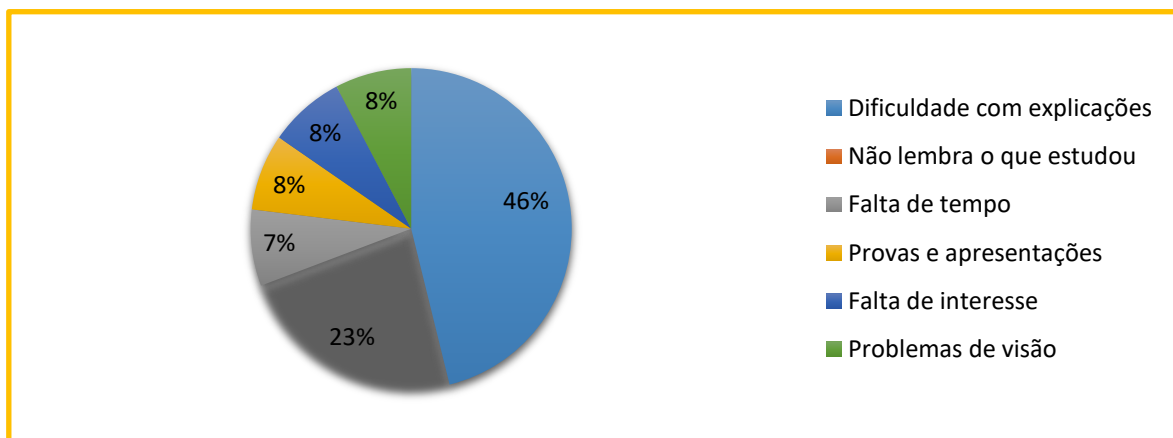


Em seguida, apresentamos aspectos relacionados mais diretamente com a aprendizagem dos estudantes. Em relação ao questionamento a respeito da dificuldade no aprendizado, o resultado pode ser verificado na Tabela 2.

RESULTADOS	
SIM	NÃO
12	23

Tabela 2: Demonstrativo de alunos que afirmam (ou não) possuir dificuldades no aprendizado.

Gráfico 2, em que pode-se verificar um pouco da realidade vivida por cada aluno no seu dia a dia.





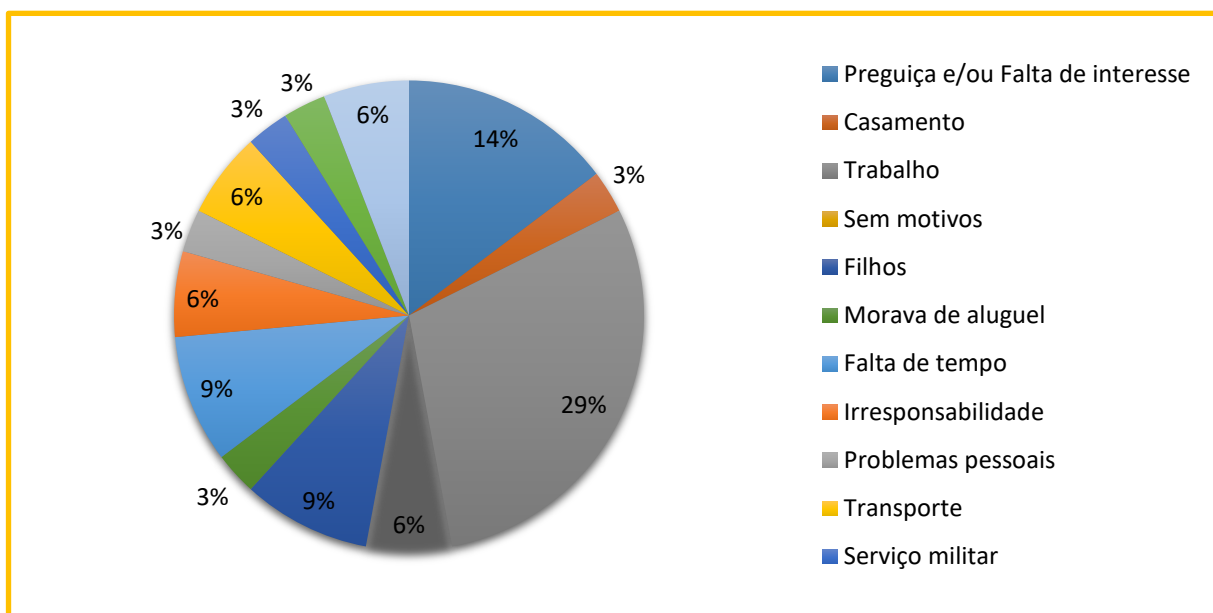
2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



Outro questionamento realizado foi referente aos motivos de não terem concluído o Ensino Regular, onde se pode notar que houve clareza quanto às respostas, que é possível notar devido a diversificação destas, como mostra no Gráfico 3 a seguir.

Gráfico 3: Motivos pelos quais os alunos não puderam concluir o Ensino Regular.



Além de todas essas questões, fez-se um levantamento a respeito da faixa etária das turmas que foram pesquisadas, visando ampliar o conhecimento sobre as pessoas que buscam os estudos, onde se pode ter uma melhor noção tanto da faixa etária que não possui o ensino regular, como daquela que ainda busca a continuidade de seus estudos, visando um futuro melhor, mesmo que seja apenas para uma realização pessoal, ou até mesmo uma necessidade. No Gráfico 4 mostra-se apenas a faixa etária daqueles que responderam o questionário de pesquisa.

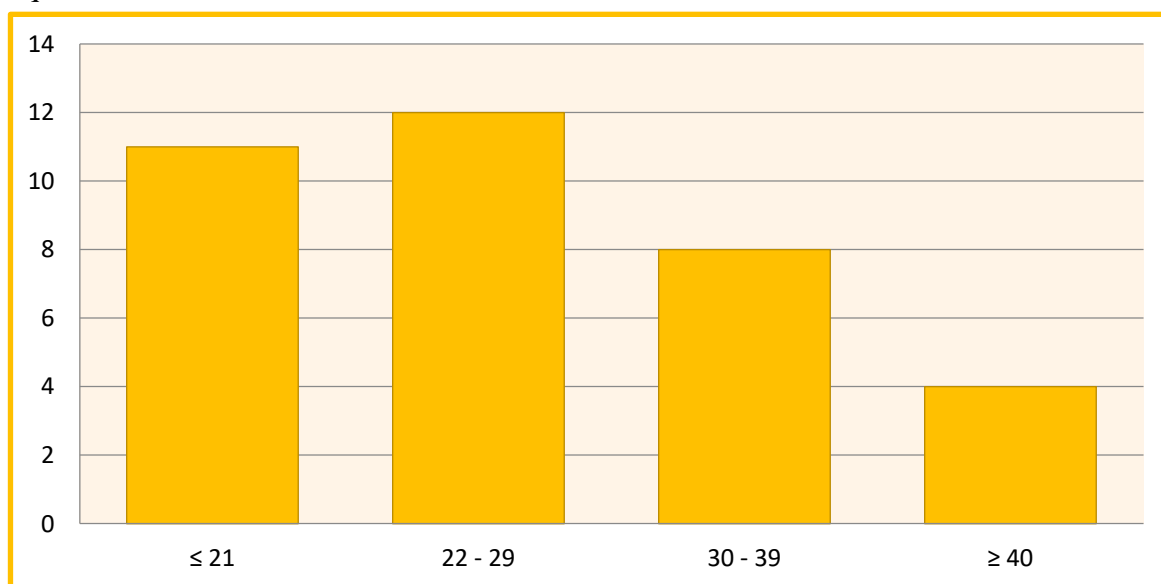


Gráfico 4: Faixa etária dos alunos que responderam o questionário.



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



Finalizando o questionário de pesquisa, procurou-se saber a respeito da perspectiva que cada um tem para o seu futuro, se buscam ingressar em alguma universidade e/ou fazer curso técnico após concluírem seus estudos no CEJA, como mostrado no Gráfico 5 a seguir.

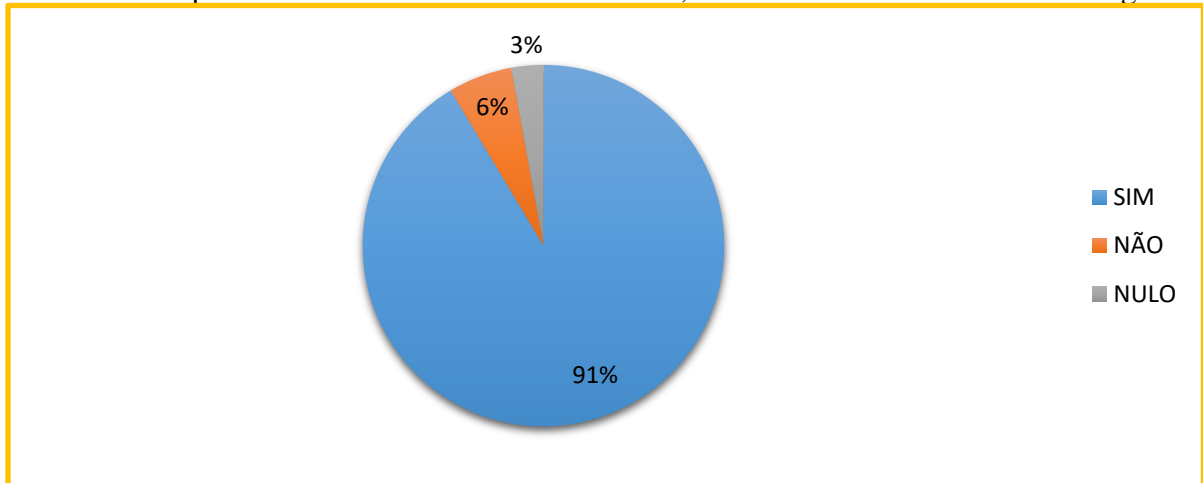


Gráfico 5: Alunos que pretendem ingressar em alguma Universidade e/ ou fazer curso técnico após conclusão dos estudos.

No questionário respondido pelos professores, a respeito das dificuldades que os alunos tem em aprender, alguns tiveram respostas iguais, acrescentando alguns outros motivos, como se pode observar no Gráfico 6 abaixo.

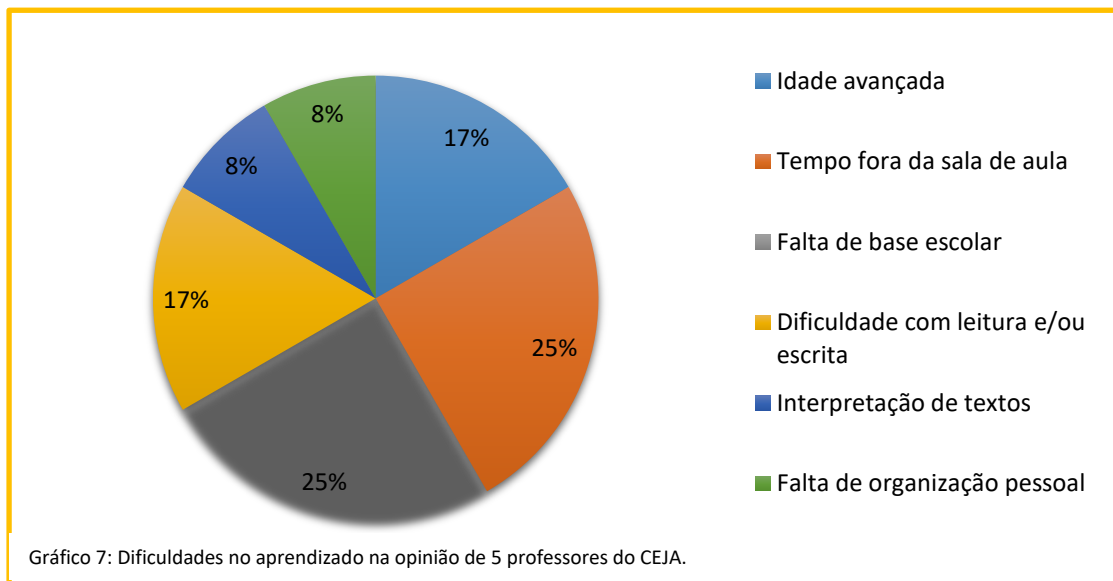


Gráfico 7: Dificuldades no aprendizado na opinião de 5 professores do CEJA.

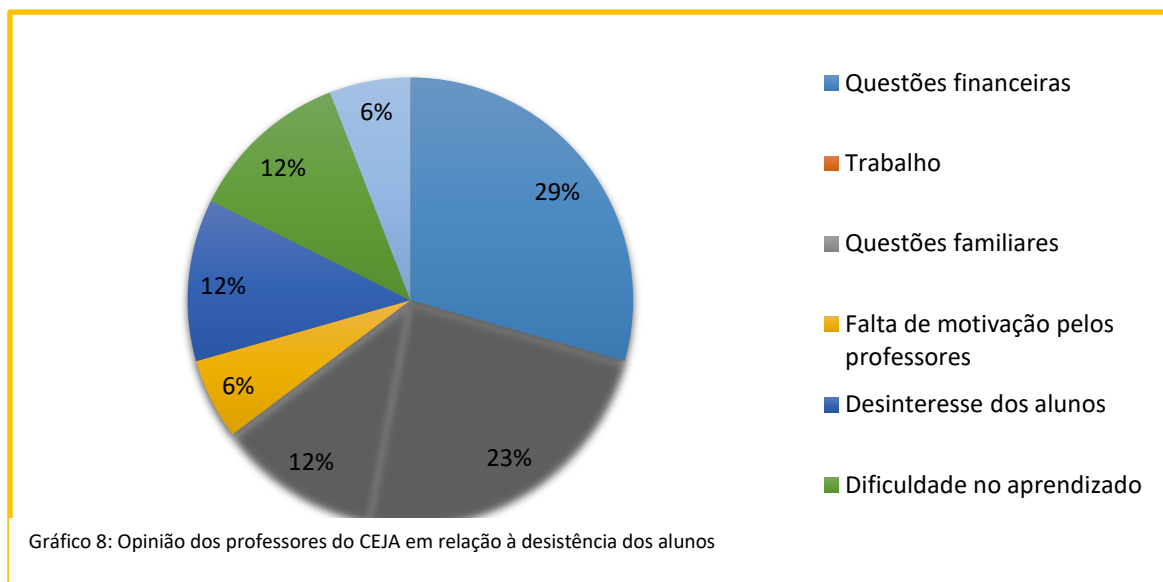


2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



Além disso, os professores foram questionados a respeito de quais os motivos que levam à desistência de muitos alunos, sendo que as respostas também foram parecidas com as respostas dos próprios alunos, (Gráfico 7).



Em relação à abordagem de questões do ENEM obtiveram-se algumas respostas diferenciadas, mostrando que cada profissional aborda da sua forma, contudo, dentre os que responderam ao questionário, todos afirmaram a abordagem às questões de vestibulares, com exceção do professor que leciona para o ensino fundamental. Sendo assim, as maneiras citadas por eles foram: Conteúdos e simulados; Atividades e questões de reflexão e da atualidade; Questões de Vestibulares e grupo de estudos e Discussão de questões.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se constatar que a evasão no CEJA Professor Agenor Ferreira Lima é um problema a ser atacado, e que os índices são altos, sendo que menos da metade dos alunos que iniciam cada fase conseguem concluí-la.

Pode-se constatar ainda, que são diversos os motivos que são enfrentados por cada aluno para tentar manter seus estudos, assim como os que levaram a desistir no início, como, por exemplo, seus filhos, casamento, dificuldades financeiras, entre outros. Além disso, pode-se verificar que de fato, os professores tem ciência dos problemas enfrentados pelos alunos, pois a comparação entre as suas respostas e a dos alunos, mostrou que há grande concordância entre elas. Sendo assim, estes docentes afirmam buscar a melhor forma de ensinar para que todos sejam capazes de aprender e dar continuidade aos estudos.

Contudo, após conversas e observações pode-se chegar a outros motivos também que influenciam a evasão, como a questão do curto tempo de cada disciplina. Além disso, a escola algumas vezes mostra-se despreparada para receber seus alunos, não tendo como dar assistência adequada a todo o seu público.

Sendo assim, acredito que o problema da evasão deve ser atacado buscando-se dar atenção especial, para que busquem alternativas pedagógicas e ações de outra natureza que



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



objetivem mitigar a evasão, reduzindo os números da evasão e incentivando àqueles que querem dar continuidade a seus estudos.

5 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição da Republica Federativa do Brasil, 1988.

Governo do Estado do Espírito Santo. **Caderno de diretrizes da Educação de Jovens e Adultos**, 2007.

LIMA, Mary Jane Araújo de. **Educação de Jovens e Adultos: evasão e repetência em duas escolas da rede estadual de ensino no município de Manaus-Amazonas (2008 – 2011)**. Manaus: UFAM, 2013.

MEC, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos**, 2000.

MEC, Ministério da Educação; SEAD, Secretaria de Educação a Distancia. **EJA: Formação técnica integrada ao Ensino Médio**, set, 2006.

OLIVEIRA, Paula Cristina Silva de; EITERER, Carmem Lúcia. **“Evasão” Escolar de alunos trabalhadores na EJA**. UFMG.



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



A UTILIZAÇÃO DE CELULARES POR DISCENTES DE ENSINO MÉDIO NA AULA DE BIOLOGIA

Rodrigo Augusto Moreira Pereira¹

Resumo

Na atualidade, o telefone celular é um dispositivo que se encontra presente em praticamente todas as situações do indivíduo, em uma condição de quase onipresença (Abreu, 2005). Esta pesquisa consiste num estudo sobre como os discentes do ensino médio de uma escola da zona centro sul de Manaus utilizam dispositivos móveis em aulas de biologia. Foi aplicada uma ficha de campo, contendo itens que explicitavam os usos feitos por cada aluno, além de um questionário com 11 perguntas, aplicado oralmente em seis alunos. Foram identificados 34 usos, a partir de abordagens quantitativas e qualitativas em que foi possível, a partir da análise dos resultados, perceber que os participantes na sua maioria, utilizam os aparelhos eletrônicos móveis para fins recreativos, o que não contribui para a aprendizagem de biologia. Nas discussões foram tratadas as formas de como os aparelhos eletrônicos móveis podem ser utilizados de forma mais proveitosa por meio dos discentes e o auxílio dos mesmos no âmbito do ambiente escolar.

Palavras chave: dispositivos móveis; educação; âmbito educacional.

Abstract

Currently, the mobile phone is a device that is present in almost all the individual situations in a condition of near omnipresence (Abreu, 2005). This research is a study on how high school students in a school center area south of Manaus using mobile devices in biology classes. Was applied to a field form, containing items That moment the uses made by each student, as well as a questionnaire with 11 questions, applied orally in six students. 34 uses were identified from quantitative and qualitative approaches where possible, from the analysis of results, notice that the participants mostly use mobile electronic devices for recreational purposes, which does not contribute to the biology of learning . forms such as mobile electronic devices can be used more profitably through the students and help them in the context of the school environment in the discussions were treated.

Key Words: *furniture; educational equipment; educational level.*

1.Introdução

O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação Móveis e sem Fio (TIMS) aumentam os desafios da realidade escolar. Educadores precisam se adequar a realidade

¹ Licenciando em Ciências Biológicas. Universidade Federal do Amazonas. E-mail: rodrigomperreira23@gmail.com



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



desenhada pelas TIMS. Entre as TIMS, temos o celular, um aparelho popular, com aplicativos que podem vir a ser utilizados em sala de aula como recurso pedagógico. (Cavalcante, 2013)

Os aparelhos eletrônicos em sala de aula são um convite à distração prejudicando, muitas vezes, o aprendizado. Nesse contexto podemos observar as conversas paralelas que tiram a atenção de estudantes e fazem com que eles não se concentrem. Na maioria das vezes, podem não aprender o conteúdo apresentado, apesar disso, não podemos negar a vantagem de acesso à informações independente do lugar que se esteja. Muitas vezes os aparelhos eletrônicos de comunicação facilitam o desenvolvimento dos estudos e dos trabalhos escolares, já que é possível buscar informações com rapidez.

A Evolução Tecnológica é algo que sempre esteve presente na vida do homem, desde os primórdios até os dias atuais e cada vez aumenta mais sua relação com o homem e seu progresso. Educação e tecnologia, mediadas pelo trabalho, estabelecem não só uma força interativa – ação comunicativa, mas uma construção de linguagem, elaborada pela atividade profissional em contato com os novos paradigmas tecnológicos.

2. Tecnologia e a Educação

No âmbito escolar atual, é inimaginável fazermos algumas tarefas sem o auxílio de um computador. Pilhas de cadernos, agendas e planilhas de papel foram substituídas por arquivos no computador, que acabam facilitando o fechamento de notas, presenças, o histórico dos alunos, etc.

Podemos observar a insatisfação de alguns alunos em relação a aulas ditas "tradicionais", ou seja, aulas expositivas nas quais são utilizados apenas o quadro e o pincel. Hoje em dia os alunos precisam saber para que e por que precisam saber determinado assunto, e não apenas aprender. Essa é a típica aprendizagem utilitária, isto é, só aprendo se for útil, necessário para entrar no mundo de trabalho, visando ao retorno financeiro (Revista Prove 2013).

A partir do momento em que as aulas se modernizam através do uso de recursos tecnológicos, os mesmos podem se adaptados para vários perfis de alunos, para diferentes faixas etárias e diversos níveis de aprendizado. O trabalho do professor acaba tendo um retorno mais eficaz. É importante, no entanto, que haja não apenas uma revolução tecnológica nas escolas. É necessária também a revolução na formação docente, pois a tecnologia é algo ainda a ser melhorado para a maioria dos professores.

A utilização de aparelhos eletrônicos se tornou essencial nas nossas atividades diárias, de acordo com Dizard (1998), as mídias passam a configurar novas maneiras para os indivíduos utilizarem e ampliarem suas possibilidades de expressão, constituindo novas interfaces para captarem e interagirem com o mundo.



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



3. Objetivo

Este estudo visa investigar o uso dos dispositivos móveis por um grupo de estudantes do ensino médio das turmas do segundo e terceiro ano vespertino da Escola Estadual Ângelo Ramazzotti. A ideia principal desta pesquisa é verificar o que os alunos fazem com os suas tecnologias e quais as suas preferências de uso diante dos diferentes recursos oferecidos por estes, além de verificar a importância dos mesmos para a vida desses alunos e se atrapalham ou não os estudos.

4. Metodologia

Serão traçadas estratégias de como elaborar materiais didáticos e novas alternativas para o uso dos aparelhos visando o Ensino de Biologia, levando-se em consideração, as especificidades do locus da pesquisa. Esta pesquisa teve caráter quantitativo e qualitativo. A mesma teve como objetivo avaliar o uso dos dispositivos móveis, utilizando uma ficha de campo, contendo opções para marcar os tipos de uso realizados cada aluno. Tal ficha de campo foi aplicada, durante tanto tempo, a um total de seis turmas, sendo três de segundo ano e três de terceiro.

Além disso, foi aplicado também um questionário de forma oral, gravado por um celular da marca Samsung, contendo 11 perguntas. As perguntas eram: 1 - Você gosta de aparelhos eletrônicos? Por que?; 2 - Quais aparelhos eletrônicos você possui?; 3 - Para que fins você usa seu(s) aparelho(s)?; 4 - Você traz algum deles para a escola?; 5 - Você acha correto usar o aparelho em sala de aula? Por que?; 6 - O que você acha da aula de biologia? (sempre); 7 - Quando você considera a aula chata, se sente tentado a usar seu aparelho? 8 - O que você considera uma aula chata? 9 - O que você sugeriria para a aula ficar melhor quando está chata? 10 - Você acha que os professores e os alunos poderiam usar seus aparelhos eletrônicos para incrementar a aula? 11 - Você acha que estes aparelhos podem, de algum modo, prejudicar o seu aprendizado?

Para Parasuraman et al., (1989), um questionário é tão somente um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos do projeto. Todos os resultados foram observados e alguns forma colocados em forma de gráficos que serão expostos na sessão resultados e discussões.

5. Resultados e discussão

Etapa nº1 – Análise dos resultados da ficha de campo

As fichas de campo foram utilizadas para registrar oito aulas com duração de 50 minutos cada. Foram observados 34 diferentes usos, sendo que um dos horários de observação compreendeu uma prova, em uma turma de segundo ano.

No primeiro gráfico observa-se diferença significativa na proporção do uso entre homens e mulheres. Apesar disso, deve-se levar em conta que, no caso das mulheres, algumas estudantes utilizaram repetidas vezes seus aparelhos móveis, diferente do padrão observado



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



entre os homens, em que um uso menos frequente foi feito por indivíduos diferentes (Gráfico 1).

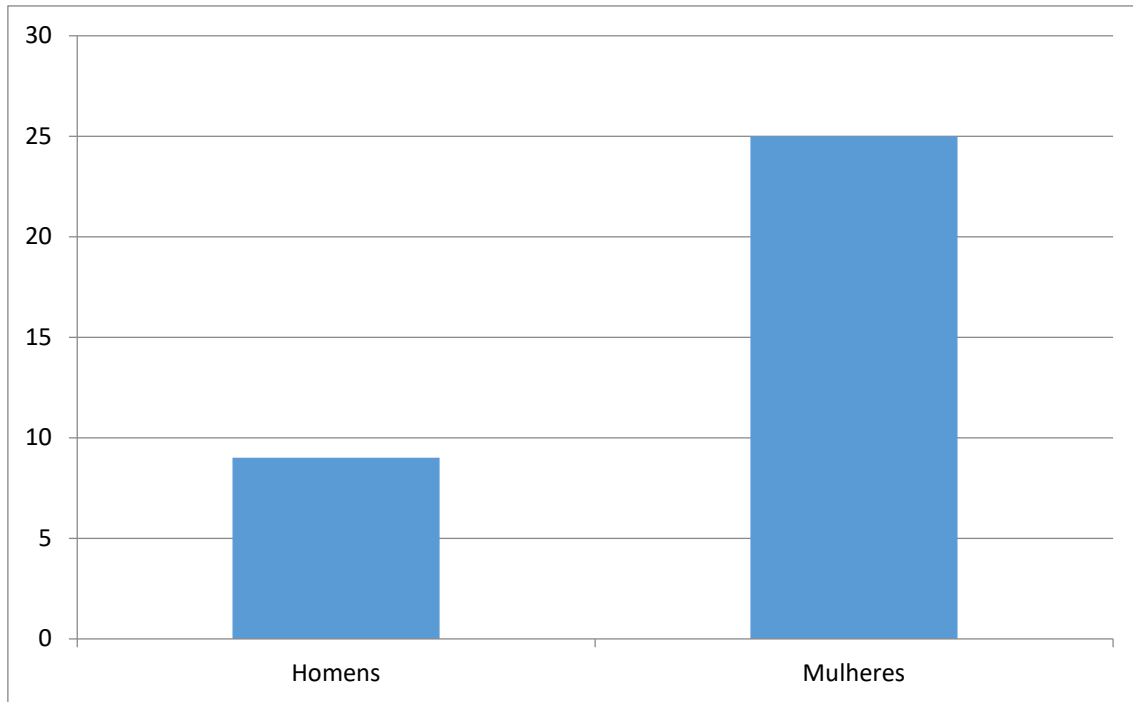
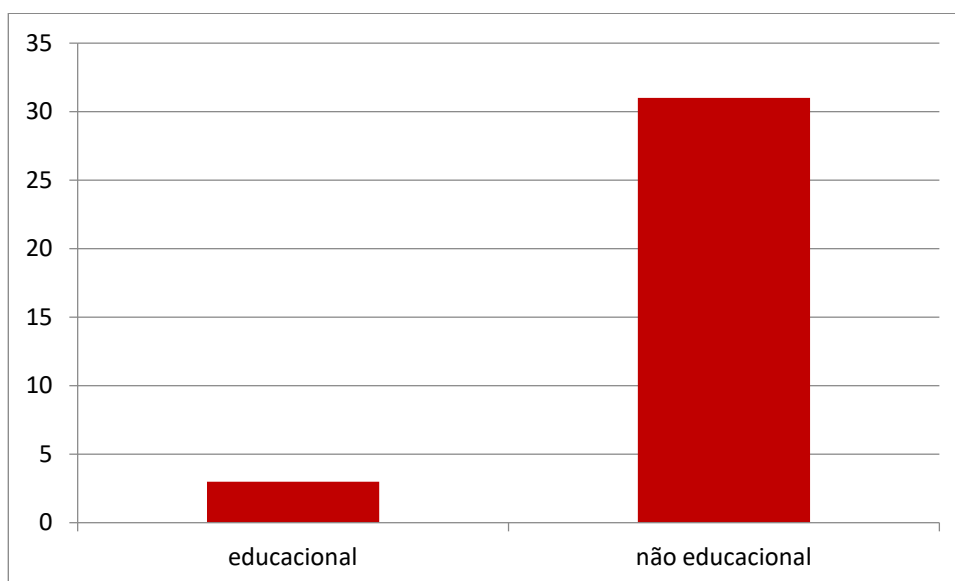


Gráfico 1: Frequência de uso de aparelhos eletrônicos móveis entre homens e mulheres. No eixo x, o gênero homem e mulher, e no eixo y, a quantidade indicada dos mesmos.

No gráfico 2, buscou-se ilustrar as distintas maneiras com que foram utilizados os aparelhos eletrônicos, particularmente o celular. A barra do lado esquerdo do gráfico foi considerado como uso educacional, enquanto que a barra da direita foi considerado como uso não educacional.



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)
 Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
 Manaus, 24 e 25 de março de 2016



Na tabela abaixo, iremos observar a reação da professora a cada uso feito em sala de aula:

Ciência do uso pela professora*	Sem a ciência da professora	Total de usos
2	32	34

Tabela 1 – Número de usos observados e não observados

* Nas duas ocasiões em que tomou ciência da utilização dos dispositivos móveis, a professora repreendeu os alunos.

Na tabela 2, foram registrados o número de usos e a finalidade de cada uso. Observe abaixo:

Tipos de Uso*	Total
Atendeu	0
Digitou mensagem	12
Usou fone	4
Tocou	0
Whatsapp	17
Outro	9
TOTAL	56



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



Tabela 2 – Tipos de usos e frequência

* Alguns alunos fizeram determinados usos simultaneamente. Por exemplo: Um dos alunos usou o whatsapp enquanto usou o fone de ouvido.

Etapa nº2 – Análise dos resultados das entrevistas

Foram feitas seis entrevistas orais. Estes participantes foram escolhidos pela frequência com que usaram seus dispositivos móveis durante as aulas, sendo que a metade dos alunos (três) fez uso destes, enquanto os demais (três), não o fizeram.

Na entrevista realizada, ao serem questionados se gostavam de usar aparelhos eletrônicos, os participantes da pesquisa afirmaram, unanimemente, que sim, alegando a realização de pesquisas de trabalho e também para a comunicação. Do mesmo modo, foram questionados sobre quais aparelhos eletrônicos eles usam, e de modo geral foi respondido que os aparelhos mais usados são os tablets, celulares e notebooks.

Quando foram perguntados na entrevista, para que fins eles utilizavam os aparelhos eletrônicos, responderam que, geralmente, eles são utilizados para pesquisas escolares, jogos, comunicação com outras pessoas, assistir a filmes e trabalhos escolares. Questionados sobre se eles traziam esses aparelhos mencionados para a escola, cinco dos seis alunos selecionados responderam que trazem apenas o celular para a sala de aula, enquanto que uma, inclusive no grupo daqueles que não usaram o aparelho durante as aulas, respondeu que não traz celular e nem quaisquer tipos de aparelhos eletrônicos para a sala de aula.

Questionados a respeito de ser ou não correto usar o aparelho em sala de aula, as respostas foram diversificadas. Duas pessoas acham desnecessário utilizar o aparelho dentro de sala. Uma pessoa não aconselha usar aparelhos em sala e três pessoas responderam que dependia da situação colocada. Se fosse para os estudos e pesquisas de trabalho, é bem importante, mas se fosse para utilizar para fins pessoais, como mensagens, ouvir músicas e outros, não seria bom. Também foram questionados sobre o que eles acham da matéria biologia. Duas pessoas responderam que não gostam da matéria biologia; três pessoas responderam que acham a matéria “interessante”; Enquanto que uma apenas, respondeu que apreciava bastante a matéria biologia.

Os alunos foram questionados sobre se sentem tentados a usar o aparelho dentro de sala, quando a aula está chata. Quatro pessoas responderam que sim, que se sentem tentadas, enquanto que duas pessoas responderam que não. Quando perguntados sobre o que eles consideram uma aula chata, foi respondido por quatro pessoas, que quando há muito barulho na sala, deste modo, vemos aqui que se a maior parte respondeu que há bastante barulho, é porque os alunos andam dispersos. Uma pessoa afirmou que a aula está chata “quando não tá entendendo absolutamente nada da matéria”, e a última pessoa respondeu “quando a aula está monótona, o mesmo jeito de aula”.

Nas últimas três perguntas indagou-se o que eles sugerem para que a aula fique melhor, se os professores e alunos poderiam usar os aparelhos eletrônicos em sala para incrementar a aula, e se os aparelhos poderiam atrapalhar o aprendizado dos alunos.



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



Responderam, de forma unânime, que as dinâmicas, jogos, vídeos e aulas práticas podem sim melhorar a aula, e que os professores e alunos poderiam, através do uso dos aparelhos, incrementar a aula de biologia. Questionados sobre o fato do uso dos aparelhos atrapalhar o aprendizado dos mesmos, duas pessoas responderam que poderiam sim atrapalhar os estudos, e quatro pessoas responderam que não, se o uso fosse para fins didáticos, para a própria aula em si.

Segundo as leis estaduais presentes na maioria dos estados brasileiros, sobre o uso proibido de celular em sala de aula, de acordo com o site <http://www.celularcomcamera.com.br/>, podemos ver que fica terminantemente proibido o uso de aparelhos eletrônicos, como o celular, em sala de aula.

”Há diversas razões de natureza pedagógica que justificam a proibição do celular na sala de aula. Considero que a escola deva coibir o uso do celular em sala de aula. Um exemplo de ação efetiva nesse sentido é um coordenador que eu conheço de um colégio particular que segue os alunos nas redes sócias (como *twitter* e o *facebook*, por exemplo). Assim, se eles postam alguma coisa durante o período de aula, o coordenador fica sabendo e imediatamente entra na sala “apreender” o celular do aluno“. (Winston Gomes, professor do Instituto Federal de São Paulo).

Kenski (2008) expressa que a ação educativa que se realiza como aprendizagem é mais complexa e compreende a essência da comunicação. O uso dos aparelhos eletrônicos na sala de aula sempre foi proibido e muito malvisto pela maioria dos professores. Porém, atualmente, o celular deixou de ser apenas um mecanismo de distração para o aluno e passou a figurar como um recurso novo, que, quando bem utilizado, pode auxiliar no processo de aprendizagem. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) invadem nossas vidas e os ambientes escolares. Celulares, que são pequenos computadores com acesso a Internet; *tablets*; projetores interativos, com recursos de contribuir no processo da aprendizagem dos alunos são exemplos destas tecnologias.

Já existem programas públicos para habilitar professores a usar novas tecnologias. Um deles é o Mídias na Educação, o programa é desenvolvido pela Secretaria de Educação a Distância (Seed), em parceria com secretarias de educação e universidades públicas – responsáveis pela produção, oferta e certificação dos módulos e pela seleção e capacitação de tutores. O programa capacita os docentes a trabalhar com quatro mídias diferentes: impressa (jornais e revistas), digital (*tablets* e websites), audiovisual (vídeos) e radiofônica. Os gadgets podem ajudar durante a aula. No Colégio, por exemplo, quando o professor de biologia não soube responder a uma dúvida, um aluno pode pedir para telefonar para a mãe, médica, que poderá ajudar na questão. "Com esses aparelhos, a aula pode ser mais democrática e dinâmica", afirma Mário Abbandati, coordenador de tecnologia educacional. (ABBANDATI, 2012)

Um importante elemento para quem acompanha práticas inovadoras na Educação é a presença de docentes que usam criativamente ferramentas cotidianas com suas turmas. Isso mostra que, de maneira relativamente simples, é possível inovar com o que temos à mão – e isso inclui redes sociais, muitas vezes consideradas grandes concorrentes pela atenção na sala. Neste sentido, é fundamental o aperfeiçoamento dos processos cognitivos, mas



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



também da formação mais ampla em termos de valores, comportamentos individuais e sociais, capacidade crítica e autonomia para pensar e agir. [...] A evolução dos suportes midiáticos ampliou este desejo fundante de toda pessoa de se comunicar e de aprender. É comunicando, trocando mensagens, refletindo em grupo, mesmo virtual, podemos transformar a educação que urge mudanças, os jovens clamam por uma educação diferente, eles precisam do professor mediando, mostrando caminhos que serão traçados por todos em comunhão com as novas tecnologias que estão presentes e são aperfeiçoadas com uma rapidez violenta.

Os alunos trazem do dia-dia para dentro da sala de aula, problemas e conflitos, adicionados de senso-comum, muitas vezes sem pesquisa prévia, método e teoria, porém relevantes para a elaboração da pesquisa científica. Deste modo, a implantação de um projeto educacional coletivo tem como objetivo: a utilização das redes sociais para o âmbito acadêmico onde influenciariam para educação, o uso dessas redes; a criação de novas plataformas para que o aluno não esteja "preso" somente a sala de aula, mas que se envolva na matéria também em casa; o uso de aparelhos eletrônicos em sala de aula como fins educacionais, para a pesquisa e para a realização de tarefas; a criação de sites onde abrigam os assuntos da matéria, para que o aluno esteja com a facilidade de acesso onde quer que se encontre. O projeto educacional também visa incluir a tecnologia trazida pelos alunos em sala de aula como ação mediadora do ensino-aprendizagem, contudo incentivando a pesquisa científica, a reflexão, crítica e soluções dos conteúdos apresentado em sala de aula e as que os discentes vivem no cotidiano.

6. Agradecimentos e apoio

O autor agradece ao professor **Welton Oda** por grande ajuda para o desenvolvimento desse trabalho. A Escola Estadual Ângelo Ramazzotti por propor toda a ferramenta possível para este trabalho, e ao Departamento de Biologia da Universidade Federal do Amazonas.

7. Referências

<http://www.fe.unb.br/catedraunescoead/areas/menu/publicacoes/monografias-sobre-tics-na-educacao/o-uso-das-tecnologias-na-educacao-computador-e-internet>

<https://www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/5945/o-uso-das-tecnologias-na-educacao.aspx>

<http://www.historiadetudo.com/tablet>

<http://www.tecmundo.com.br/2231-a-historia-dos-notebooks.htm>

<https://www.algosobre.com.br/carreira/aparelhos-eletronicos-atrapalham-a-aula.html>

https://pt.wikibooks.org/wiki/A_evolu%C3%A7%C3%A3o_tecnol%C3%B3gica/Introdu%C3%A7%C3%A3o

<http://olhardigital.uol.com.br/noticia/voce-sabe-como-os-equipamentos-tecnologicos-evoluiram/7273>

<http://www.arteprojecoes.com.br/noticia.php?id=29>



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



<http://familia.com.br/saude/os-efeitos-de-aparelhos-eletronicos-sobre-a-juventude>

<http://revistaescola.abril.com.br/blogs/tecnologia-educacao/2015/12/08/professores-contam-como-usam-redes-sociais-e-aplicativos-em-aula/>

<http://www.sbcoaching.com.br/blog/negocios/whatsapp-problema-solucao/>

<http://www.sidtecs.com.br/2014/wp-content/uploads/2014/10/413.pdf>

<http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/educacao/aparelhos-eletronicos-devem-ser-liberados-sala-aula-695126.shtml>

<http://www.colegiostockler-blog.com/?p=4354>



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



**O ESTÁGIO DOCÊNCIA EM ESPAÇOS FORMAIS E NÃO-FORMAIS
DE ENSINO: O ESTUDO DO CONCEITO DE BIODIVERSIDADE PARA
A FORMAÇÃO PROFESSORES DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA**

Danilo Seithi Kato¹

Dayse Kelly da Silva²

Rubia Amanda Franco Guimarães³

RESUMO

Este estudo relata duas experiências de formação inicial de professores de Ciências e Biologia a partir da articulação universidade-escola-comunidade. O objetivo principal foi evidenciar as potencialidades da articulação entre espaços formais e não-formais para o ensino e aprendizagem do conceito científico de biodiversidade em ações que envolvem o estágio docência para licenciandos em Ciências/Biologia. As discussões derivam de dois trabalhos de mestrado em andamento. Adotamos uma abordagem metodológica qualitativa de pesquisa e foram analisados um relato de visita à comunidade de estudantes matriculados em uma Licenciatura em Educação do Campo (Lecampo), habilitação em Ciências da Natureza; e uma aula em um curso pré-vestibular popular como espaço de estágio de licenciandos de um curso de Ciências Biológicas. Como principais resultados constatou-se que ambas as atividades analisadas adotam as questões controversas sociocientíficas como dispositivo metodológico, e que o envolvimento dos licenciandos nas atividades analisadas indicam potencialidades para o estágio docência.

Palavras-chave: ensino de ciências, estágio docência, espaço formal, espaço não formal, biodiversidade.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO RELATO

A principal premissa defendida no presente estudo é que: as diferentes práticas sociais, estabelecidas tanto em espaços formais como em não formais de ensino⁴, dão subsídios para a formação de elementos fundamentais da identidade profissional docente, neste caso especificamente a didática do professor de Ciências/Biologia. Tal ponto de partida pauta-se

¹ Professor Adjunto do Instituto de Ciências Exatas, Naturais e Educação. Departamento de Educação em Ciências, Matemática e Tecnologia. Licenciatura em Educação do Campo. E-mail: danilo@icene.uftm.edu.br

² Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (Mestrado). E-mail: dayseksbio@gmail.com.

³ Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (Mestrado). E-mail: rubiaag_franco@hotmail.com

⁴ Espaços não formais são aqueles tais como museus, centros de ciências, dentre outros, em que se proporciona a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal, com atividades direcionadas e com objetivo definido. (VIEIRA; BIANCONI; DIAS, 2005).



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



em uma abordagem intercultural para o ensino e a aprendizagem de conceitos científicos (AIKENHEAD, 2009), bem como na formação do professor como intelectual crítico e reflexivo (SCHÖN, 1995; GIROUX, 1997; CONTRERAS, 2002; PIMENTA; LIMA, 2004).

Dessa forma, a valorização e identificação de diferentes processos educativos em prática sociais específicas, podem indicar caminho formativo para o professor de Ciências/Biologia engajado com a formação do cidadão atuante e politicamente ativo na sociedade vigente (DEMO, 2010). A principal hipótese é que a articulação entre espaços formais e não formais de ensino, durante as mediações do estágio docência, podem apresentar condições favoráveis para vivências de diferentes propostas metodológicas e consequentemente diferentes olhares para a relação ensino-aprendizagem e contexto sociocultural.

Este estudo apresenta a descrição de duas experiências de formação de professores de Ciências e Biologia. O objetivo principal foi descrever duas atividades e evidenciar as potencialidade da articulação entre espaços formais e não formais de ensino na organização das atividades de estágio docência. As discussões derivam de duas dissertações de mestrado em andamento desenvolvido pelas coautoras do presente trabalho sob a orientação do primeiro autor, cada qual em uma das experiências descritas para este evento. Tais produções compõem a linha de pesquisa estabelecida pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Interculturalidade e Educação em Ciências – GEPIC - sediado na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

Como mencionado, este estudo teve como contexto de análise duas atividades distintas: uma atividade supervisionada em visita à comunidade rural de licenciandos uma Licenciatura em Educação do Campo (Lecampo), habilitação em Ciências da Natureza da UFTM; e uma aula em um curso pré-vestibular popular que recebeu licenciandos do curso de Ciências Biológicas da Universidade de São Paulo, campus Ribeirão Preto. Adotamos uma abordagem metodológica qualitativa, com enfoque na perspectiva etnometodológica para investigação dos discursos estabelecidos nas atividades.

O objeto da pesquisa constituiu-se de: Análise do planejamento de uma atividade a ser desenvolvida na Lecampo dentro da disciplina de “Ecologia e estudo do meio”, e do relatório do caderno de campo do professor formador sobre a visita realizada na comunidade dos licenciandos; e 2) Análise de filmagens em áudio e vídeo de uma aula do curso pré-vestibular popular.

As licenciaturas em Educação do Campo, em geral, apresentam especificidades quando comparadas a outros cursos de formação inicial. Uma delas é quanto à adoção da pedagogia da alternância na qual trabalho e estudos estão interligados na vida dos indivíduos, ou seja, ora os estudantes estão na escola, constituindo o “Tempo Escola” ora no campo, denominado “Tempo Comunidade”, o que proporciona maior adequação as atividades do estudante camponês. Segundo este autor, tal proposta distingue-se de uma educação convencional, pois permite aos alunos considerarem sua realidade de vivências nos processos educacionais vivenciados em sala de aula e situá-los na integralidade de sua vivência pessoal, social, ambiental e econômica (OVIGLI, 2014).

O intuito é relatar aqui uma das vivências da relação entre comunidade-escola-universidade, no contexto específico da Licenciatura em Educação do Campo da UFTM ocorrida em 2015, como forma de ilustrar as potencialidade metodológicas para o estágio docência visando a formação do sujeito que observa as práticas sociais cotidianas da comunidade em que habita,



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



para a partir destas promover diálogos com a ciência escolar, nesse caso por meio da conceito científico de biodiversidade.

Já o segundo contexto relatado trata-se de uma atividade, cujo objetivo educacional também figura no conceito de biodiversidade, que ocorreu no ano de 2013 em um espaço não formal de ensino – curso pré-vestibular popular. A instituição de ensino analisada, CIMEAC (Centro de Investigações de Metodologias Educacionais Alternativas Conexão) localizado em Ribeirão Preto (SP), trabalha com metodologias educacionais alternativas na qual o público alvo do curso é a população de baixa de renda e cujo objetivo é o de preparar os alunos para vestibulares de universidades públicas do Brasil. O conjunto de professores/ pesquisadores voluntários que compõem o quadro docente elaboram suas aulas e materiais didáticos, a partir de controvérsias sociocientíficas, de maneira interdisciplinar.

A utilização de questões sociocientíficas vem sendo discutidas em diversas pesquisas em ensino de ciências. Alguns autores apontam algumas possibilidades de aprendizagem promovidas pela utilização de questões sociocientíficas, ressaltando que elas são normalmente de natureza controversa por discutirem assuntos polêmicos que envolvem aspectos sociais, políticos, éticos, morais, gerando opiniões distintas acerca do assunto estudado e privilegiando possíveis debates e discussões em sala de aula, sendo esta uma oportunidade para promover os processos de pensamento e raciocínio, e para desenvolver as práticas discursivas no avanço do conhecimento intelectual e científico, capazes de promover pensamento crítico e atuando também na formação do cidadão. (SADLER e ZEIDLER, 2004; REIS e GALVÃO 2008; LEVINSON, 2008).

A atividade analisada discute a controvérsia do uso e consumo de água, por um lado aspectos sociais e econômicos relacionados à utilização e exploração deste recurso, e por outro, os aspectos conservacionistas relacionados à sustentabilidade, distinguindo o uso e consumo no debate sobre o sistema produtivo contemporâneo.

Entre os conceitos abordados durante as aulas de Ciências da Natureza, o conceito de Biodiversidade foi escolhido pelo fato de ser um dos conceitos centrais do ensino de Ciências Biológicas. Castro, Motokane e Kato (2014) descrevem que esses conceitos centrais “são fundamentais na compreensão, estruturação e organização das áreas científicas e do ensino de ciências”, e que alguns deles são de caráter integrador, de natureza interdisciplinar. A dimensão social e cultural do conceito (LEITÃO, 2010) está atrelada às relações estabelecidas entre as diferentes culturas e o meio ambiente, ou seja, tem contato íntimo com a biodiversidade ecossistêmica. Nesse sentido, se trata de um conceito propício para o ensino de Biologia na perspectiva dos temas controversos, já que a biodiversidade apresenta amplitude conceitual (dos genes aos ecossistemas) e reflete as tensões sociais envolvidas nas discussões do uso sustentável dos recursos naturais.

2 DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

Esta pesquisa foi desenvolvida numa abordagem predominantemente qualitativa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986; BODGAN; BIKLEN, 1994) com enfoque na exploração etnometodológica dos enunciados produzidos sobre o conceito de biodiversidade em duas atividades distintas, em que licenciandos de Ciências ou Biologia estavam envolvidos. A seguir o detalhamento de ambas atividades, em espaço formal (Lecampo) e em espaço não formal (curso Conexão).



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



Posteriormente a descrição das atividades é apresentado os resultados e discussões proporcionados por essas duas experiências formativas.

Atividade 1 – A controvérsia da fragmentação áreas verdes no campo

Destarte foi realizada uma análise de um relatório construído a partir das observações feitas em diário de campo pelo professor responsável pela disciplina nos momentos em que esteve nas comunidades de alguns licenciandos do campo cumprindo visitas inclusas no Tempo Comunidade, conforme já descrito anteriormente. Nessa perspectiva é que o caderno de campo do professor formador foi analisado, e diante do seu olhar sobre a comunidade, selecionou-se trechos dos enunciados que evidenciam a relação dialógica entre a demanda sociocultural da comunidade e as propostas didático-pedagógicas do curso de Ecologia a serem ministradas aos licenciandos.

Considerou-se a demanda agroecológica diagnosticada na comunidade, portanto, aspectos relacionados à cultura do trabalho e da comunidade dos licenciandos, para a elaboração da aula. A aula foi pensada a partir de uma problematização que envolvia a controvérsia entre os modelos agrícolas hegemônicos e alternativos (no caso, a Agroecologia) a partir da fragmentação de áreas verdes no campo.

A aula tem início com o convite para que os licenciandos pudessem refletir sobre a influência do ser humano na fragmentação das áreas verdes presentes na zona rural. Na sequência, a aula foi organizada mediante as seguintes estratégias didáticas, ou o que denominamos de “momentos”: a. Caso simulado: foi elaborado um problema na qual duas espécies de animais silvestres (porcos do mato, popularmente conhecidos como queixadas, e onças pintadas) estão invadindo uma pequena e uma grande propriedade. As queixadas estariam acabando com as plantações de milho das duas propriedades, e as onças, que vão em busca das queixadas, acabam matando bovinos que também estão presentes nas duas áreas. Sendo assim, a proposta é uma divisão da sala em dois grupos de ecólogos, e cada um deles deve elaborar estratégias para solucionar o problema da invasão. Um deles ficaria responsável por dar soluções ao dono da grande propriedade e o outro da pequena propriedade. b. Palestra sobre Agroecologia: para potencializar a controvérsia; c, Leitura de uma carta da ministra da agricultura (estabelecer o embate): para potencializar a controvérsia; d. Apresentação das estratégias pensadas e elaboradas sobre o caso simulado; d. Discussão dos aspectos ambientais e ecológicos relacionados à aula; e. Escrita de uma carta dirigida ao IBAMA, contando o problema do caso simulado e as estratégias para solucioná-lo.

A ideia de uma sequência de momentos é potencializar as discussões e o diálogo entre os saberes do campo, da comunidade, da ciência, da escola. E é a partir dessa perspectiva que se pode promover a apropriação do conceito de biodiversidade em meio às discussões e à controvérsia instaurada.

Atividade 2 - Controvérsia do uso e consumo da água em diferentes culturas

Para a coleta de dados foi analisado, primeiramente, o material didático referente ao “Módulo Água” e, desta maneira, foi selecionada uma aula da área de Ciências Naturais cujo foco era o conceito de biodiversidade. Num segundo momento, buscou-se a aula selecionada nas gravações em áudio e vídeo disponibilizadas pelo grupo Conexão. Feito isso, a aula foi



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



assistida, na íntegra, cuja duração foi de aproximadamente 3 horas, o que demonstra o esforço de trabalho em buscar os momentos do vídeo pertinentes à discussão.

Importante descrever, em linhas gerais, as características identificadas ao longo do vídeo assistido. A aula foi organizada a partir da abordagem temática “Uso e consumo da água: quanto podemos consumir?”, sendo que essa questão polêmica foi explorada no período de um mês (março de 2013). Salienta-se que esta aula estava articulada a aulas anteriores e que também teve continuidade por outros professores no dia seguinte, já que cada aula do curso conexão tem duração de 2 dias. Portanto, fez-se necessário observar a aula anterior, também de Ciências Naturais, em que o professor dividiu a sala em grupos para representar diferentes etnias, como chineses, esquimós, índios e beduínos, a fim de propor atividade de busca dos aspectos culturais destas etnias que estivessem ligados à água. Desta maneira, na aula analisada foram retomados tais grupos bem como a atividade realizada anteriormente.

Depois de visualizado todo o vídeo, foram selecionados, a priori, os episódios nos quais foram identificadas discussões que envolviam o conceito de biodiversidade. Na aula analisada o problema e a controvérsia da aula pautada na questão de escassez de água em diferentes etnias instigaram os alunos a pensarem estratégias para reduzir o consumo de água considerando os recursos da biodiversidade local de cada etnia, assim como nos aspectos culturais que poderiam modificar o comportamento desses grupos em relação ao consumo de água. Os alunos estavam divididos em quatro grupos dos quais cada um deles representava uma diferente etnia: índios, esquimós, beduínos e chineses. E os licenciandos em Ciências Biológicas acompanharam as discussões de cada grupo, registrando em caderno de campo.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

Os resultados estão organizados em duas etapas. A primeira delas apresenta a análise e discussões acerca do relatório do caderno de campo do professor responsável pela disciplina de “Ecologia e estudo do meio” construído após visita às comunidades dos licenciandos de uma licenciatura em Educação do Campo. E a segunda etapa apresenta um trecho de interação discursiva durante a discussão controversa da relação entre biodiversidade e culturas.

Posteriormente, a apresentação destes dados, foi possível discutir articulações envolvendo o conceito científico de biodiversidade e suas implicações para a formação inicial de professores de Ciências/Biologia durante o estágio docência, a partir de uma perspectiva intercultural das práticas sociais desempenhadas em espaços formais e não formais de ensino.

Da análise do relatório do caderno de campo do professor

No relatório do professor, ele caracteriza assentamentos e acampamentos de quatro licenciandos em Educação do Campo, principalmente, em relação aos processos educativos desenvolvidos na comunidade e nas escolas inseridas nestes locais. Assim, há neste documento trechos de atividades desenvolvidas em espaços não-formais de ensino, tais como hortas e viveiro de mudas, em que os licenciandos deveriam atuar em futuros projetos de ensino.

Apesar de ainda não ser parte do estágio docência, enquanto disciplina, por ser um curso novo, o tempo comunidade permite discussões pedagógicas *in locu* com a visita dos professores formadores. Para facilitar a análise do relatório foram selecionados trechos que



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDDOC (EDUCIAMA/UFAM)

Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



indicassem algumas demandas dos licenciandos do campo. No trecho a seguir, por exemplo, o professor aponta a existência de um projeto de Horta Escolar em uma das escolas.

Além de conhecermos a estrutura física da escola, conhecemos um pouco mais da sua história e sobre os trabalhos que são desenvolvidos, **tendo destaque um projeto de Horta Escolar que procura viabilizar a educação agroecológica.** (grifo nosso, p. 6)

No trecho anterior, percebe-se que em uma das escolas visitadas é desenvolvido um projeto que objetiva uma educação agroecológica. Nesse momento já pode-se considerar que, a Agroecologia, sendo definida como a “aplicação dos princípios e conceitos da Ecologia no manejo e desenho de agroecossistemas sustentáveis” (GLIESSMAN, 2008) pode ser trabalhada junto à Ecologia, campo a ser explorado nesta pesquisa dentro do ensino de ciências/biologia.

Em outro trecho, a seguir, a Agroecologia surge novamente enquanto demanda, em visita do professor a outra escola, denominada “Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta”.

*Ainda na terça-feira viajamos a outro assentamento para conhecermos a Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto [...] Neste espaço um projeto de escola popular está se concretizando a qual tem o propósito de fornecer formação de nível básico, técnico e superior, **uma educação que se sustenta em princípios da agroecologia e da agrofloresta.*** (grifo nosso, p.12)

Novamente, notou-se uma demanda pelo tema da Agroecologia na visita do professor a esta organização de ensino, que constitui-se como espaço não formal, já que não possui registro oficial ou autorização formal de certificação dos níveis escolares. Nota-se mais uma vez a possibilidade da discussão sobre a importância da biodiversidade na fundamentação dessa discussão, a partir de espaço não formal de ensino como *lócus* privilegiado para o estágio. Tais dados levaram a escolha da Agroecologia enquanto temática a ser explorada na formação inicial de professores do campo e na preparação da aula em que a fragmentação da área verde no campo, como descrito no item anterior, fosse pensada para a realidade desses sujeitos. O fato de o curso ser dirigido às populações camponesas que são, em sua maioria, parte de movimentos sociais ligados a terra e ao campo, torna a Agroecologia uma proposta adequada à realidade de vivências desses sujeitos, bem como a inserção desse espaço não formal no estágio docência.

Partindo destas ideias, a Agroecologia torna-se um tema polêmico na medida em que divide a sociedade entre aqueles que apoiam os métodos agrícolas tradicionais, e os que buscam por modelos alternativos e mais sustentáveis, como por exemplo, o caso da agricultura familiar. Sendo assim, a atividade descrita partiu da controvérsia da Agroecologia para a criação de um recorte epistemológico mais específico a realidade de vivências dos licenciandos atendidos. Nota-se que esse diagnóstico da comunidade por parte dos estudantes durante o estágio docência poderão subsidiar discussões de cunho didático e que favoreçam a formação de um professor autônomo, criativo e crítico.

Da análise das interações discursivas na aula sobre Uso e consumo de água

A atividade foi acompanhada por licenciandos do terceiro período de um curso de Ciências Biológicas, e portanto as interações discursivas, mediadas pelo professor do curso, são objetos



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



materiais da metodologia empregada e observada pelos licenciandos. No presente trabalho apresenta-se somente o momento em que os alunos do curso popular Conexão conseguiram associar que na diminuição do consumo de água é possível a manutenção da biodiversidade, já que as outras formas de vida (fatores bióticos dos quais os seres humanos precisam manter relações para sobrevivência) também necessitam do consumo de água (fator abiótico) para sobreviver. Aqui percebe-se que os alunos trazem um mecanismo causal para explicar o conceito de biodiversidade, aspecto fundamental para a compreensão da produção do conhecimento científico.

Contudo, não foram identificados trechos em que os alunos fazem uma generalização do conceito de biodiversidade visto que os grupos discutiram uma realidade cultural ligada à uma biodiversidade específica de cada etnia trabalhada. No entanto ressalta-se o aumento do nível de complexidade da apropriação do conceito de biodiversidade nos discursos dos alunos na medida em que ocorria a apresentação das estratégias dos outros grupos.

Turno	Participante	Fala
361	Pr	<i>vamos ouvir então acho que os esquimós é um povo porque os coitados(+) em termos de biodiversidade(+) o acesso a biodiversidade acho que é o povo assim que teria mais essa deficiência então como eles lidaram com isso (+) vocês querem falar para o pessoal” bom se quiserem usar a lousa caso precisem</i>
372	A	<i>Nós iríamos criar lei de multas e: castramentos por exemplo (+) castramentos de lobos parcialmente(+) nós íamos ter as matrizes mas a maioria seriam castrados para um (incompreensível) controle de natalidade(+) a gente pensou em tipo frear</i>
373	Pr	<i>Vocês iam controlar a taxa de natalidade de cães(+) por que?</i>
374	A	<i>Porque:: porque eles também usufruem da água então a gente ia castrar eles</i>
375	Pr	<i>racionar/ a água que o cachorro bebe</i>
376	A	<i>Isso</i>
377	D	<i>E diminui o número de consumidores ((risos))</i>

Quadro 1 – trecho de interações discursiva durante a atividade analisada.

No turno de fala 361 há um movimento discursivo do professor de referência ao conceito de biodiversidade, no sentido de gerar reflexão da pouca biodiversidade do bioma em que está inserido o grupo étnico dos esquimós. Importante ressaltar a relevância do papel do professor na sala de aula enquanto mediador da aula. Aguiar Jr. e Mortimer (2005) apontam a importância das intervenções do professor na atividade discursiva e na condução da construção de significados em aulas de ciências a partir da consideração do contexto sociocultural do aprendiz e de suas concepções de mundo sobre as práticas sociais analisada por ele na configuração da abordagem intercultural para o ensino de ciências. Assim, o licenciando tem a oportunidade de perceber as práticas docente como prática dialógica e que demanda a mediação entre diferentes saberes postos em sala de aula. Além disso, o espaço



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



não formal analisado propicia a percepção de metodologias alternativas ao que tradicionalmente vem sendo aplicado em espaços formais, assim a articulação entre esses dois tipos de espaços educacionais tornam-se relevantes para a mediação de estágio docência a partir da perspectiva intercultural da Educação em Ciências.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato permitiu evidenciar a importância da vivência dos licenciandos em diferentes espaços de ensino para a percepção das diferentes práticas sociais que envolvem os processos educativos, e como as interfaces entre diferentes aspectos culturais tanto da ciência, como àquelas relacionadas ao contexto de vida imediato, podem consolidar-se como caminhos possíveis para abordagens problematizadoras e dialógicas como perspectiva de formação do futuro professor de Ciências/Biologia. A ideia não é desconsiderar o espaço formal da escola para o estágio, mas sim proporcionar vivências de diferentes práticas de ensino.

A comparação das duas atividades, por meio da análise discursiva de enunciados escritos e orais, permitiram identificar elementos fundamentais sobre aspectos relacionados à natureza da ciência, tais como, noção de causalidade, construção de hipóteses, problematização, dentre outros. Além disso, a ampliação do conceito científico de biodiversidade, para a dimensão ecossistêmica do conceito, foi identificada nas falas das interações discursivas em uma atividade temática. Esses são elementos fundamentais para a formação inicial de professores visando a alfabetização científica dos cidadãos.

Com relação à abordagem identificada nos espaços não-formais de ensino, nota-se que o uso das controvérsias sociocientíficas são dispositivos metodológicos da produção dos diálogos interculturais. Ao contrastar o movimento CTS com os pressupostos freireanos, Auler (2011) pontua que os alunos devem sair de uma “cultura de silêncio” para uma “cultura de participação” e, para que isso ocorra, os currículos de ciências devem ser voltados à utilização de temas controversos, temas sociais ou temas sociocientíficos. Santos (2011) também corrobora com tais ideias ao apontar que o ponto de partida das aulas de ciências num currículo CTS está em torno de temas reais e de controvérsias.

Assim, a opção pela abordagem temática dos conceitos científicos, bem como a escolha do dispositivo metodológico das controvérsias sociocientíficas, mostraram-se estratégias didáticas adotadas para abordagem educacionais centradas nas práticas sociais reais, urgentes e agudas da sociedade contemporânea. Assim, esse relato pode traçar alguns caminhos rumo à organização do estágio docência pela perspectiva da educação intercultural, que valoriza os diálogos entre saberes no contexto em sala de aula, incluindo os científicos, e não a imposição dos mesmos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Orlando Gomes & MORTIMER, Eduardo Fleury. Tomada de consciência de conflitos: análise da atividade discursiva em uma aula de ciências. **Investigação em Ensino de Ciências**, v. 10 n°. (2). 2005.

AIKENHEAD, G. S. **Educação científica para todos**. Portugal: Edições Pedagogo, 2009.



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



- AULER, D. Novos caminhos para a educação CTS: ampliando a participação. In: Santos, W. L. P.; _____(Org.) **CTS e educação científica: desafios, tendências e resultados de pesquisa**. EDU – UNB, 2011.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Ed., 1994.
- CASTRO, R.G.; MOTOKANE, M.T.; KATO, D.S. As concepções de biodiversidade apresentadas por monitores de projeto envolvendo atividades de trabalho de campo. **Revista da SBEnBio**, n.7, p.6234-6244, 2014.
- CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. São Paulo : Cortez Editora, 2002.
- DEMO, P. **Educação e alfabetização científica**. Campinas, SP: Papyrus, 2010.
- GIROUX, H. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia: Processos ecológicos em agricultura sustentável**. 3ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- LEITAO, C.S. Biodiversidade cultural e imaginário do desenvolvimento: políticas públicas para a valorização e proteção integradas do patrimônio cultural e natural brasileiros. **Políticas Culturais em Revista**, v. 1, n.3, p.5-22, 2010.
- LEVINSON, R. A theory of curricular approaches to the teaching of socioscientific issues. **Alexandria: Revista de Educação em Ciências e Tecnologia**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 133-151, mar. 2008.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- OVIGLI, D.F.B. A formação de professores para educação do campo: uma experiência na disciplina “Campos Numéricos”. **Revista Eletrônica Cadernos CIMEAC**, v. 4, n. 2, 2014. Disponível em: <
<http://www.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/cimeac/article/view/1466>>. Acesso em 3 de novembro de 2015.
- PIMENTA, S. G., LIMA, M.S.L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poésis** -Volume 3, Números 3 e 4, p.5-24, 2005/2006.
- REIS, P. e GALVÃO, C. Os professores de Ciências Naturais e a discussão de controvérsias sociocientíficas: dois casos distintos. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, 7(3), 746-772, 2008
- SADLER, T. D.; ZEIDLER, D. L. The morality of socioscientific issues: Construal and resolution of genetic engineering dilemmas. **Science Education**: v.88, p.4-27, 2004.
- SANTOS, W. L. P. (Org.). **CTS e educação científica: desafios, tendências e resultados de pesquisa**. EDU – UNB, 2011.
- SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In: Nóvoa, A. (org.) **Os professores e a sua formação**. 3. ed. Lisboa: D. Quixote, 1997.



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



VIEIRA, V; BIANCONI, M. L; DIAS, M. Espaços não-formais de ensino e o currículo de ciências. **Ciência e Cultura**: v.57, n.4, pp. 21-23, 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n4/a14v57n4.pdf>. Acesso em: 21 de março de 2016.



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



ANÁLISE METODOLÓGICA ADOTADA NO ENSINO DE BIOLOGIA NA ESCOLA ÂNGELO RAMAZZOTTI

Alex Matheus Viana Ferreira¹

Welton Yudi Oda²

Maria de Nazaré Ribeiro da Silva³

RESUMO

Os docentes do campo das ciências enfrentam quase que cotidianamente dificuldades metodológicas e/ou conceituais. Pensando nisso, este trabalho procurou analisar a metodologia utilizada no ensino de biologia, bem como a resposta dos alunos ao método utilizado, na escola Ângelo Ramazzotti, localizada na cidade de Manaus-Am. No geral, os resultados foram similares, poucos alunos participavam das aulas enquanto que uma grande maioria não demonstrava muito interesse. Acredita-se que tanto o modo como os assuntos são trabalhados não são suficientes para a maioria dos discentes, dessa forma temos uma barreira entre professor e aluno, barreira essa que prejudica o aprendizado desses alunos.

Palavras-chave: Ensino de Biologia; Recursos Didáticos.

1 INTRODUÇÃO

Os educadores, principalmente no campo das ciências, se deparam com novas descobertas científicas, novas tecnologias e frágeis instrumentos de trabalho. Sendo assim, cabe ao professor manter-se atualizado às descobertas científicas de sua área e encontrar maneiras de torna esse “saber científico” atrativo a seus alunos. Junto a isso, frente as condições de trabalho alguns educadores acabam tornando-se dependentes do livro didático, usando este como única fonte de consulta e recurso didático, assim, abrindo mão de sua autonomia dentro da sala de aula e ignorando os avanços científicos (Lima & Vasconcelos, 2006).

Os recursos didáticos são as ferramentas utilizadas pelo professor para facilitar o processo ensino-aprendizagem, a diversificação dos recursos torna-se necessária devida a complexidade de alguns conceitos dentro do campo da biologia.

O presente trabalho teve como objetivo analisar a metodologia utilizada no ensino de biologia em turmas de primeiro ano na escola Ângelo Ramazzotti, localizada na cidade de Manaus, bem como observar como os alunos respondem a ela. As observações foram feitas no período de abril a julho de 2015, acompanhando as aulas do turno matutino, foram observadas aulas de duas turmas. Os registros foram feitos em fichas de campo aprovadas pela orientadora do estágio.

¹ Licenciando em Ciências Biológicas-UFAM; alex.matheus.viana@gmail.com;

² Doutor em educação- UFAM; yudioda@yahoo.com.br;

³ Licenciado em Ciências Biológicas, atualmente professora da rede Estadual de Manaus; nazasilva2001@hotmail.com;



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



2 METODOLOGIA

As observações foram realizadas na escola Ângelo Ramazzotti, localizada na cidade de Manaus, durante o turno matutino em turmas do primeiro ano do ensino médio.

Foram observados o tempo das aulas, a forma que a docente desenvolvia os conteúdos, as competências e habilidades compatíveis com os conteúdos das aulas e se foram desenvolvidos ou não e o comportamento da turma durante as aulas; para registro dos parâmetros observados foi utilizada uma ficha de campo aprovada pela orientadora do estágio (Anexo 1), os dados obtidos foram utilizados para construção de gráficos no programa *Excel 2013*.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

As aulas acompanhadas sempre seguiam da mesma maneira, a docente levava um resumo do conteúdo presente no livro didático e o copiava na lousa para que os alunos tomassem nota, após o educador explicava os conteúdos e tirava as possíveis dúvidas da classe. Em todas as aulas o recurso utilizado foi a lousa e o livro didático sempre utilizado como fonte de consulta, independente do conteúdo trabalhado, como mostram as tabelas 1 e 2.

Tabela 1: Distribuição das aulas (turma 1).

Aulas Turma 1		
Data	Tema	Recurso
24/04/2015	Prova de Recuperação	Prova impressa
06/05/2015	Fluxo de energia	Lousa
24/07/2015	Núcleo Celular	Lousa
27/07/2015	Exercício	Livro
31/07/2015	Exercício	Livro

Tabela 2: Distribuição das aulas (turma 2).

Aulas turma 2		
Data	Tema	Recurso
24/04/2015	Prova de Recuperação	Prova Impressa
06/05/2015	Fluxo de energia	Lousa
15/05/2015	Membrana Celular	Lousa
24/07/2015	Núcleo Celular	Lousa
27/07/2015	Exercício	Livro
31/07/2015	Núcleo Celular	Lousa



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



Como mostram as figuras 1 e 2. As aulas se deram da mesma forma nas duas turmas acompanhadas, as quais serão tratadas aqui como turma 1 e 2. De modo geral as turmas se comportaram de forma similar, a maior parte dos alunos mostrava desinteresse durante as aulas e alguns alunos mostravam-se participativos respondendo questões levantadas pela professora e fazendo perguntas. Na turma 1 as aulas sempre eram no terceiro horário, das cinco aulas acompanhadas nesta turma apenas em uma os alunos comportaram-se, de modo geral, dispersos sem questionar muito os conteúdos apresentados ou levantar questões acerca do mesmo. Já na turma 2 as aulas acompanhadas foram no terceiro e quinto horários, das seis aulas acompanhadas os alunos comportaram-se de forma dispersa em três das aulas e de forma mais participativa também em três aulas.

Turma 1 (Aulas no 3º horário)

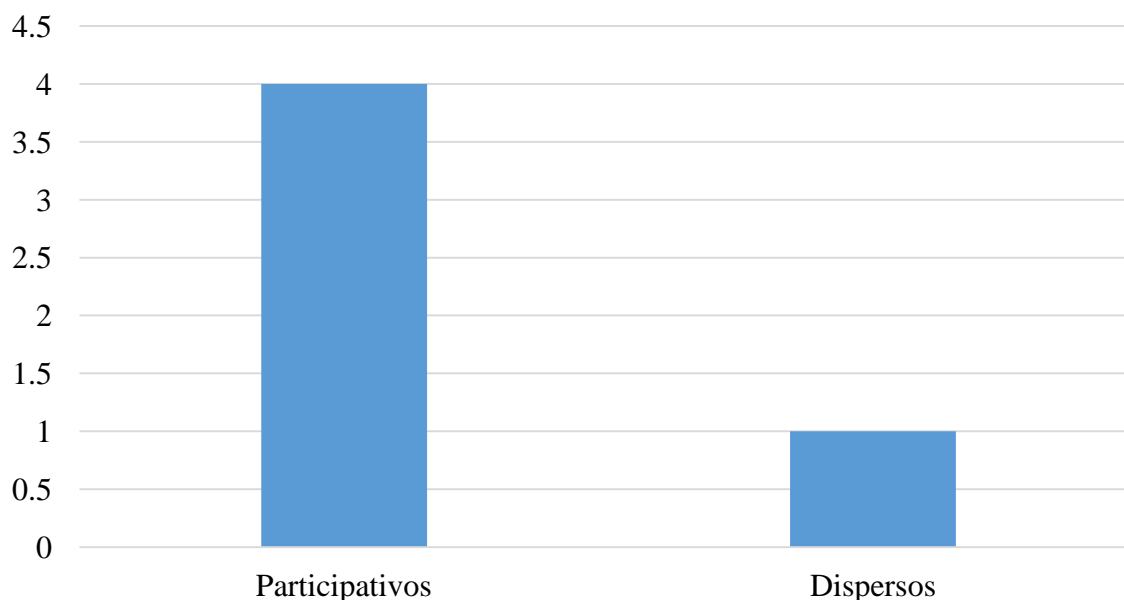
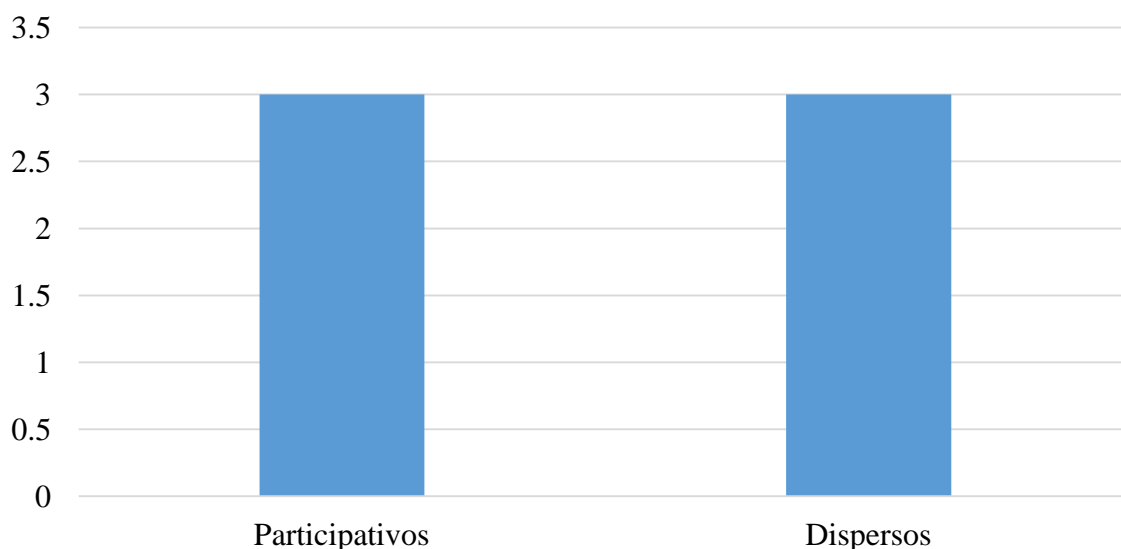


Figura 1: Gráfico esquematizando o comportamento dos alunos (turma 1) durante as aulas.

Turma 2 (Aulas no 3º e 5º horários)





**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



Figura 2: Gráfico esquematizando o comportamento dos alunos (turma 2) durante as aulas.

Observando o comportamento das turmas (figura 1 e 2), ilustrado acima, a questão levantada foi: O que poderia estar causando estas diferenças no comportamento nas classes? Por que a turma 1 se comportou de modo distinto da turma 2 sendo que tiveram o mesmo tipo de aula e conteúdo?

A primeira hipótese levantada foi que o horário das aulas poderia estar influenciando diretamente no comportamento dos alunos, sendo assim a turma 1 por ter aulas mais cedo se comporta de forma mais participativa que a turma 2 a qual foram acompanhadas aulas no terceiro e quinto horários, este sendo o último horário antes da saída dos alunos o que poderia deixá-los ansiosos por saírem da escola. Contudo, analisando as fichas da turma 2 percebeu-se que apenas uma aula no terceiro horário foi acompanhada, ou seja, a maioria das aulas eram no quinto horário (figura 3). Se a hipótese de que o horário das aulas poderia influenciar o comportamento daqueles fosse verdadeira os dados mostrariam um comportamento diferente, a turma necessariamente se mataria dispersa na maioria das aulas, o que não foi observado.

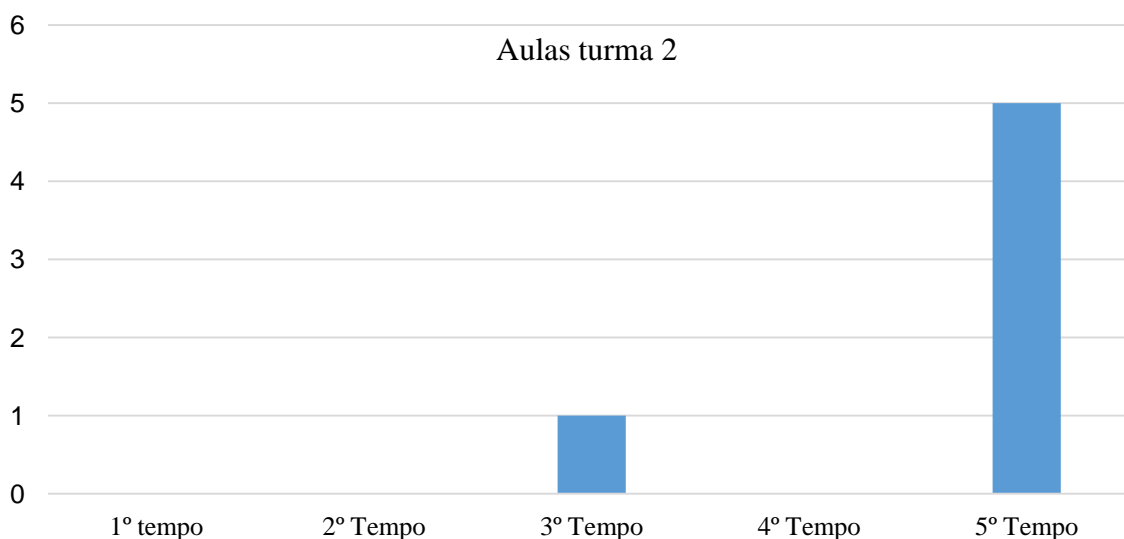


Figura 3: Horários de aula turma 2.

Dessa forma outras hipóteses foram levantadas, como o fato desse comportamento nas turmas ser resultado da maneira que os conteúdos eram trabalhados e também do perfil dos alunos presentes na classe. Os alunos que participavam das aulas levantando questões sempre eram os mesmos, não havia, portanto, uma participação homogênea das classes. Isso pode ser resultado do perfil daqueles poucos alunos que participam das aulas, seja por uma afinidade maior pela matéria ou por uma afinidade com o professor. Além disso, a forma de aula utilizada foi tradicional, segundo a qual o conhecimento humano possui um caráter cumulativo, que deve ser adquirido pelo indivíduo por meio da transmissão dos conhecimentos a ser realizada na instituição escolar (Mizukami, 1986).



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



Sabemos que há alunos que respondem bem a esse tipo de aula, porém há outros para os quais esse tipo de metodologia não é o suficiente (nesse caso, a maioria das turmas observadas). Considera-se necessária, deste modo, uma mudança no método de ensino, a introdução de iniciativas que consigam alcançar os outros alunos, aqueles que não respondem bem a metodologia utilizada atualmente. Além disso, incluir novas fontes de consulta seria necessário, visto que apenas o livro didático é utilizado, e muitos autores já vêm apontando as deficiências nos livros didáticos, a principal delas são as informações desatualizadas principalmente no que diz respeito aos livros utilizados no ensino de ciências e biologia (Pretto 1983; Mortimer 1988; Fracalanza 1993; Neto & Fracalanza 2003; Vasconcelos & Souto 2003;).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas observações e análise dos dados podemos concluir que o método utilizado em sala de aula não é suficiente para o aprendizado das turmas, sendo assim seria necessário uma mudança tanto na forma em que as aulas são planejadas, pensando-se em maneiras de facilitar o ensino-aprendizado. Além disso, a consulta a um número maior de fontes bibliográficas, tais como outros livros (além do usado pela rede pública de ensino), periódicos voltados a divulgação científica, visto que esses são mais atualizados que os livros didáticos.

5 REFERÊNCIAS

- FRACALANZA, Hilário. O que sabemos sobre os livros didáticos para o ensino de Ciências no Brasil. 1993. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 1993.
- LIMA, K.E.C.; VASCONCELOS, S.D.; *Análise da metodologia de ensino de ciências nas escolas da rede municipal de Recife*; Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.52, p. 397-412.2006.
- MIZUKAMI, M. G. N. Ensino: as abordagens do processo. S.,o Paulo: EPU, 1986.
- MORTIMER, Eduardo F. A evolução dos livros didáticos de Química destinados ao ensino secundário. Em Aberto, Brasília, v.7, n.40, p. 24-41, out. 1988.
- NETO, J.M.; FRACALANZA, H.; *O Livro Didático de Ciências: Problemas e Soluções*; Ciência & Educação, v.9, n 2, p. 147-157, 2003.
- PRETTO, Nelson de Luca. A ciência nos livros didáticos. Campinas-SP: Ed. Da UNICAMP; Salvador: CED/UFBA, 1985. 95 p.
- VASCONCELOS, S.D.; SOUTO, E.; *O Livro Didático De Ciências No Ensino Fundamental- Proposta De Critérios Para Análise Do Conteúdo Zoológico*; Ciência & Educação, v.9, n 1, p. 93-104, 2003.



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



**FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES NO ENSINO
TECNOLÓGICO: APLICAÇÕES DA PEDAGOGIA DE PROJETOS E
APRENDER INVESTIGANDO NA DISCIPLINA PESQUISA E
PRÁTICA PEDAGÓGICA 1**

Luciani Andrade de Andrade¹

Amarildo Menezes Gonzaga²

RESUMO

Relata as vivências e experiências iniciais de uma mestranda em Ensino Tecnológico do IFAM, em estágio em docência no curso de Licenciatura em Química e Biologia da mesma instituição, na disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica 1, que por meio da Pedagogia de Projetos e metodologia desenvolvida por Martín Rojo (1997) Aprender Investigando A/I desenvolve juntamente com o estágio, pesquisa para construção de dissertação com foco na Formação Inicial de Professores em Educação Tecnológica. O estágio encontra-se em fase inicial sendo trabalhado juntamente com os futuros professores os conceitos que antecedem a aplicação das referidas metodologias, bem como a organização dos grupos os quais serão desenvolvidos os projetos de trabalho. Portanto, relata-se neste artigo a construção desta pesquisa evidenciando referencial bibliográfico e metodológico necessário para a sua execução, e consequentemente prosseguimento do estágio evidenciando os aspectos inerentes a Educação Tecnológica e a Formação Docente.

Palavras-chave: Educação Tecnológica; Formação Docente; Pedagogia de Projetos; Aprender Investigando e Estágio em Docência.

**1 CONTEXTUALIZANDO O ESTÁGIO EM DOCÊNCIA NA DISCIPLINA
PESQUISA E PRÁTICA PEDAGÓGICA 1**

O estágio em docência a ser relatado vem sendo realizado para obtenção de créditos no curso de Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, o qual está sendo desenvolvido também no próprio IFAM, com alunos dos cursos de Licenciatura em Química e Biologia na disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica 1. A disciplina possibilita ao aluno os primeiros contatos com a prática docente e com as rotinas didáticas e pedagógicas fundamentais para a condução da profissão docente e para o decorrer de sua carreira como professor, principalmente nos anos iniciais. Para (NOVOA, 1992) na escola também é possível se refletir sobre as práticas, na tentativa de se visualizar o futuro professor como um profissional que deve produzir saber e saber-fazer. Nesta dimensão, também se torna primordial estabelecer conexões entre o aprendizado vivenciado durante esta experiência de estágio com estes alunos e as implicações que deverão se traduzir em minha conduta enquanto futura mestra e também professora de Educação Tecnológica.

¹ Mestranda em Ensino Tecnológico. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM. E-mail: luciani0020@gmail.com

² Dr. em Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM. E-mail: amarildo.gonzaga@yahoo.com.br



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



Objetivamos neste estágio desenvolver a pesquisa de mestrado a qual resultará na dissertação final a ser defendida para obtenção do título de mestre, que tem como foco a Formação Inicial de Professores na Educação Tecnológica, pois compreende-se que as pesquisas em educação devem “focar mais sobre as conexões entre características do professor, formação, aprendizagem e práticas docentes” (ZEICHNER, 2009, p. 19). Neste sentido, estabelece (MORAIS et al, 2014, p. 5)

A formação tem que ser vista como uma nova possibilidade de recomeço, não sendo apenas uma questão de introduzir objetivos e metodologias, sendo estes, importantes para a organização do ensino, mas, tentar reinventar arranjos didáticos e situações de aprendizagem [...].

2 CONSTRUINDO CONHECIMENTO NA FORMAÇÃO INICIAL

Reconhecer que a profissão docente se constitui a partir do processo de construção da identidade do professor não parece ser tarefa fácil de ser compreendida durante a formação inicial, contudo, no decorrer do caminho que se percorre no professorado, percebemos que esta profissão se constitui de tantas vertentes quanto possíveis, e que estas caracterizam o ser professor em todas as suas nuances. Para (Marcelo, 2009, p. 112)

É preciso entender o conceito de identidade docente como uma realidade que evolui e se desenvolve, tanto pessoal como coletivamente. A identidade não é algo que se possui, mas sim algo que se desenvolve durante a vida. A identidade não é um atributo fixo para uma pessoa, e sim um fenômeno relacional. O desenvolvimento da identidade acontece no terreno do intersubjetivo e se caracteriza como um processo evolutivo, um processo de interpretação de si mesmo como pessoa dentro de um determinado contexto.

Dentro desta contextualização, esclarecemos que o trabalho com as turmas de Licenciatura em Química e Biologia na disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica 1 encontra-se ainda no início, e este vem sendo conduzido por meio da Pedagogia de Projetos a qual se desenvolve por projetos de trabalho, no que define (HERNÁNDEZ e VENTURA, 1998) como uma evolução do professorado que permite que eles reflitam sobre sua prática pedagógica a fim de melhorá-la. Para (HERNÁNDEZ, 1998) nos currículos desenvolvidos por meio de projetos de trabalho, as atividades, sejam elas docentes ou discentes, são realizadas de forma bem diversificada, pois os alunos se agrupam a partir de temas ou problemas que serão pesquisados e trabalhados em sala. O que se considera é o aprendizado colaborativo guiado neste processo de interação entre professores e alunos. Nesta mesma linha de pensamento (GONZAGA, 2006, p.50) afirma que

Consideramos, a partir de nossa experiência, a pedagogia de projetos como uma primeira vertente da mencionada organização curricular. Principalmente se levarmos em consideração a flexibilidade que a envolve, assim como as possibilidades de construção do conhecimento centradas em interesses e expectativas dos sujeitos envolvidos no processo, e suas relações com os seus respectivos objetos. De acordo com esta prática pedagógica, é possível ainda proporcionar uma construção coletiva do conhecimento, problematizando e contextualizando questões relacionadas à vida do jovem, conduzindo-o a possibilidades de perceber e se deparar com a diversidade, dando a ela um tratamento desafiador, capaz de driblar a linearidade, fragmentação dos



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



componentes curriculares e os demais paradigmas que engessam o sistema escolar.

Neste sentido, estamos conduzindo a pesquisa que se dá durante o processo de estágio com a aplicação da metodologia Aprender Investigando A/I criada pelo Prof. Doutor Martín Rodríguez Rojo, que “decorre de um nível de intervenção mais concreto e a curto prazo, podendo acontecer no espaço de sala de aula, inclusive.” (GONZAGA, 2006, p. 53)

Os estudos de Rojo baseiam-se em um modelo sistêmico denominado de Modelo Ecológico Comunicativo que refere-se a “um processo investigativo enquanto instrumento para averiguar as relações entre o biótopo (descripción del contexto) e a biocenosis (características del alumno)” (OLIVEIRA e GONZAGA, 2011, p. 4).

Diante disso, o Modelo Ecológico Comunicativo estabelece dentre outras delimitações que se coadunam com as utilizadas na metodologia Aprender Investigando quais seriam (ROJO, 1997 apud GONZAGA, 2006, p. 53-54)

- A pesquisa parte da análise da prática escolar. Parte do mundo da vida no próprio cotidiano da sala de aula, das ideias prévias dos alunos, de seus preconceitos, de suas imagens do mundo, dos sujeitos que se entendem entre si como observadores participantes da sociedade, do mundo vivido, ainda que não problematizados pelos sujeitos, de suas crenças, de seus valores, dos conhecimentos populares que o aluno possui, de suas suspeitas de seu saber implícito.
- A pesquisa conta com a relação biótipo-biocenose e com o significado que os pesquisadores atribuem tanto a essa relação, como os próprios problemas e conflitos decorrentes da intuição ou pela preocupação da comunidade educacional.
- A pesquisa examina previamente os recursos, o espaço escolar, a temporalização de suas fases e a organização de todas as disponibilidades.
- A pesquisa enfatiza o protagonismo dos interventores na biocenose escolar. Concretamente reivindica a problemática do professor como pesquisador.
- As operações intelectuais utilizadas na pesquisa ressaltam a participação dos alunos. A pesquisa é democrática.
- A pesquisa favorece os processos simétricos de comunicação social e para lográ-lo utiliza as dinâmicas como o trabalho em equipe, a plenária etc.
- A pesquisa suscita atitudes críticas muito apropriadas para superar os obstáculos ou dificuldades do ecossistema escolar, a solidariedade e o compromisso na solução dos problemas.
- A pesquisa usa técnicas e métodos próprios do paradigma ecológico, com são: a observação participativa, o respeito a complexidade natural, o desenho de enfoque progressivo, a pesquisa-ação, a indeterminação radical da prática, o processo de triangulação e as técnicas flexíveis de coleta de informações.

2.1 ALGUMAS EXPERIÊNCIAS INICIAIS

Como o estágio supervisionado docente relatado neste trabalho encontra-se em sua fase inicial, ainda são poucas as análises que podem ser expressas neste relato, apenas aquelas que



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**



dizem respeito a metodologia desenvolvida, haja vista este proceder conjuntamente com minha pesquisa de mestrado, e aquelas que se referem ao comportamento e as percepções dos futuros professores dos cursos de licenciatura em química e biologia do IFAM. Portanto, compreendo que ressignificar as práticas pedagógicas, bem como a formação docente de maneira diferenciada como, por exemplo, na utilização da pedagogia de projetos como metodologia aplicada para esta formação, suscita certa resistência derivada da mudança, que em um primeiro instante é causada por conta do novo e do diferente. Dentre muitas consequências, pode a resistência a mudanças vir a prejudicar o processo pelo qual se deve passar quando da aplicação de novas metodologias. Neste sentido, as mudanças devem ser encaradas positivamente, dando a elas um caráter construtivo, viabilizando administrar os interesses de todos os envolvidos, no caso em questão os discentes das turmas mencionadas.

E foi o que inicialmente observamos nas feições e atitudes dos alunos quando da informação pelo professor da disciplina que esta seria conduzida de maneira diferenciada. Após informados sobre a utilização da Pedagogia de Projetos, em especial ao modelo metodológico Aprender Investigando, o peso que a palavra projeto carrega para estes acadêmicos, expresso em algumas falas, demonstraram certa apreensão em se conduzir projetos, no sentido de *a priori*, se imaginar este possa ser difícil de ser desenvolvido, ou mesmo baseando-se somente em um conhecimento de projetos experimentais que advém de sua prática laboratorial típicas das áreas de química e biologia.

Por estas perspectivas, foi importante esclarecer aos discentes inicialmente, que seriam tratadas no decorrer da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica 1, de construção de projetos os quais se delimitariam sobre temas que visam não propriamente os conhecimentos específicos de cada área de conhecimento em química ou biologia, mas sobre a vertentes que se situam sobre o processo de constituição da identidade do professor, as quais abrangem as práticas de ensino e as práticas pedagógicas, que incidem sobre a atividade docente efetivamente. Assim, foi possível enveredar por questões nunca antes refletidas por estes alunos no decorrer dos anos de aprendizado na academia. Tais questões referem-se aquelas as quais oportunizam o reconhecimento da importância de cada um se descobrir professor. Processo esse que perpassa as três dimensões formativas constituintes da identidade do professor, quais seriam, a dimensão ontológica que para (SANDIN ESTEBAN, 2010, p. 29-30) refere-se “[...] à natureza dos fenômenos sociais”, a dimensão epistemológica que ainda citando o autor suscitará questionamentos do tipo, “[...] como é possível conhecer e comunicar o conhecimento? O conhecimento deve ser adquirido ou é algo que pode ser experimentado pessoalmente? [...]”, e a dimensão metodológica que para ele preocupa-se com o modo pelo qual o indivíduo cria, modifica e interpreta o mundo em que se encontra.

Evidenciamos a pesquisa como um suporte as práticas pedagógicas em sala de aula que neste processo de construção respalda e legítima a própria trajetória, a incorporação, compreensão e entendimento das dimensões que constituem a profissão docente e a fortalecem. Contudo, vislumbramos tais práticas docentes não somente no ímpeto de ensinar os conhecimentos específicos de cada curso, mas como ensiná-los, como traspor tais conhecimentos, ficando claro a importância da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica 1 na construção do professor que poderá ser muito mais que um mero reproduzidor de conceitos, distanciando assim, daquela educação bancária tão criticada por Paulo Freire. Neste sentido, notamos ser preciso para os discentes e para mim como participante ativa deste processo de estágio docente, nos apropriarmos da pedagogia, enfatizando-a como aquela que nós permitirá obter suporte em



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



nossas práticas de ensino diárias em sala de aula, oportunizando seguir embasados em conceitos humanos, éticos e sociais com pesquisas em educação, desta forma, convergem para esse pensamento (MORAIS et al, 2014, p. 4) quando afirmam que

A prática Docente precisa ser pensada não apenas de um ponto de vista técnica e profissionalizante, mas também humano e social, através da criticidade, curiosidade epistemológica, da pesquisa, dos estudos teóricos, mas também, da sensibilidade, da capacidade de flexibilidade, da humildade, da ética.

3 BREVES REFLEXÕES SOBRE UMA PROPOSTA INICIAL

Notamos que é interessante observar, neste percurso inicial do estágio em docência no qual me encontro o convívio com os futuros professores, e o delineamento das primeiras explanações relativas à busca por uma identidade docente. Foi reflexivo nos primeiros instantes da abordagem dos temas que serão trabalhados em sala de aula, estes delimitados na própria ementa da disciplina, e a partir das acepções inferidas pelo professor, perceber que tudo para estes educandos soava novo e estranhamente interessante, quem sabe talvez até desnecessário em outros momentos. Tendo em vista nos encontrarmos apenas no início do processo de construção dos projetos, as percepções tornam-se ainda dúvidas que poderão ser respondidas no decorrer do semestre onde serão oportunizadas não somente novas vivências aos envolvidos, mas também uma nova formação.

Diante destas percepções as quais permeiam o universo destes alunos, estas me levam a refletir sobre as formações docentes ainda que em instituições de Educação Tecnológica, pois ocorrem distante daquilo que descreve (DURÃES, 2009, p. 167) sobre este tipo de educação “[...] a educação tecnológica está associada a uma formação ampla, que se preocupa em formar um sujeito profissionalmente capacitado, com um sólido embasamento científico, capaz de desenvolver e administrar novas tecnologias, e que, acima de tudo, seja um cidadão que saiba se posicionar na sociedade em que vive”. Ou mesmo estas formações ocorrem centradas apenas em repasse de conhecimento ou na prática afastada ou em desconexo com a teoria. Imperante é reconhecer que toda proposta educacional deve se focar em construir conhecimentos robustos, assim poderíamos todos nos beneficiar de conhecimento apropriado, assim a técnica deve ser considerada um tipo de saber específico que requer cuidados didáticos peculiares (BARATO, 2002). Portanto, necessita ser reconhecido que as formações que a envolvem precisam ser ressignificados.

4 ALGUNS APONTAMENTOS

Em pouco tempo de vivência no estágio percebemos que o aprendizado se constrói e se ressignifica no decorrer dos dias, transpondo um novo percurso que permitem o alavancar da pesquisa e do aprender a ser professor, e no processo de busca de identidade docente a qual durante o mestrado em ensino tecnológico me oportunizou encontrar. Muitas deveriam ser as pesquisas nesta vertente, pois visam não somente contribuir com nossa própria formação, mas como no meu caso, contribuir com a instituição de ensino da qual faço parte como aluno e como docente. Neste sentido, tal experiência evoca-me o ímpeto e a clareza de que é necessário prosseguir com as pesquisas, com a descoberta do conhecimento e com o desenvolver da Educação Tecnológica no país. E assim, nos dizeres de (BOLZAN e ISAIA, 2010, pg. 5) percebemos que “Ao refletirmos sobre a tessitura dos processos formativos



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDDOC (EDUCIAMA/UFAM)
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



docentes é fundamental pensarmos que estes processos de construção docente estão imbricados nas atividades de aprender a ser professor, ou seja, na construção e utilização de estratégias de apropriação dos saberes e fazeres próprios ao magistério superior”.

Sendo assim, esta primeira etapa de construção de conhecimento juntamente com as turmas de Licenciatura em Química e Biologia do IFAM, na disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica 1, vem interagir junto ao complexo de informações que devem conduzir à construção de conhecimento possibilitando o desenvolvimento das práticas docentes viabilizadas por meio do estágio em docência.

Por fim, considero que a continuidade do estágio oportunizará com a aplicação da Pedagogia de Projetos e metodologia Aprender Investigando, que estes futuros professores sejam formados de maneira diferenciada e com conceitos diferenciados, podendo compreender a ênfase a que se reporta a Educação Tecnológica e a responsabilidade que esta tem em nosso país, no que concerne ao caráter social pelo qual deve se instituir, pois como assevera (MOURA, 2008) quando menciona o poder que a Educação tecnológica possui no que tange a contribuir para que o alunado seja reinserido na sociedade, no trabalho e na vida política do país, para tanto, precisa-se de uma formação que forme integralmente este cidadão, possibilitando que estes possam atuar de maneira ética como agentes de mudanças com vistas ao atendimento dos interesses da coletividade.

REFERÊNCIAS

BARATO, Jarbas Novelino. **Escritos sobre Tecnologia Educacional & Educação Profissional**. São Paulo: SENAC, 2002.

DURÃES, M.N. Educação técnica e educação tecnológica múltiplos significados no contexto profissional. **Educação e Realidade**. Nº 34, p. 159-175, 2009.

GONZAGA, Amarildo Menezes. A formação do professor pesquisador a partir da pedagogia de projetos: uma integração possível. **Revista Olhar do Professor**. Ponta Grssa, v. 9, p. 47-62, 2006. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1451/1096>> Acessado em 26/02 de 2016.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na Educação: os projetos de trabalho**. Tradução Jussara e Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. Tradução Jussara e Haubert Rodrigues. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente profissional: formar para a mudança e a incerteza**. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BOLZAN, D. P. V.; ISAIA, S. M. A. Processos formativos e docência: tecendo redes de formação na educação superior. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. XV ENDIPE, 2010, Belo Horizonte-MG, **Anais ...** Belo Horizonte-MG, 2010.

MARCELO, Carlos. A identidade docente: constantes e desafios. Tradução: Cristina Antunes **Formação Docente**. Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p. 109-131, ago./dez. 2009. <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>> Acessado em 26/02 de 2016.



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SESDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



MORAIS, E. M.; MARTINS, E. T. C.; CARDOSO, S. Formação docente para a educação profissional e tecnológica: uma reflexão necessária para o desenvolvimento da prática pedagógica. In: Seminário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, IV, 2014, Belo Horizonte, **Anais ...** Belo Horizonte: 2014.

MOURA, Dante Henrique. A formação de docentes para a educação profissional e tecnológica. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v. 1, n. 1, jun. 2008. Brasília: MEC, SETEC, 2008. p. 23-38.

NOVOA, Antônio. Formação de professores e profissão docente. **Repositório da Universidade de Lisboa**. Lisboa, 1992. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10451/4758>> Acessado em 26/02 de 2016.

OLIVEIRA, E. S.; GONZAGA, A. M. Pedagogia de Projetos: uma alternativa didática ao Ensino de Ciências. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências - VIII ENPEC e Congresso Iberoamericano de Investigación en Enseñanza de las Ciencias - I CIEC. Campinas-SP, 2011. **Anais...**Campinas: 2011.

SANDIN ESTEBAN, Maria Paz. **Pesquisa Qualitativa em Educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre: AMGH, 2010.

ZEICHNER, K. M. Uma agenda de pesquisa para a formação docente. Tradução: Cristina Antunes. **Formação Docente**. Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p. 13-40, ago./dez. 2009. Disponível em <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>> Acessado em 26/02 de 2016.



2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para a Docência – II SEDDOC (EDUCIAMA/UFAM)

**Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016**





**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



**CARTA ABERTA DOS PARTICIPANTES DO II SEDDOC AOS
EDUCADORES DO AMAZONAS**

Nós, estudantes, professores e professoras da educação básica e do ensino superior, participantes do II Simpósio de Estágio Supervisionado para a docência, reunid@s na Universidade Federal do Amazonas, entre os dias 22 e 24 de março de 2016, vimos, por meio desta, convidar as educadoras e educadores amazonenses para compartilhar conosco as preocupações, problemas e perspectivas enunciados a seguir.

O referido simpósio, ao congregar intervenções educacionais, investigações e reflexões sobre as experiências realizadas durante as atividades de estágios curriculares de diferentes cursos e instituições formadoras de docentes da educação básica em nosso estado, pretende contribuir para a melhoria da problemática e incipiente relação entre os partícipes deste processo, particularmente, considerando-se as instituições nele envolvidas, referimo-nos à escola, à universidade e às secretarias municipais e estadual de educação.

Acreditamos que tais relações constituem a raiz de muitos dos principais problemas no quadro da formação de nossos licenciandos. Dentre estes, destacam-se:

- Deficiências na supervisão dos estágios por parte de docentes escolares e universitários, que não dialogam sobre este assunto, gerando situações de atuação improvisada de estagiários - tanto para a substituição eventual de professores e professoras quanto para a execução outras de tarefas indevidas e inadequadas e que pouco ou nada contribuem para a formação destes licenciandos;
- Falta de compromisso de muitos integrantes de programas de formação docente, como o PIBID;
- Falta de diálogo entre estagiári@s e corpo técnico da escola;
- Ausência de condições para um adequado planejamento, pautado na investigação de aspectos como o universo temático do estudante e de aspectos sociohistóricos, funcionais e estruturais da escola, gerando dissociação entre os PPPs e a dinâmica das escolas;
- Ausência de condições objetivas para o uso de equipamentos e espaços destinados à práticas de experimentação em Ciências;



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



- Inadequação dos currículos das licenciaturas, os quais, particularmente no caso do estágio, são inadequados para atender as necessidades de formação de um docente em sintonia com as distintas realidades escolares contemporâneas, além de não envolverem os professores do curso e outras instâncias, como os NDEs e as comissões de estágio, excetuando-se os docentes das áreas pedagógicas, nas atividades de estágio;
- Insuficiência na formação pedagógica de professores e professoras da educação básica e do ensino superior, envolvidos na formação docente, gerando práticas baseadas na mera transmissão acrítica de conteúdos descontextualizados, na adoção de livros didáticos como fontes exclusivas, além de um anacronismo no uso de recursos pedagógicos e aparatos tecnológicos.

Ao apontar tais questões, estamos nos restringindo à análise da problemática dos estágios curriculares, mas não olvidando ou negligenciando outros elementos do quadro de precariedade das instituições educacionais brasileiras, decorrentes de políticas públicas que retiram da educação pública e gratuita os recursos e as condições necessárias a seu pleno funcionamento.

Tais elementos incluem a desvalorização salarial dos docentes (cujas consequências, no quadro atual, são a evasão nos cursos de licenciatura e a falta de professores em diversas áreas do saber), as dificuldades político-organizacionais da categoria docente e a precariedade estrutural das escolas e universidades. Neste sentido, ainda que apontemos para a importância e a necessidade da organização política da categoria docente, como condição *sine qua non* para a superação deste quadro, consideramos que tal prática, ainda que de nossa responsabilidade, seja inerente a outros espaços de atuação, privilegiadamente, os sindicatos.

Mais do que mera síntese de tais problemáticas, nós, participantes deste simpósio, registramos, nesta missiva, alternativas, sugestões e encaminhamentos para os problemas aqui apresentados, oriundos, tanto da literatura especializada do campo educacional – produtos de reflexões teóricas e investigações empíricas realizadas por importantes especialistas -, quanto de nossas próprias reflexões e investigações, realizadas em instituições educacionais das redes municipal, estadual e federal, mas também em espaços não-formais, quer em escolas regulares, quer no ensino técnico, quer na educação de jovens e adultos. Apontam-se, assim,



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



como elementos para a superação da atual problemática no exercício do estágio supervisionado:

- Buscar estratégias para ampliar o envolvimento de docentes da educação básica nas discussões acadêmicas promovidas no âmbito do estágio supervisionado;
- O efetivo envolvimento de docentes universitári@s (incluindo os colegiados das licenciaturas, os NDEs e as comissões de estágio) e estagiários em um planejamento escolar que possibilite: a) o trabalho conjunto de docentes de distintas áreas do saber, visando a efetivação de práticas interdisciplinares e contextualizadas, que reconfigurem os conteúdos escolares, b) a produção de um manual de orientação para os estagiários; c) novos materiais didáticos, tornando os conteúdos significativos e, d) o estabelecimento de processos de formação continuada, com o protagonismo intelectual do docente escolar;
- Ampliar os canais de comunicação e divulgação de nossas propostas e pautas, a começar pelas contidas nesta carta aberta;
- Maior articulação e diálogo da coordenação deste simpósio com as pró-reitorias de graduação e outras instâncias, como as secretarias estadual e municipais de educação;
- A difusão da compreensão do estágio como campo de pesquisa visando a transformação das atuais práticas docentes, em todos os níveis, por meio de processos formativos que permitam a constante reflexão, a investigação sobre a prática docente e sobre o universo temático dos estudantes, com consequente melhoria da compreensão da realidade escolar e da adoção de uma postura crítica dos docentes sobre em relação às próprias práticas;
- Adoção de sistema de credenciamento, na universidade, para docentes orientadores de estágio supervisionado;
- Maior comprometimento de docentes e estudantes com importantes programas de formação docente, como o PIBID e, ainda;
- Transformar a prática docente escolar hegemônica, buscando a adoção de metodologias ativas, centradas no aluno e que busquem superar seu apassivamento, fruto de processos baseados no paradigma transmissão-recepção.



**2º Simpósio dos Estágios Supervisionados para
a Docência – II SEDDOC (EDUCIAMA/UFAM)**
Pesquisa na escola: o professor produtor de saber
Manaus, 24 e 25 de março de 2016



Nossa tarefa, portanto, consiste em superar uma visão hegemônica, marcada pela compreensão de prática docente como trabalho individual, apassivador e baseado na reprodução do conhecimento disciplinar ora estabelecido, por uma visão pautada em conhecimentos e práticas cuja premissa seja a de um professor da educação básica que reconheça e assuma seu papel de intelectual autônomo, produtor de conhecimento, atuando numa relação horizontal e de cooperação mútua com as instituições de formação docente, relação esta que deve ser capaz de reconfigurar a realidade escolar, transformar a realidade social do educando, recuperando no professor amazônida - muitas vezes transformado num agente de produção em série do dócil operário da Zona Franca – o espírito guerreiro do valente Ajuricaba.

Manaus, 01 de junho de 2016.